

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ABC

**REDES POLÍTICO-CULTURAIS E ATIVISMO DIGITAL:
O CASO DO CIRCUITO FORA DO EIXO**

RODRIGO TARCHIANI SAVAZONI

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO PARTE DOS
REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.**

**ORIENTADOR: PROF. DR. SERGIO AMADEU DA
SILVEIRA**

**SANTO ANDRÉ
2013**

**CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS
HUMANAS E SOCIAIS**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

RODRIGO TARCHIANI SAVAZONI

**REDES POLÍTICO-CULTURAIS E ATIVISMO DIGITAL:
O CASO DO CIRCUITO FORA DO EIXO**

**DISSERTAÇÃO APRESENTADA COMO PARTE DOS
REQUISITOS PARA A OBTENÇÃO DO GRAU DE
MESTRE EM CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS.**

**ORIENTADOR: PROF. DR. SERGIO AMADEU DA
SILVEIRA**

SANTO ANDRÉ

2013

Para Lia, pelo companheirismo diário, pelas trocas constantes, pela vida partilhada

Para Juju e Chico, meus filhos, minha razão de seguir em frente

Para Jaime e Solange, meus pais, que me iniciaram na busca do conhecimento

AGRADECIMENTOS

A vida é como a antiga serra de Santos, a Anchieta, cheia de percursos curvos e belezas. Durante os dois anos e pouco que me dediquei a este mestrado, a sinuosa Anchieta foi parceira inseparável. Por ela transitei semanalmente percorrendo o trajeto de interligação entre minha casa em Santos e o campus de Santo André da Universidade Federal do ABC. Não poderia deixar de começar meus agradecimentos pela possibilidade de ter feito minha pós-graduação vivendo em Santos, cidade que é uma espécie de Meca familiar, e para a qual resolvi me mudar com a minha mulher, Lia, e meus filhos, Júlia e Francisco, sabendo que assim poderia me dedicar concentradamente aos estudos e também aos meus afetos. Essa decisão foi fundamental para pôr freio numa vida repleta de possibilidades como a que optei viver. Um freio necessário para a reflexão e o aprofundamento dos conhecimentos na Universidade. Concluir essa etapa é uma vitória, em si, e não seria possível sem amor, o carinho, o companheirismo e a dedicação de Lia, da Júlia e do Francisco, que souberam ser pacientes e compreenderam o desafio que o marido e o pai deles se impôs.

Preciso também agradecer aos meus pais, Jaime e Solange, e a meus irmãos, André e Vítor. Numa sociedade desigual como a nossa, poder contar com um núcleo familiar estruturado, em que o exercício do amor não é meramente retórico, trata-se de algo que só pode produzir gratidão.

Tanto no período de qualificação quanto para a redação final da dissertação, isolei-me no sítio Viramorro, de propriedade do meu sogro, Paulo Cortes. Passei dias ao lado dele, escrevendo e discutindo meus avanços. Paulinho, como nós da família o conhecemos, e seu Viramorro, um lugar mágico na Serra da Mantiqueira, são parte estrutural deste projeto. A ele, não posso apenas agradecer, precisarei retribuir com dedicação, disposição e rigor acadêmico, sempre. Estendo também o agradecimento à minha sogra predileta, Lourdes Rangel, a Lu, e a meus cunhados Gabriel Côrtes e Tiago Rangel, que são a minha segunda família.

Ao meu orientador, amigo e companheiro de militância, Sergio Amadeu da Silveira, mais que gratidão. Em nome dele, e dos membros da minha banca, Giselle Beiguelman e Maria Gabriela Marinho, estendo também o agradecimento a um conjunto de pesquisadores e ativistas com os quais tenho tido enorme prazer de conviver e aprender: Eliane Costa, André Lemos, Ivana Bentes, Cícero Silva, Jane de Almeida, Sérgio Cohn, Caru Schwingel, Henrique Parra, Pablo Ortellado, Fábio Malini, Renato Rovai, Fred Maia, Jéferson Assunção, Pena

Schmidt, Cacá Machado, Juliana Nolasco, Antonio Martins, Heloisa Buarque de Hollanda e Helder Quiroga.

Aos companheiros do mestrado da Universidade Federal do ABC, em especial Murilo, Paulo, Sérgio, Bruno, Cauê, Gustavo, Tica, Thiago e Érica, com quem pude estabelecer uma troca mais estreita. Aos professores Cláudio Penteado, Giorgio Romano e Graciela de Souza Oliver, pelos bons debates em sala de aula. É uma honra participar da primeira turma do mestrado em Ciências Humanas e Sociais desta universidade criada durante o governo Lula para ser um centro de excelência em nosso país.

Aos queridos co-constructores da Casa da Cultura Digital, espaço de invenção que possui muitas dentições e seguirá existindo, de inúmeras maneiras: Cláudio Prado, Gabriela Agustini, Georgia Nicolau, Bianca Santana, Dalva Santos, Daniela Silva, Pedro Markun, Thiago Carrapatoso, VJ Pixel, Maira Begalli, Fabiano Rangel, Leonardo Foletto, Paulo Fehlauer, Breno Castro Alves, Rodrigo Marcondes, Leo Caobelli, Diego Casaes, Andressa Viana, Paula Alves, Rafael Frazão, Natalia Vianna, Roberta Carteiro e todos mais.

Aos queridos companheiros com quem faço estripulias desde a época de faculdade, André Deak, Lígia Ximenez, Aloísio Milani, Daniel Merli, Oona Castro e Jorge Pereira Filho. Fizemos e ainda faremos muitas coisas juntos.

Aos amigos que acolhem minhas demandas existenciais, Celso Nucci, Roberto Romano Taddei, Joaquim Toledo Jr. (Jay Jay), Rafael Mantarro, Irineu Franco Perpétuo, Fábio “Bugre” Maleronka Ferron, José Guilherme Pereira Leite, Marco Antonio Araujo, Sérgio Gomes, Daniel Jelin, Mariana Levy, Julinho Bittencourt, Spensy Pimentel, Fabiana Vezzali e Eugênio Bucci.

Aos parceiros de vida e militância, Alvaro Malaguti, José Murilo Jr e Felipe Fonseca, da cultura digital; João Brant, Diogo Moyses, Adriano de Angelis, Antonio Biondi, Bia Barbosa, e em nome deles toda a turma do Intervozes.

O agradecimento especial deste trabalho é dedicado a Pablo Capilé, Felipe Altenfelder, Lenissa Lenza, Marielle Ramires, Carol Tokuyo, Ricardo Rodrigues, Daniel Zen, Talles Lopes, Otto Ramos, Caio Mota, Atilio Alencar, Thiago Dezan, L.F Marques (Goluko), Caiubi Mani, Filipe Peçanha, Bruno Torturra, Dríade Aguiar, e todos mais da rede Fora do Eixo, com quem convivi e conversei para a execução desta pesquisa. De Rio Branco, Acre, onde tomei contato primeiramente com a rede, em 2007, até este agosto de 2013, quase seis anos se passaram. Pude ir a Cuiabá, Belém, Manaus, Uberlândia, Fortaleza, São Carlos, entre tantas

outras localidades onde o FdE se faz presente, sempre sendo recebido da melhor forma possível. Espero ter contribuído com o entendimento desse processo rico, contraditório e profundo promovido por vocês.

Por fim, preciso fazer um registro ao meu atual chefe na secretaria municipal de cultura de São Paulo, um dos grandes inspiradores dessa empreitada, o sociólogo Juca Ferreira, Ministro da Cultura do governo Lula (2008-2010). Também a meus parceiros desde então Alfredo Manevy e José Luis Herencia. Por meio deles, também agradeço aos amigos e colegas de secretaria, que souberam compreender a minha ausência temporária para esta redação final, entre os quais Guilherme Varella, Giovanna Longo, Gil Marçal e Veruska Albertina.

RESUMO

Este trabalho consiste em um estudo de caso sobre o Fora do Eixo (FdE), uma rede que em agosto de 2013 articulava mais de cem coletivos no território nacional e também já se fazia presente em países da América Latina. Trata-se de uma investigação analítico-descritiva, que tem como objetivo aprofundar a compreensão sobre o fenômeno em questão e, tomando-o por base, registrar o advento das redes político-culturais, um modelo de organização/atuação que caracteriza a política no início deste século XXI, no Brasil e no mundo. Por meio de pesquisa empírica, baseada em observação, análise documental e entrevistas em profundidade, o Fora do Eixo é visto como um fenômeno político contemporâneo desta era em que a capacidade de criar redes se afirma como a principal forma de poder na sociedade informacional. No estudo, demonstramos que o Fora do Eixo tem início como uma rede de articulação de cenas culturais de cidades do interior do país e de capitais afastadas do eixo hegemônico da produção cultural – o eixo Rio-São Paulo – mas avança para se constituir como uma organização política que atua no campo cultural e também em frentes de mobilização social, valendo-se para isso de domínio do manejo da comunicação digital e do uso avançado da internet.

Palavras-chave: Cultura digital. Política cultural. Movimentos sociais. Redes político-culturais

ABSTRACT

This work is a case study about Fora do Eixo (FdE), a network that in August 2013 over one hundred collective articulated in the national territory and also was already present in Latin America. This is a descriptive-analytic research that aims to deepen understanding of the phenomenon in question, and register the advent of political and cultural networks, a model of organization / activity that characterizes the political at the beginning of this century, in Brazil and in the world. Through empirical research, based on observation, documentary analysis and interviews, the Fora do Eixo is seen as a contemporary political phenomenon of the age in which the ability to create networks is stated as the main form of power in the informational society. In the study, we demonstrate that the Fora do Eixo begins as a network of joint cultural scenes of the inner cities of the country and capital away from the axis of hegemonic cultural production - the Rio-São Paulo - but progresses to form as a political organization which operates in the cultural field and in front of social mobilization, using for that domain in digital communication and advanced use of the internet.

Key words: Digital culture. Cultural policy. Social movements. Political and cultural networks.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – Diagrama de funcionamento político do Fora do Eixo.....	17
FIGURA 2 – Diagrama do modelo de organização do Fora do Eixo.....	18
FIGURA 3 – Fontes de evidência de um estudo de caso.....	27
FIGURA 4 – Cartaz de apresentação dos Circuitos Regionais da Rede Brasil.....	67
FIGURA 5 – Cartaz da convocação do festival #ExisteAmoremSP.....	82
FIGURA 6 – Foto aérea da Praça Roosevelt durante o festival #ExisteAmoremSP.....	83
FIGURA 7 – Primeira reunião pública com a Ministra Marta Suplicy.....	88
FIGURA 8 – Protesto de rua em Serrana, São Paulo.....	90
FIGURA 9 – Cartaz de convocação da Reunião Extraordinária de Direitos Humanos.....	92
FIGURA 10 - Linha do Tempo do Funcionamento Político do Fora do Eixo.....	118

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – Acesso residencial à internet.....	56
------------------------------------------------	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 O FORA DO EIXO.....	15
2.1 ESTUDO DE CASO.....	25
2.2 REFERENCIAL TEÓRICO: POLÍTICA EM REDE.....	28
2.3 OUTROS ESTUDOS SOBRE O FORA DO EIXO.....	37
3 O CONTEXTO.....	46
3.1 NA ANTE-SALA DO GOVERNO LULA, O ALTERMUNDISMO.....	47
3.2 POLÍTICAS DA TROPICÁLIA E O MINISTÉRIO HACKER.....	50
3.3 A POPULARIZAÇÃO DA INTERNET E DA CULTURA DIGITAL.....	55
4 O CIRCUITO CULTURAL.....	59
4.1 DEZ ANOS QUE ABALARAM A MÚSICA.....	59
4.1.1 A Abrafin e a Rede Brasil de Festivais Independentes.....	65
5 A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA.....	69
5.1 ARTICULANDO AÇÕES EM REDE.....	70
5.1.1 Mobiliza Cultura: na luta contra o MinC, nasce uma organização nacional.....	70
5.1.2 Marcha da Liberdade: esquerda e direita no contexto das redes.....	72
5.1.3 Existe Amor em SP: redes, ruas, o direito à cidade nas eleições do Eixo.....	81
5.2 UMA PLATAFORMA ATIVISTA.....	85
5.2.1 Tudo dentro: ocupando espaços e estabelecendo parcerias.....	86
5.2.2 Mídia NINJA, massa de mídias e os protestos de junho.....	93
5.2.3 Deus e o Diabo na era da cultura digital.....	97
6 CONCLUSÃO: A REDE POLÍTICO-CULTURAL.....	111
REFERÊNCIAS.....	129
ANEXO A – CARTA DE PRINCÍPIOS.....	134
ANEXO B – REGIMENTO INTERNO.....	139
ANEXO C – FOTOS OFICIAIS DOS CONGRESSOS FORA DO EIXO.....	156

1 INTRODUÇÃO

As próximas páginas são dedicadas a um estudo de caso sobre o Fora do Eixo (FdE), uma rede de coletivos culturais e de ativismo político-digital que nos últimos anos ganhou notoriedade no país, mobilizando leituras dos meios de comunicação, da academia, da classe política tradicional e de aliados e adversários na sociedade civil. As atividades desse agrupamento serão avaliadas criticamente, por meio de uma investigação analítico-descritiva. O foco deste esforço é aprofundar a compreensão sobre o fenômeno em questão e, tomando-o por base, discutir também o advento das redes político-culturais, um modelo de organização/atuação que caracteriza a política no início deste século XXI, no Brasil e no mundo.

Por meio de pesquisa empírica, baseada em observação, análise documental e entrevistas, buscamos compreender o Fora do Eixo como um fenômeno político contemporâneo, num contexto social em que a capacidade de criar redes (CASTELLS, 2009) se afirma como a principal forma de manifestação do poder na sociedade informacional (CASTELLS, 1999). O ponto de partida é o contexto sócio-histórico em que o FdE surge e segue inserido. A partir dele, o objetivo do trabalho consiste em descrever e analisar como, de um agrupamento cultural de jovens oriundos de regiões sobre as quais há um bloqueio de visibilidade nacional, o FdE se transforma em uma organização política presente em todo o país, articulada principalmente no campo da cultura, mas que também passa a incidir sobre outros aspectos da realidade brasileira.

Para isso, no primeiro capítulo, a investigação se dedica a uma descrição do funcionamento do Fora do Eixo, delimitando suas principais características e objetivos. Também nesta seção, apresentamos o método empreendido, e discutimos outros estudos dedicados ao mesmo objeto. Nessa etapa, parte do referencial teórico do trabalho está exposto. Aqui, no entanto, vale uma ressalva: a seção apenas expõe parte do referencial porque, conforme veremos na discussão sobre a metodologia de estudo de caso, elementos teóricos são parte de todo o trabalho, uma vez que são fundamentais para a elaboração dos trechos analíticos.

No segundo capítulo, o contexto. Buscamos respostas para as seguintes perguntas: (1) qual contexto permitiu a emergência desse agrupamento social contemporâneo? (2) Qual a influência dos movimentos sociais altermundistas para as novas formas de agir político? (3)

Qual o papel do governo Lula e do Ministério da Cultura dirigido por Gilberto Gil e Juca Ferreira, entre 2003 e 2010, no estímulo a redes como o Fora do Eixo? (4) O que a cultura digital e a democratização da internet no território nacional têm a ver com esse processo? (5) Como as limitações de acesso aos direitos culturais estimularam o surgimento de redes político-culturais?

No terceiro capítulo, o enfoque está no circuito cultural, o primeiro passo para a organização do Fora do Eixo. Buscamos responder: (1) As transformações do mercado musical foram determinantes para a afirmação da entidade? (2) Como se deu a atuação do Fora do Eixo na organização do ativismo em torno da música no Brasil? (3) Por que o Fora do Eixo opta por atuar, centralmente, na distribuição e circulação cultural? (4) Em que medida a organização contribuiu para a conformação de um circuito cultural não-comercial no País? (5) O Fora do Eixo consegue atingir em outras linguagens a mesma força que obteve na música? (6) Como o Fora do Eixo lida com as questões culturais atualmente?

O quarto – e mais longo – capítulo é dedicado à passagem de circuito cultural para a organização política, foco principal deste estudo. Novas questões: (1) A proposta de politizar o campo cultural sempre esteve no horizonte da organização? (2) A que se deve o fortalecimento do Fora do Eixo na articulação do movimento político-cultural no País? (3) Quanto contribuiu para a determinação de incidir sobre políticas públicas, inicialmente no campo da cultura e posteriormente em outras frentes, a instalação do comando nacional do Fora do Eixo no eixo Rio-São Paulo?

(4) Como funciona a estratégia de ocupação de espaços institucionais e não institucionais pelo FdE? (5) Essa opção pela política, em primeiro plano, afetou os processos de produção cultural pela entidade? (6) Em que medida o investimento nas redes sociais e no *midialivrismo*¹ posicionou a organização no cenário político? (7) Com quem se articula, para além de si, e como se relaciona com a classe política tradicional? (8) É possível especificar que tipo de organização é o Fora do Eixo: empresa, ONG, rede? (9) Quais as principais críticas que recaem sobre a organização e por que ela desperta simultaneamente fascínio e repulsa?

Este quarto capítulo também analisa as críticas que emergiram² sobre o Fora do Eixo

1 A expressão *midialivre* foi escolhida pelos ativistas de comunicação na segunda metade da década passada para nominar os grupos de comunicação alternativa contemporâneos. A articulação de *midialivristas* contribuiu para o desenvolvimento de políticas públicas no âmbito do Ministério da Cultura e para a realização de fóruns e encontros nacionais e internacionais, sendo o último deles durante o Fórum Social Mundial de 2013.

2 Na primeira semana de agosto de 2013, o Fora do Eixo vivenciou uma onda de denúncias oriundas de ex-parceiros, ex-membros e de artistas com os quais se relacionou nos últimos anos. Essas denúncias resultaram

no início de agosto, a partir do momento de super-exposição de uma de suas frentes de atuação: a mídia NINJA. Trata-se de um esforço de classificar e catalogar as divergências em torno do FdE, a partir dos relatos compartilhados em sites e redes sociais.

A conclusão é mais analítica que descritiva. Há tentativa de responder a uma única pergunta: partindo do fenômeno Fora do Eixo, como relacioná-lo com as redes político-culturais que estão se fortalecendo no Brasil e no mundo? Aqui, a busca é por uma generalização inicial que abra o debate em direção a novos modelos de produção cultural e participação política.

A complexidade do fenômeno se reafirma justamente nessa profusão de indagações que suscita. Pablo Capilé, principal porta-voz da organização, em entrevista para a coleção *Produção Cultural no Brasil*,³ e Talles Lopes, criador do Espaço Goma de Uberlândia e atualmente articulador da Casa Fora do Eixo Minas, em entrevista para esta pesquisa, afirmam que o Fora do Eixo, desde a sua fundação, se visualiza como “movimento social”, com o objetivo de organizar jovens ligados aos circuitos culturais. Ao mesmo tempo, documentos públicos que descrevem o FdE apresentam-no como uma rede de “coletivos de tecnologia social”, que agenciam diferentes formas de produção imaterial. Seus críticos principais, como detalharemos mais adiante, os enxergam como uma empresa mascarada de coletivo cultural. Há múltiplas abordagens possíveis e, de alguma maneira, elas co-existem justamente pela novidade que a organização representa.

Há riscos para uma investigação dessa natureza. O principal deles talvez seja tentar explicar o mundo a partir de um único fenômeno. Como escreveu Perry Anderson, ao delinear um novo programa editorial para a revista *New Left Review*, no final dos anos 1990 do século passado, o período de buscar em qualquer nova expressão política a redenção para a luta social se encerrou. Nesta pesquisa, o objetivo é realizar um esforço empírico e qualitativo que enfoque o objeto em sua integralidade, sem fazer dele um campo de testes para teorias. Trata-se de uma contribuição pontual a um esforço de maior fôlego que está em curso, neste momento, nos estudos sociais no Brasil e no mundo. Qual seja? A compreensão da reconfiguração da política, da cultura, da sociedade e da economia a partir do advento da internet e da sociedade informacional.

Como afirma Canclini:

em matérias produzidas pelos principais veículos da Grande Mídia brasileira, como Veja e Folha. Esse episódio é analisado no tópico “Deus e o Diabo na era da cultura digital”.

³ Entrevista de Pablo Capilé para o projeto *Produção Cultural no Brasil*. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/uploads/livroremix/pablocapile.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

De certo modo, estamos passando a uma etapa pós-industrial da cultura. Não no sentido que deixaremos de fazer filmes, livros e música de forma industrial, como grande espetáculo, consagrados, com fórmulas estabelecidas. Quando falo de uma época pós-industrial me refiro a que a produção digital, em rede, com orçamentos baixos e acessíveis a muitos criadores tornam possível outros modos de fazer cinema, literatura e músicas em redes alternativas à grande indústria (CANCLINI, 2012, p. 13).

O Fora do Eixo, objeto deste estudo, é uma organização social que ainda está em construção, mas que, como veremos, insere-se na passagem da cultura brasileira para sua etapa pós-industrial. Sua forma de agir e ser desperta acalorados e apaixonados debates entre os “dissidentes do capitalismo digital” (GORZ, 2005, p. 63) justamente por se diferenciar de outras iniciativas que guardam alguma semelhança temporal e que também atuam no ambiente das redes e das ruas – o espaço onde o ativismo contemporâneo se realiza. Isso também estará em discussão neste trabalho.

A citação de Gorz de uma proposição de Patrick Viveret, no livro *O Imaterial*, se faz adequada para este trecho, porque aponta um rumo para o exercício das ciências humanas.

É preciso detectar as pessoas e os grupos portadores de visões culturais e espirituais que têm ou terão um papel essencial para dar vida à ideia de que a humanidade está centrada numa nova era, necessitando de novos quadros conceituais, culturais e éticos para acompanhar essa grande mutação (GORZ, 2005, p. 63).

O Fora do Eixo é, por todos os fatores já descritos nesta breve introdução, um desses quadros conceituais, culturais e éticos que nos auxiliam a pensar em profundidade sobre essa grande mutação em curso. Trata-se de uma organização múltipla, altamente regulada (por meio de sistemas próprios, estatutos, regras de conduta e convívio social intenso), de abrangência nacional e especificidades regionais, o que faz dela um desafio sociológico.

2 O FORA DO EIXO

Entre os vídeos de apresentação do Fora do Eixo (FdE), um merece especial destaque. Chama-se: *Fora do Eixo é Confundir*. A peça, editada em 2012 e postada no canal de compartilhamento de vídeo online YouTube,⁴ começa com a frase: “Fora do Eixo não é fácil de entender”. Segue-se então uma sobreposição de palavras para qualificar o Fora do Eixo. Ele é “cultura, música, cinema, universidade, teatro, meio ambiente, dança, tradição, coletivo, articulação, cumplicidade, conexão, exu, prática, pensar, devir, rede, militância”. Tudo isso em uma linguagem audiovisual que mescla velocidade e calculado despojamento, explorando com perícia a comunicação digital na era das redes. Após algumas imagens de uma manifestação de rua, o gerador de caracteres nos entrega mais uma afirmação: o Fora do Eixo é ativismo 2.0. Corta. Imagens da pedalada pelada, em que ciclistas protestam sem roupa e de bicicleta. Mais um corte. Mais uma sentença. O Fora do Eixo é “festa”, um frevo toca. O gerador de caracteres afirma: é “tudo ao mesmo tempo agora”. Seguem-se cenas de jovens com a máscara de Guy Fakes, que consagrou o coletivo hacker Anonymous, dançando Michael Jackson. Para quem ainda não entendeu o que as imagens e palavras querem dizer, o vídeo propõe um “exemplo prático”. Corta. Ruas de Porto Alegre. Pessoas normais caminham pela cidade. Assim é a capital do Rio Grande do Sul, em seu estado de normalidade. Mas a Porto Alegre Fora do Eixo é repleta de pessoas dançando em frente a um monumento histórico, aparentemente no Parque Farroupilha. Disso depreende-se que o Fora do Eixo se propõe a redesenhar as localidades onde atua. Com cultura, ativismo, festa e manejo avançado da comunicação digital. É, portanto, uma lente específica, um modo de ver, uma tática. Nada no vídeo denota um programa político específico. O programa é fazer. Por fim, a peça audiovisual lista velozmente cidades onde o coletivo está presente, no Brasil e na América Latina: Fortaleza, São Paulo, Piracanjuba e Catalão, entre outras localidades. Encerra-se, após 3 minutos, com: “crescendo e contando”.

Os antecedentes dessa organização que pretende “confundir” mais que “esclarecer” se encontram em Cuiabá, onde o produtor cultural Pablo Capilé, em parceria com as comunicadoras Lenissa Lenza e Mariele Ramires, fundou o coletivo Espaço Cubo, em 2002. As lideranças ligadas ao Cubo Mágico, como esse núcleo embrionário ficou conhecido, deram origem a uma moeda social, o Cubo Card, para administrar dentro de preceitos da economia

⁴ “Fora do Eixo é Confundir”. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br/2013/08/05/fora-do-eixo-e-confundir>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

solidária a cena local de música jovem na capital do Mato Grosso. No final de 2005, as articulações para a criação do Circuito Fora do Eixo tiveram início, conectando cenas culturais de cidades de médio porte e capitais afastadas do eixo produtor da cultura nacional, representado pela aliança Rio-São Paulo.

A primeira reunião destinada a debater essa nova organização ocorreu durante o Festival Grito Rock, em paralelo à festa de carnaval, no ano de 2006. Naquele momento, forjou-se uma parceria entre produtores sul-matogrossenses e seus pares de Rio Branco (AC), Uberlândia (MG) e Londrina (PR), conformando o núcleo de pioneiros do Fora do Eixo. Ainda assim, a rede só iria realizar seu primeiro Congresso em Cuiabá, no ano de 2008, em paralelo ao Festival Calango. Na ocasião, o principal nome convidado a expor suas idéias para o grupo de articuladores foi o economista Paul Singer, então Secretário Nacional de Economia Solidária do Ministério do Trabalho.

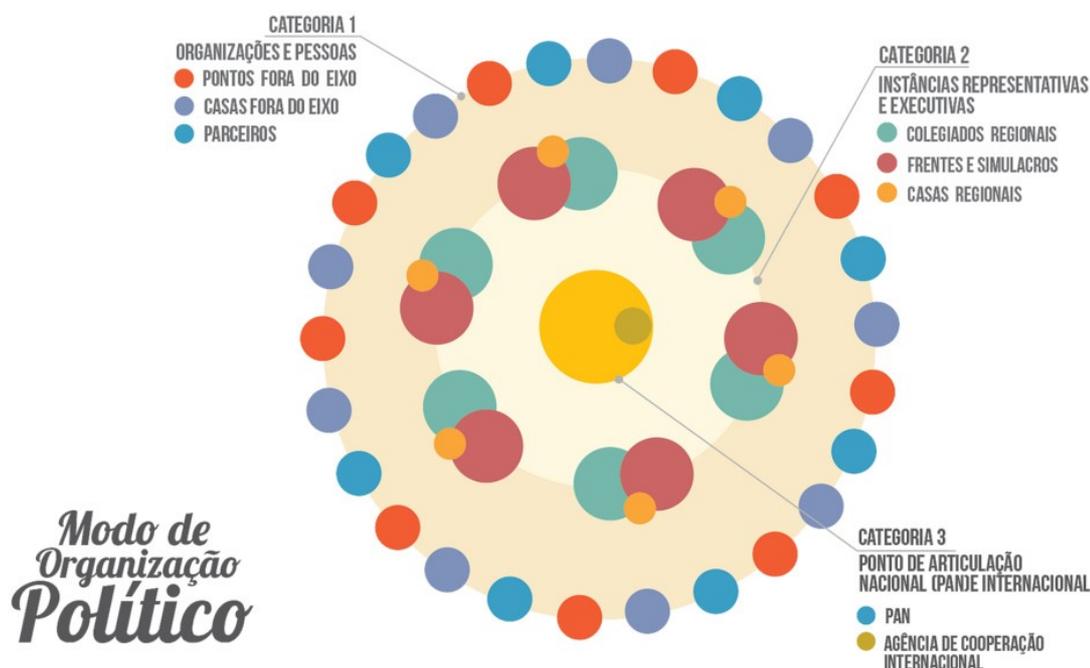
De setembro de 2008, quando foi realizado o primeiro encontro nacional dos coletivos aderentes ao circuito, até agosto de 2013, momento em que a redação final desta dissertação é produzida, o Fora do Eixo percorreu um percurso de crescimento exponencial e consolidação de suas formas de atuação.

A organização é composta por duas estruturas que se sobrepõem. Uma territorial e outra temática. Ambas têm no Ponto de Articulação Nacional (PAN), sediado na Casa Fora do Eixo São Paulo, seu epicentro operacional. No caso da articulação territorial, há casas coletivas responsáveis pelas articulações regionais: em Belém (Casa FdE Amazônia), em Porto Alegre (Casa FdE Sul), em Fortaleza (Casa FdE Nordeste) e em Belo Horizonte (Casa FdE Minas). Este ano foi inaugurada em Brasília a Casa das Redes, com o objetivo de ser uma embaixada de representação dos coletivos e redes político-culturais na capital do país, operação que é financiada pela Fundação Banco do Brasil.

Na topografia da rede, articulados às casas regionais, logo abaixo estão os coletivos, cuja função é desempenhar a representação local da rede Fora do Eixo nas cidades onde a organização se faz presente. Muitos desses coletivos vêm, aos poucos, reformulando sua atuação e assumindo-se como Casas Fora do Eixo locais. É o caso, por exemplo, das casas de São Carlos, Juiz de Fora ou Ribeirão Preto. Nesse nível também estão articulados os Pontos Parceiros do circuito, os quais não estão submetidos aos procedimentos de responsabilidade dos demais integrantes da rede, mas desenvolvem atividades em cooperação. É importante destacar que toda essa cadeia institucional é regulada por um regimento interno aprovado

durante o segundo congresso nacional do FdE, realizado em 2009 na cidade de Rio Branco, capital do Acre.

FIGURA 1 – Diagrama de funcionamento político do Fora do Eixo



Fonte: site oficial da entidade⁵

A essa estrutura territorial, soma-se outra, que se subdivide em dois feixes. Uma de frentes temáticas, associadas às linguagens artísticas, e outra que é baseada no que os integrantes do FdE chamam de *simulacros*. De acordo com Glossário Fora do Eixo, mantido pela Universidade Fora do Eixo, projeto de formação permanente desenvolvido com patrocínio da Petrobrás, esses simulacros “têm como objetivo disputar o modelo de sociedade em que vivemos, apresentando propostas concretas de reorganização das estruturas econômicas, políticas e sociais”.⁶ Numa tradução livre, são simulações das principais instituições estruturadoras das nossas sociedades, redesenhadas com outras características para se adaptarem aos princípios coletivistas que regem o FdE. Do Ponto de Articulação Nacional (PAN) ao Ponto Fora do Eixo, todas as organizações pertencentes à rede, obrigatoriamente, precisam ter pessoas dedicadas às frentes temáticas e aos simulacros.

⁵ Disponível em: <<http://www.foradoeixo.org.br>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

⁶ “Glossário Fora do Eixo”. Disponível em: <http://universidade.foradoeixo.org.br/?page_id=64>. Acesso em: 14 ago. 2013.

em sua operação cotidiana, ainda administra uma agência de eventos, que promove atividades como debates, shows e festas, um espaço para distribuição física de conteúdos, uma frente de promoção da arte no espaço coletivo, além do trabalho de design e de difusão de conteúdos pela internet.

As soluções criadas por cada um dos agentes que integram o FdE são parte daquilo que seus integrantes chamam de TECs, uma abreviação para tecnologias sociais. Elas devem ser sistematizadas, acumuladas e compartilhadas, gerando assim uma metodologia inovadora de gestão política e cultural. Normalmente, esses conteúdos são compartilhados não apenas com os membros da rede, mas por meio de canais abertos na internet. Essa lógica é inspirada na cultura do software livre, baseada no compartilhamento dos códigos que estruturam um determinado sistema, o chamado código-fonte. O Fora do Eixo estimula o uso de tecnologias livres em seu cotidiano, desenvolve seus sites valendo-se de ferramentas abertas, mas não impõe para seus integrantes a utilização de sistemas operacionais baseados em software livre como o Linux. É comum, por isso, que os membros da organização utilizem computadores e celulares da Apple, como McBooks e Iphones.

A responsabilidade pela sistematização e oferta desse conhecimento fica a cargo da Universidade FdE (a), que também prepara os encontros, vivências, colunas, imersões que compõem o cardápio de “formação” para os integrantes da rede e para os parceiros que dela se beneficiam. A Uni FdE é o principal instrumento para o fortalecimento daquilo que internamente ao grupo é conhecido como “banco de estímulos”, ou seja, o que faz com que o integrante aumente sua Felicidade Interna Bruta (FIB), que consiste no desejo de integrar e permanecer na vida coletiva. Entre as ações de estímulo, está conviver em um processo de trocas com um “corpo docente” formado por figuras de ponta do pensamento e da ação cultural no país, como artistas, professores universitários, ativistas, jornalistas etc. Esse “corpo docente” é justamente articulado pela universidade aberta que o Fora do Eixo criou.

Em 2012, de acordo com inventário feito pela própria organização⁷, a rede Fora do Eixo articulava 122 coletivos, 5 casas e 400 coletivos parceiros, que atuavam na organização de ações culturais e políticas. Em agosto de 2013, esse número passou para 18 casas coletivas, 91 coletivos e cerca de 650 coletivos parceiros. Essa estrutura, de acordo com estimativa da própria entidade, envolve 600 pessoas diretamente ligadas ao Fora do Eixo, mas influencia

7 Os dados atualizados sobre o tamanho do Fora do Eixo foram divulgados no blog do jornalista André Forastieri, no Portal R7. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo>>. Acesso em: 16 ago. 2013

cerca de 2000 agentes. Em sua maioria, os coletivos-membros são associações sem fins lucrativos. No detalhamento das contas de 2012 a organização movimentou, de forma descentralizada, cerca de R\$ 5 milhões, sendo que destes a metade oriunda de patrocínios públicos (R\$ 1,7 milhão) e privados (R\$ 500 mil). Esses valores, divididos entre casas e coletivos, resultariam em cerca de R\$ 40 mil reais por entidade, a metade do que o Governo Federal pratica de investimento em Pontos de Cultura.⁸

Um levantamento⁹ feito durante o 3º congresso da organização em 2010, entre um universo de cerca de 300 pessoas pesquisadas, ajuda a traçar o perfil do integrante do Fora do Eixo. A proporção de homens e mulheres é de 6 para 4. A grande maioria tem entre 19 e 35 anos, com concentração de quase 50% na faixa dos 19 aos 25 anos. O nível de escolaridade é de 1/3 de ativistas com ensino superior completo e outro 1/3 de gente em fase de superior incompleto. Cerca de 10% dos participantes já haviam cursado algum nível de pós-graduação (mestrado). É, fundamentalmente, uma organização de universitários e recém-formados, oriundos de cidades de médio porte do interior do país, ou de capitais de estados do nordeste, centro-oeste e norte.

De formações variadas, tendo a produção cultural como elemento articulador, esses jovens encararam o desafio da vida coletivizada. Nas casas e pontos do Fora do Eixo, os moradores dividem tudo – ou quase tudo. Os custos são bancados por um caixa coletivo. Em São Paulo, o caixa é também um cartão de crédito cujos membros têm a senha e que fica guardado em uma gaveta de um móvel na sala principal. Retira-se dali o que se precisa. Não há salário. Mas há funções, alternadas entre as responsabilidades estabelecidas pela rede e os afazeres domésticos. Os recursos em moeda corrente para o caixa vêm dos projetos empreendidos. Em geral, qualquer produção cultural, seja por meio de editais ou financiamento de leis de incentivo, prevê o pagamento da gestão administrativa e do trabalho efetuado. São esses valores que, recebidos por alguma das organizações que compõem o leque institucional do FdE, são depositados no caixa comum. Cobrem os custos essenciais. Há casos em que o participante, ao entrar para a rede, traz consigo alguns bens (como carros), que são postos a serviço de todos. Em uma entrevista¹⁰ assinada coletivamente, publicada na revista

8 O programa Cultura Viva prevê, por meio de premiação, o repasse anual de R\$ 80 mil por entidade contemplada, durante o período de 3 anos.

9 “Balanço do Fora do Eixo 2010”. Disponível em:

<<http://prezi.com/dydruaflhev7/modo-de-organizacao-fde-frentes>>. Acesso em: 14 ago. 2013.

10 “Fora do Eixo: 'Ninguém precisa ter medo de nada'”. Disponível em:

<<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/fora-do-eixo-201cninguem-precisa-ter-medo-de-nada201d-7841.html>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

Carta Capital, os membros do FdE afirmam: “o Fora do Eixo trabalha com a perspectiva de propriedade coletiva e compartilhada, com definições claras para o acesso pessoal.”

O modelo de gestão financeira é complementado pelo uso de moedas sociais, que na rede são chamados de cards. No caso do Fora do Eixo, o dinheiro social regula a troca de serviços entre os agentes que aderem ao “caixa coletivo” e entre os coletivos que compõem esse “clube de troca”. A sistematização desse fluxo de caixa imaterial é feita pelo simulacro do Banco (b), que se incumbem de articular tanto formas de captação de recursos em moeda corrente, como quantificar e gerir as “reservas solidárias”. De acordo com dados da entidade, foram movimentados, em 2012, 62 milhões em cards. No caso do FdE, no entanto, esses valores não são conversíveis. Ou seja, não há uma paridade entre os o FdE Card e os recursos correntes – a riqueza só existe como serviço compartilhado. Essa se configura como a economia central da rede. Difere, portanto, dos tradicionais bancos comunitários¹¹ que existe no país, os quais atualmente são 103, cada qual com uma moeda própria, mas têm lastro em real.

O economista Ladislau Dowbor, especialista em novos modelos econômicos, assim avalia essa experiência do FdE:

O sistema de financiamento da rede Ninja e da rede Fora do Eixo não constitui nada de revolucionário, existe em milhares de experiências pelo mundo afora e no Brasil, e consiste em reciprocidades baseadas em uma moeda contábil, ou simbólica, que pode ser representada por horas de trabalho. A diferença é que não se paga juros aos bancos, o que torna tudo mais barato, e facilita as trocas, ao se tirar os intermediários de cena. No caso mencionado no Roda Viva, trabalham com pouco dinheiro oficial (reais), e com muito dinheiro equivalente (cards), em que um grupo que realiza um show apoiado no esforço de organização de outro, por exemplo, passa a assegurar uma contribuição correspondente em reciprocidade em outro local ou cidade, expressa em cards, mas sem necessidade de dinheiro (DOWBOR, 2013, online).¹²

O simulacro Banco também administra o Fundo Nacional do Fora do Eixo,¹³ uma espécie de “caixa coletivo nacional”, que busca articular o fortalecimento financeiro dos coletivos-membros.

11 “Moeda do Fora do Eixo ilustra desafio de ‘alternativas’ ao dinheiro”. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130822_moeda_social_cubocard_fora_do_eixo_lgb.shtml>. Acesso em: 28 ago. 2013.

12 “Redes Culturais: desafio à velha indústria da cultura”. Disponível em: <<http://outraspalavras.net/uncategorized/redes-culturais-desafio-a-velha-industria-da-cultura>>. Acesso em: 20 set. 2013.

13 O Fundo Nacional Fora do Eixo possui regimento próprio e está disponível em: <https://docs.google.com/document/pub?id=1P0Ruh_rc26dJi1J0a2St7qXRMXkOKWaeH2VYKukIPw>. Acesso em: 19 ago. 2013.

Desde os primórdios, o Fora do Eixo se coloca como uma organização voltada a contribuir com a construção de políticas públicas, em especial no campo cultural. A interação da organização com os mecanismos institucionais de poder, portanto, é permanente. A administração dessas relações dentro da rede é feita pelo simulacro do Partido (c), que estimula que os coletivos destaquem seus membros para integrarem conselhos municipais, estaduais e o federal, que ocupem assentos em fóruns consultivos e deliberativos, que estabeleçam interlocução com vereadores, deputados estaduais e federais, para que sejam criadas bancadas parlamentares em defesa das políticas culturais. Outras agendas com as quais os coletivos estabelecem proximidade são as de juventude, meio ambiente, direitos humanos e participação social.

Essa gestão política passa também por outras duas dimensões, que iremos aprofundar em capítulo dedicado à atuação política do FdE: (1) a interlocução com a classe política tradicional, sem distinção partidária apriorística; (2) a articulação junto a outras organizações da sociedade civil, com especial atenção para os movimentos que se articulam simultaneamente nas redes sociais e nas ruas (no espaço público urbano).

Parte da força do Fora do Eixo está na sua capacidade de incidência nacional, com quadros políticos dedicados a tarefas de articulação em todos os coletivos pertencentes à rede. Parte na capacidade de uso intensivo da comunicação digital. O simulacro da Mídia (d) é aquele em que o Fora do Eixo mais tem investido. Ações de mobilização em redes sociais, como twitter e Facebook, criação de programas de TV pela internet, a partir da Pós-TV, transmissão ao vivo e registro fotográfico qualificado de ações de organizações parceiras e de protestos fazem parte do “cardápio” midiático desenvolvido pelo Fora do Eixo, que se organiza cada vez mais como uma plataforma de comunicação digital em rede a serviço de causas políticas diversas com as quais a rede tenha afinidade. Não à toa, essa atuação multimidiática tem sido a face mais visível do Fora do Eixo, principalmente a partir do momento em que a rede incubou a mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), grupo que teve destaque transmitindo ao vivo os levantes populares que ganharam as ruas do país a partir de junho¹⁴ de 2013.

14 Como se recebendo o vento dos protestos globais que se espalharam pelo mundo a partir de 2011, soprado dos países onde as populações foram às ruas por mais e melhor democracia, o Brasil passou a viver protestos organizados em rede em suas principais cidades. O epicentro das manifestações foi São Paulo, onde o Movimento Passe Livre convocou manifestações pela redução do preço das passagens de ônibus. No dia 18 de junho de 2013, mais de 100 mil pessoas foram às ruas em São Paulo. Os protestos ganharam força em todo o país, com centenas de milhares indo às ruas em Brasília, Rio de Janeiro, Belo Horizonte. Câmaras de vereadores municipais e assembleias legislativas estaduais foram ocupadas. Os protestos persistem, mantendo mobilizadas forças sociais que até então eram desconhecidas da maioria da população.

O Fora do Eixo se organiza com base em dois documentos-guia: (1) o regimento interno e a (2) carta de princípios. Estes documentos foram aprovados durante o segundo congresso nacional da rede, realizado em 2009, no Acre.

O regimento interno é um documento detalhado, que estabelece o modo de funcionamento da rede, bem como deveres e direitos dos associados. Do ponto-de-vista da gestão política, destaca-se o fato de serem as “reuniões gerais virtuais”, que podem ser convocadas por qualquer uma das instâncias internas por meio de listas de e-mail, o principal instrumento cotidiano de gestão. Além dessa instância virtual, a entidade também é governada por meio de congressos presenciais, que possuem etapas regionais e a nacional, e também por imersões – um tipo de encontro presencial que envolve todos os Pontos Fora do Eixo para alguma deliberação.

A carta de princípios¹⁵ (2) é o mais importante documento político do FdE, e a partir deste ponto nos servirá como instrumento de análise. Com base nela, depreendemos as aspirações da organização, que se enxerga como uma rede cultural de atuação não-comercial, baseada no associativismo e no cooperativismo. Ainda que se proponha a ser “colaborativa e descentralizada”, a rede é baseada em um conjunto de regras e pactos que conformam o que poderíamos chamar de uma verticalidade instrumental. Ou seja, se nas pontas, dentro dos coletivos pertencentes à rede, há um convívio mais fluido e horizontal, na composição das relações internas existem instâncias de decisão que conformam um modelo piramidal, o qual serve de instrumento de governança da rede. Há responsabilidades, deveres e direitos dos membros que são fiscalizados e acompanhados pelas instâncias de gestão. A carta denota também uma busca pela superação do individualismo, como citado no ponto 2 do preâmbulo.

Desde o início, o Fora do Eixo almeja atuar não só no Brasil, mas também, especialmente, em países da América Latina e da África. No que tange ao trabalho militante, a rede visa a “empoderar” agentes que passem a ser capazes de disputar condições econômicas e políticas de viabilizar os seus objetivos. Criatividade e inovação também aparecem como palavras-chave.

A carta oferece evidências de como o Fora do Eixo almeja estruturar sua ação: a entidade assume que o foco da rede é o desenvolvimento de modelos de sustentabilidade, ou seja, de gestão. No campo cultural, sua preocupação principal é pensar a circulação. A comunicação e o desenvolvimento de tecnologias constituem a outra frente prioritária. A

¹⁵ Deste ponto até o final do capítulo, mencionarei a Carta de Princípios do FdE. Para verificação dos trechos debatidos, pode-se recorrer ao texto completo, publicado nos anexos desta dissertação (Anexo A).

pretensão final é constituir o Sistema Fora do Eixo de Cultura. Esse sistema é integrado por aqueles que aderem aos princípios e métodos do FdE. Há um dentro e um fora, muito claros. E há um estímulo àquilo que eles chamam de “organicidade”, ou seja, o compromisso integral com a forma de vida proposta.

Os projetos, por isso, são pensados como “ferramentas para concretizar” os objetivos coletivistas do FdE. Há, então, aqui, uma lógica dual. As ações da organização, ao mesmo tempo em que são ações culturais, voltadas à formação de público e à circulação artística, são também um instrumento de estruturação da ação política.

Ao final, a carta também prevê um conjunto de diretrizes. Na seção sobre articulação, estabelece que os coletivos devem participar da formulação e gestão de políticas públicas; estimular a criação de redes em sua localidade e buscar aproximação com grupos de “princípios semelhantes”. No que se refere à prática política, a principal diretriz diz respeito a “enfrentar as práticas hegemônicas”, no “campo da cultura”.

No plano do trabalho, há a busca pela “valorização social” do trabalho e o entendimento de que esse mesmo trabalho deve “equilibrar a relação entre o manual e o intelectual, com vistas à valorização equânime de ambas as práticas”. As diretrizes também englobam o compromisso com a economia solidária, por meio da criação de moedas e tecnologias sociais nos coletivos da rede, e com o meio ambiente, impulsionando práticas “de preservação” e incentivo à “utilização sustentável dos recursos renováveis”;

Por fim, vale destacar que a carta reafirma o compromisso da rede com o desenvolvimento e difusão de tecnologias livres. Vale a citação integral:

8.4 – Inovação e Comunicação

- a) Estimular a criação, desenvolvimento e utilização de tecnologias livres, sociais e de código aberto referente ao direito autoral e propriedade intelectual, fomentando o uso de plataformas criadas pelos coletivos e parceiros;
- b) Garantir a difusão, o compartilhamento e o livre acesso às tecnologias do Fora do Eixo bem como outros conhecimentos livres;
- c) Valorizar a troca contínua, colaborativa e a atualização de informações entre os coletivos da rede;
- d) Estimular as práticas de comunicação livre, bem como parcerias com veículos de informação públicos, comunitários, independentes e outros, que não estejam ligados a grandes grupos ou conglomerados do setor (CARTA DE PRINCÍPIOS DO FORA DO EIXO, 2009, online).

A normatização de princípios chega ao nível do que devem ser os compromissos de cada indivíduo que integra o Fora do Eixo. Entre as obrigações, estão:

d) Estar sempre alerta; e) Estimular a disciplina e a liberdade; f) Estimular a autocrítica, a humildade, a honestidade e o respeito nas relações sociais e ambientais; g) Valorizar a essência do ser humano ao invés da posse; h) Criar lastro através do trabalho gerando o equilíbrio entre o discurso e a prática (Idem).

Em nenhum documento interno o Fora do Eixo se posiciona como uma rede anti-capitalista. A palavra esquerda também não é mencionada em nenhum trecho. A Carta de Princípios também não expressa grandes aprofundamentos teóricos. Desvela uma organização com foco na articulação solidária de seus agentes, na produção cultural “contra-hegemônica”, ou seja, sem fins comerciais, no desenvolvimento de políticas públicas (portanto que assimila o jogo da democracia tal como ela é), e no fortalecimento político de grupos que constituem o seu campo de influência. Destaque também para a centralidade da comunicação e da idéia de tecnologia livre na conformação institucional.

Como veremos, a importância deste documento consiste em prever, com rigor, o que se expressa quando acompanhamos o dia a dia do FdE. Nesse sentido, não se trata de letra morta, mas de um mapa de navegação que orienta aquilo que o Fora do Eixo é e busca ser.

2.1 ESTUDO DE CASO

Ao eleger o Fora do Eixo como foco específico de uma pesquisa, era preciso recorrer à metodologia adequada para empreender o estudo. Conforme Robert Yin, os estudos de caso são a “estratégia preferida” quando “se colocam questões do tipo 'como' e 'por que', quando pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real” (YIN, 2001, p. 19). A “clara necessidade” de um estudo de caso, para o autor, “surge do desejo de se compreender fenômenos sociais complexos” (p. 21).

O estudo de caso é a estratégia escolhida ao se examinarem acontecimentos contemporâneos, mas quando não se pode manipular comportamentos relevantes. O estudo de caso conta com muitas das técnicas utilizadas pelas pesquisas históricas, mas acrescenta duas fontes de evidências que usualmente não são incluídas no repertório de um historiador: observação direta e série sistemática de entrevistas. Novamente, embora os estudos de

caso e as pesquisas histórias possam se sobrepor, o poder diferenciador do estudo é a sua capacidade de lidar com uma ampla variedade de evidências – documentos, artefatos, entrevistas e observações – além do que pode estar disponível no estudo histórico convencional. Além disso, em algumas situações, como na observação participante, pode ocorrer manipulação informal (YIN, 2001, p. 27).

Existem três tipos distintos de estudos de caso, de acordo com Yin: a) causal ou explanatório; b) descritivo; c) exploratório. Este trabalho, é, pois, essencialmente descritivo, pois busca descrever um fenômeno que ainda não foi tratado de forma satisfatória pelos estudos sociológicos e culturais em nosso país. Ainda assim, é um trabalho que toca em certas dimensões de um estudo explanatório ao dialogar com o contexto sócio-histórico em que o fenômeno está inserido e ao propor algumas questões que buscam articular fatores analíticos para compreender o funcionamento do Circuito Fora do Eixo.

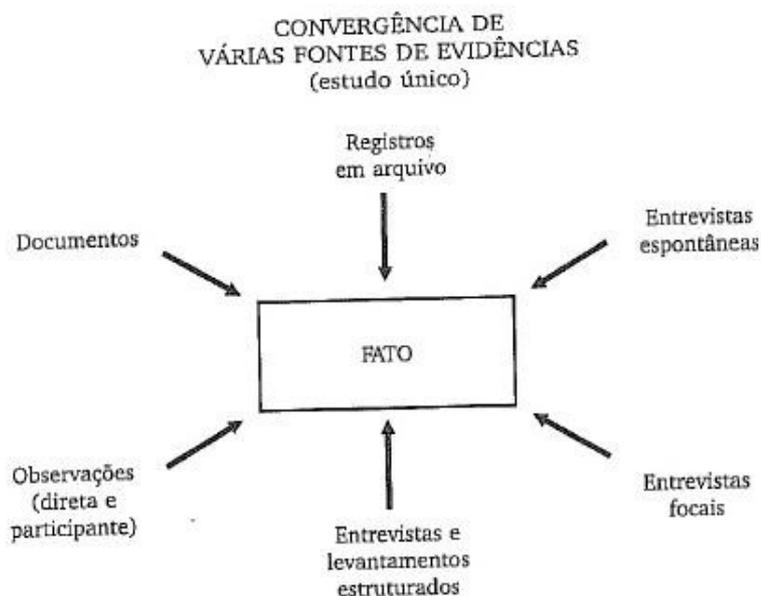
Entre as modalidades de estudo de caso há a tradicional, ou caso único, e a destinada a análise de casos múltiplos. Yin (2001) define três categorias de estudo de caso único: a) o estudo é um caso decisivo, que se apresenta como teste ideal para uma determinada teoria; b) o caso raro ou extremo, que se distingue dos demais; c) o caso revelador, quando o pesquisador toma contato com um fenômeno que estava inacessível à investigação científica. Yin também aponta que o estudo de caso único pode figurar como um caso-piloto, que irá se somar a outros estudos posteriormente. Quando isso ocorre, o estudo não pode ser considerado “completo”.

A opção pelo caso único escora-se na percepção de que o Fora do Eixo é uma experiência decisiva para a compreensão do fenômeno das redes político-culturais no Brasil e no mundo. Alguns elementos apontam para a solidez dessa percepção, entre as elas: (1) o fato de o agrupamento estar organizado nacionalmente; (2) o fato de esse agrupamento ter sido objeto de acalorados embates nos principais circuitos de reflexão e ativismo cultural jovem do país; (3) o fato de ser um grupo em crescimento que está longe de ter atingido seu limite de expansão.

Outro aspecto que contribui para a escolha do estudo de caso como método desta investigação foi a possibilidade de trabalhar com várias fontes de evidência. No caso, associar análise documental, registro de arquivos, entrevistas espontâneas e estruturadas e observação direta para compor o banco de dados e a sequência de evidências. É importante destacar que para Yin, a utilização de várias fontes de evidência é um “princípio” dos estudos de caso. O diagrama abaixo mostra como Yin visualiza a utilização das fontes para a composição de uma

dada investigação.

FIGURA 3 – Fontes de evidência de um estudo de caso



Fonte: Yin, 2001, p. 46.

Para este trabalho foi constituído um banco de dados composto por documentos históricos e de referência produzidos pelo Circuito Fora do Eixo. Esses documentos foram compartilhados por meio de “informantes-chave”¹⁶ dentro da organização. Esse esforço foi facilitado também pelo hábito de sistematização das informações por parte da organização pesquisada, que costuma manter seus próprios bancos de dados abertos à consulta de qualquer cidadão.

Por meio da rede mundial de computadores, em específico de mecanismos de chat, mas também por meio de encontros em eventos e vivências informais, foram realizadas muitas entrevistas espontâneas, sempre com o interesse de compilar opiniões relevantes. Muitas dessas conversas foram usadas na composição desta dissertação.

Outros elementos que compõem esse banco de dados são imagens e postagens nas principais redes sociais, que se constituem como o principal plano discursivo público do Fora

16 Segundo Yin (2001, p. 112), “informantes-chave são sempre fundamentais para o sucesso de um estudo de caso. Essas pessoas não apenas fornecem ao pesquisador do estudo percepções e interpretações sob um assunto, como também podem sugerir fontes nas quais pode-se buscar evidências corroborativas”.

do Eixo, bem como repercussões e reportagens publicadas em veículos de comunicação e na rede mundial de computadores. Conforme já afirmado, o circuito compartilha na web seus documentos e processos (que, como vimos acima, são chamados de tecnologias) em um wiki,¹⁷ e também no Diário Oficial Fora do Eixo.¹⁸ Em agosto de 2013, a organização lançou um novo portal, nomeado Portal de Transparência,¹⁹ com a finalidade de deixar ainda mais abertas as informações sobre seu funcionamento.

Nos termos do que afirma Yin, um dos diferenciais entre um estudo de caso e uma etnografia, consiste no papel da teoria no projeto proposto. “No estudo de caso o desenvolvimento da teoria como parte da fase de projeto é essencial, caso o propósito decorrente do estudo seja determinar ou testar a teoria” (YIN, 2001, p. 49).

Algumas das questões propostas buscam compreender em que medida esse agrupamento se apresenta como modelo de ação política no contexto das redes, o que só pode ser feito recorrendo às teorias sociais contemporâneas. Entre elas, este trabalho se referencia fortemente no livro *Communication Power*, publicado pelo sociólogo catalão Manuel Castells, no qual o autor desenvolve uma teoria do poder na era das redes interconectadas.

Um debate que se tornou recorrente, como mais adiante será aprofundado, é sobre o papel do Fora do Eixo na confrontação do sistema econômico hegemônico e de que forma essa organização agenciaria esse enfrentamento. Para tanto, em alguns momentos, será necessário recorrer a leituras sobre o funcionamento do capitalismo em sua idade atual e as possíveis estratégias e táticas de confronto que a teoria apresenta. Além disso, a teoria, para Yin, “é o nível no qual ocorrerá a generalização dos resultados do estudo de caso”. Essa “generalização analítica” é um dos objetivos deste trabalho.

2.2 REFERENCIAL TEÓRICO: POLÍTICA EM REDE

Gohn identifica três correntes teóricas para o estudo dos movimentos sociais: (1) a histórico-estrutural; (2) a culturalista-identitária; (3) a institucional/organizacional-comportamentalista (GOHN, 2008, p. 27). Para ela, a abordagem

17 Wiki Fora do Eixo. Disponível em: <http://wiki.foradoeixo.org.br/index.php?title=P%C3%A1gina_principal>. Acesso em: 3 out. 2012.

18 Diário Oficial Fora do Eixo. Disponível em: <<http://diario.foradoeixo.org.br>>. Acesso em: 3 out. 2012.

19 Portal da Transparência Fora do Eixo. Disponível em: <<http://foradoeixo.org.br>>. Acesso em: 17 ago. 2013.

histórico-estrutural é aquela fundada sobre o paradigma marxista. Ela identifica que até a década de 1950, o conceito de movimento social e o de luta de classes estavam subordinados um ao outro. O conceito de classe assumia função central de análise. Nesse paradigma, havia um sujeito principal dos processos, a classe trabalhadora. Em tempos atuais, segundo a autora, essa corrente se renova com os estudos empreendidos por Negri e Hardt, autores de *Império*, *Multidão* e *Commonwealth* (ainda não traduzido para o português), os quais postulam que “conceitos como classe trabalhadora e proletariado são ultrapassados por não darem conta da complexidade dos conflitos da contemporaneidade” (GOHN, 2008, p. 28).

Na abordagem de Negri e Hardt, o sujeito da ação não é mais o proletariado, mas a multidão. Esse sujeito, responsável pela produção do comum, é o antagonista do império, a nova forma de organização em rede do capitalismo. Conforme registra Amadeu (2008:55), esse novo sujeito, a multidão, para Negri e Hardt, produz o comum, em “processos virtuais, não menos reais, completamente plurais, que precedem a individuação e que se realizam em seu processo de construção” (SILVEIRA, 2008, p. 55).

A noção de multidão baseada na produção do comum afigura-se para alguns como um novo sujeito de soberania, uma identidade organizada semelhante aos velhos corpos sociais modernos, como o povo, a classe operária e a nação. Para outros, pelo contrário, nossa noção de multidão, composta que é de singularidades, parece pura anarquia (HARDT; NEGRI, 2006, p. 271).

(2) No caso da abordagem culturalista-identitária, Gohn a identifica como extremamente variada.

Essa corrente construiu a chamada novidade dos ‘novos movimentos sociais’ ao destacar que as novas ações abriam espaços sociais e culturais, eram compostas por sujeitos e temáticas que não estavam na cena pública ou não tinham visibilidade, como mulheres, jovens, índios, negros etc (GOHN, 2008, p. 29).

Para Gohn, o “grande saldo dessa corrente foi apresentar ao mundo a capacidade dos movimentos sociais de produzir novos significados e novas formas de vida e ação social” (Idem, p. 30).

(3) Por fim, a abordagem institucional/organizacional-comportamentalista surge nos Estados Unidos e tem algum desenvolvimento na Europa, em especial na Inglaterra. Para esse campo dos estudos, um movimento social atinge “seus objetivos quando se transforma numa

organização institucionalizada”. Gohn recorre a um dos autores desse linhagem, Charles Tilly (1978), que delineou cinco “grandes componentes” de análise das ações coletivas: “os interesses, a organização, a mobilização, as oportunidades e as ações coletivas propriamente ditas”. Os estudos sobre os movimentos sociais ganharam grande incremento a partir dos anos 1970, com o surgimento das obras de Touraine, Castells, entre outros. Essa profusão de produções acompanhou o surgimento de uma “nova fonte de estudos: os movimentos populares urbanos nos chamados países do terceiro mundo, especialmente na América Latina” (GOHN, 2008, p. 32). A pesquisadora estabelece que os estudos nesse momento de transição da década de 1970 para a de 1980 era eminentemente “histórico-descritivos” e pouco interpretativos, sendo essa também uma característica estruturante dos trabalhos que lidam com objetos contemporâneos. Essa é uma constatação fundamental para entender a natureza deste estudo sobre o Fora do Eixo.

A década de 1980 viria a ser marcada pelos estudos culturalistas com viés identitário, avançando sobre as questões étnicas, raciais, de gênero e também ambientais. As análises das ações coletivas locais, a partir da obra de Tarrow, segundo Gohn, também viriam a influenciar fortemente os estudos desse período. Para Tarrow, os movimentos sociais ocorrem quando as oportunidades políticas se ampliam, quando há aliados e quando as vulnerabilidades dos oponentes se revelam (GOHN, 2008, p. 33).

Os anos 1990 viram outro câmbio nos estudos dos movimentos sociais, com a alteração do cenário de lutas. É a década da emergência das Organizações Não-Governamentais (ONGs) e do terceiro setor.

Alguns autores passar a tratar os novos sujeitos como sinônimo dos movimentos, ou manifestação ampliada, outros aproveitaram a emergência das ONGs para desqualificar os movimentos, como uma manifestação de grupos do passado, e só tratar do terceiro setor como a forma moderna e hegemônica do associativismo na sociedade (GOHN, 2008, p. 34).

Esse período também revela um deslocamento das análises dos “sujeitos históricos predeterminados, com alguma vocação a desempenhar”, para estudos centrados nos “pobres e excluídos, apartados socialmente pela nova estruturação do mercado de trabalho”.

Na virada de século, Gohn localiza o surgimento de algumas novas teorias para análise dos movimentos sociais, entre as quais as produzidas por Fraser, Honneth e Boaventura de Souza Santos. Entre as novidades que ela identifica nessa transição de década e milênio, está

a retomada de estudos sobre movimentos sociais por autores como Castells, que passa a se debruçar sobre os movimentos sociais no contexto da sociedade em rede, potencializada pelo advento da internet.

Na prática concreta, a grande novidade que alimentou a produção teórica do novo milênio foram os movimentos sociais globais. O primeiro que ocorre à mente de todos é o Fórum Social Mundial – FSM. Mas ele é um deles apenas. Ocorre que todos os movimentos sociais terão de enfrentar o dilema de atuar, agir no cotidiano, mas pensar globalmente, porque são ‘empurrados’ para este novo contexto (GOHN, 2008, p. 39).

No artigo *Novas Dimensões da Política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada*, Silveira desenvolve uma leitura sobre os movimentos sociais contemporâneos, que surgiram a partir do advento da internet. Em sua análise o sociólogo distingue as lutas “na rede” (1) das lutas “da rede” (2). A primeira forma (1) de disputa política utiliza a rede como arena: espaço de batalha. São as lutas que já ocorriam (como pela reforma agrária ou o feminismo) transpostas para esse novo espaço de luta. As lutas da rede (2), por sua vez, são aquelas que estabelecem batalhas em defesa do arranjo inovador da internet, cujos protocolos de comando e controle, criados pelos hackers, têm na navegação anônima e na liberdade sua essência.

A essas duas categorias descritas pelo sociólogo professor da Universidade Federal do ABC, poderíamos somar uma variante, que se desdobra dos movimentos “na rede”. Seriam os movimentos “na rede”, que agem em rede e se constituem à “imagem e semelhança da rede” (KLEIN, 2004). Essas seriam as organizações que não só fazem da rede instrumento de suas causas, mas são transformadas estruturalmente pela possibilidade de diálogo constante e formas distribuídas de deliberação. Em diferença aos movimentos “da rede”, esses agrupamentos – entre os quais as redes político-culturais – são grupos que não atuam exclusivamente na luta pela internet livre, embora essa seja uma temática cada vez mais transversal entre os movimentos sociais do século XXI.

O sociólogo Manuel Castells, na introdução de seu livro sobre os movimentos sociais contemporâneos, "Redes de Indignação e Esperança", considera "muito cedo para elaborar uma interpretação sistemática e acadêmica sobre esses movimentos" (CASTELLS, 2012, p. 22). O que ele se propõe a fazer é, com base na teoria desenvolvida em seu livro anterior, *Communication Power*, lançar algumas hipóteses sobre os "novos caminhos de mudança social em nossa época", a partir da ação dos movimentos sociais em rede.

Para Castells, vivemos numa sociedade em rede:

Uma estrutura social construída em torno (mas não determinada por) redes digitais de comunicação. Eu entendo que o processo de formação e exercício das relações de poder é decisivamente transformada por esse novo contexto organizacional e tecnológico derivado da emergência das redes de comunicação digital globais, as quais consistem no fundamento sistema simbólico-processual de nossa época (CASTELLS, 2012, p. 4).

Para ele o poder na sociedade em rede é essencialmente comunicacional e se estrutura em quatro formas complementares: (1) o poder de conectar em rede (*networking power*); (2) o poder da rede (*network power*); (3) o poder em rede (*networked power*); e o poder de criar redes (*network-making power*).

Façamos uma síntese dessas quatro formas de poder.

(1) o poder de conectar em rede: é aquele que os atores e organizações em rede detêm sobre os coletivos humanos e indivíduos que estão fora da rede. É um poder que opera, segundo Castells, por “exclusão/inclusão”. Ou seja, há um dentro e um fora das redes. O que estão dentro são os que adquiriram o poder de conectar em rede.

(2) o poder da rede: para explicar esse tipo de poder, Castells recorre a Grewal (2008), segundo o qual o poder da rede articula duas ideias: (a) “que os padrões de coordenação são mais valiosos quando um maior número de pessoas utilizá-lo”; (b) “que essa dinâmica pode liderar uma progressiva eliminação das alternativas sobre as quais a escolha livre pode ser exercida”. Aqui, não se trata de inclusão/exclusão, mas de impor, por força acumulada, a entrada em um determinado modelo de rede.

De forma menos abstrata, o poder da rede é exercido pelo Facebook, que ao concentrar atenção e acessos, “força” indivíduos e organizações a estarem dentro da plataforma. Justamente devido ao alcance do serviço, o internauta se sente obrigado a submeter-se “às normas da rede sobre seus componentes” (CASTELLS, 2009, p. 43).

(3) o poder em rede: trata-se do poder exercido no interior das redes. “O poder é a capacidade relacional para impor a vontade de um ator sobre a vontade de outro ator com base da capacidade estrutural de dominação incorporada às instituições da sociedade”²⁰ (CASTELLS, 2009, p. 44). Conforme escreve o sociólogo catalão, “cada rede define suas próprias relações de poder de acordo com suas metas programadas”.

20 Tradução livre para: “Power is the relational capacity to impose an actor’s will over another actor’s will on the basis of the structural capacity of domination embedded in the institutions of society.”

(4) o poder de criar redes: de todos, é este, segundo Castells, que caracteriza a reconfiguração das formas de poder na sociedade em rede.

No mundo das redes, a habilidade de exercer controle sobre outros depende de dois mecanismos básicos: (1) a habilidade de constituir rede(s), e de programar/reprogramar rede(s) de acordo com os objetivos atribuídos à rede; e (2) a habilidade de conectar e garantir a cooperação de diferentes redes por meio do compartilhamento de objetivos comuns e combinação de recursos, enquanto impede a concorrência de outras redes definindo uma cooperação estratégica (CASTELLS, 2009, p. 45).²¹

Esse poder é exercido por dois tipos de agentes, fundamentalmente: os programadores, os criadores e alteradores de redes e os *interconectores*, que possuem a capacidade de “controlar os pontos de conexão entre várias redes estratégicas”. “Os programadores e os *interconectores* são os atores e redes de atores que, graças à sua posição social, exercem o poder de criar redes, a forma suprema de poder na sociedade em rede” (CASTELLS, 2009, p. 47).²²

Em artigo publicado nos anais do 35º encontro anual da ANPOCS, Silveira apresenta no artigo “Ferramentas conceituais para a análise política nas sociedades informacionais e de controle”, uma análise do poder em Castells.

Em Castells, todas as redes tem algo em comum: são as ideias, as visões, os projetos, que geram sua programação. Estes são materiais culturais. Na sociedade em rede, a cultura está, em geral, incorporada nos processos de comunicação, adquirindo uma centralidade social jamais vista. Ao mesmo tempo, o modo em que os diferentes atores programam a rede é um processo específico de cada rede (SILVEIRA, 2011, p. 5).

Se o poder é exercido programando/reprogramando redes, o contra-poder se exerce utilizando desses mesmos dois mecanismos.

Se o poder se exerce mediante a programação e a conexão entre redes, então o contra-poder, a vontade deliberada de mudar as relações de poder, se ativa mediante a reprogramação de redes em torno de interesses e valores

21 Tradução livre para: “In a world of networks, the ability to exercise control over others depends on two basic mechanisms: (1) the ability to constitute network(s), and to program/reprogram the network(s) in terms of the goals assigned to the network; and (2) the ability to connect and ensure the cooperation of different networks by sharing common goals and combining resources, while fending off competition from other networks by setting up strategic cooperation”.

22 Tradução livre para: “Programers and switchers are those actors and networks of actors who, because of their position in the social structure, hold network-making Power, the paramount form of power in the network society”.

alternativos ou mediante a interrupção das conexões dominantes e a conexão das redes de resistência e transformação social (CASTELLS, 2012, p. 26).

Ou seja, também é por meio da programação de redes e da interconexão entre redes que se produz a resistência. “Eles são diferentes, mas, no entanto, operam com a mesma lógica. Isso significa que a resistência ao poder é obtida através dos mesmos dois mecanismos que constituem o poder na sociedade em rede: a programação das redes, e a interconexão entre redes” (CASTELLS, 2009, p. 436).²³

Castells localiza que estamos vivendo um processo dialético (2009, p. 440), em que quanto mais as empresas investem em suas redes de comunicação privadas, mais as pessoas desenvolvem suas próprias redes de auto-comunicação de massas. “Redes interagem com redes no processo compartilhado de programação de redes”.²⁴ O conceito de auto-comunicação de massas também é fundamental para a compreensão do que estamos vivendo.

* * *

A partir da experiência acumulada dos levantes que tiveram início em 2011, com a Primavera Árabe, o 15-M e o Occupy Wall Street, e que se espalharam como modelo de ativismo para o mundo, Castells delinea algumas características dos novos movimentos em rede.

(1) *Estão conectados em rede de inúmeras formas.* Para o autor catalão, a conexão em rede é multimodal. Inclui redes sociais online e offline. Ele identifica que há outras redes que se forjam no interior do próprio movimento. Ainda que ocupem o espaço urbano, sua existência se dá no “espaço livre da internet”. O movimento social do século XXI é uma rede de redes, por isso podem permitir não ter um centro identificável e produzir articulação e deliberação por meio do choque entre seus inúmeros nós. “Por isso não necessitam de uma liderança e um centro de mando e controle formais, nem tampouco uma organização vertical que distribua a informação e as instruções”.

Castells afirma que esses novos movimentos ocupam o “espaço da autonomia”, o conceito que ele cria para nomear o ambiente híbrido de espaço urbano e ciberespaço.

(2) *Os movimentos são locais e globais ao mesmo tempo.* Por sua ação em rede, os

23 Tradução livre para: “They are distinct, but they do, however, operate on the same logic. This means that resistance to power is achieved through the same two mechanisms that constitute power in the network society: the programs of the networks, and the switches between networks”.

24 Tradução livre para: “Networks interact with networks in the shared process of network-making.”

ativistas geraram uma forma de tempo própria, o tempo atemporal.

Posto que o tempo humano só existe na prática humana, este tempo atemporal não menos real que o tempo medido do trabalhador na linha de montagem ou do tempo sem pausa do executivo financeiro. É um novo tempo, alternativo, híbrido entre o agora e um outro agora de longa duração (CASTELLS, 2012, p. 214).

São movimentos que emergem de forma espontânea, desencadeados por “uma fagulha de indignação”. Nesse sentido, como vem ocorrendo nos protestos brasileiros, Castells destaca a importância dos vídeos compartilhados pelo YouTube na difusão de informações mobilizadoras.

(3) *Os movimentos são virais*. O que ocorre em um país, se espalha para outros. Castells observa o “contágio” entre países, cidades e instituições. As mensagens de esperança passam a inspirar os cidadãos interconectados. “A transição da indignação à esperança é possível mediante a deliberação no espaço da autonomia”, escreve.

(4) *Recusa às lideranças*. Por se basearem em decisões a partir de assembleias e comissões, os integrantes desse movimento defendem que ajam “sem líderes”. É normal que contestem toda e qualquer forma de atuação que se assemelhe à experiência da política habitual. Esses movimentos procuram “estabelecer as bases de uma democracia real praticando-a no movimento”. Essa experiência sem lideranças produz, de acordo com os participantes, a sensação de unidade, pois os indivíduos articulados em torno dos mesmos propósitos superam o medo. Castells recupera a frase difundida pelo 15M: “Juntas podemos. A horizontalidade das redes favorece a colaboração e a solidariedade, substituindo a necessidade de uma liderança formal.”

Para os novos movimentos sociais, os meios são um fim em si mesmo.

Em todos os casos os movimentos ignoraram os partidos políticos, desconfiaram dos meios de comunicação, não reconheceram nenhuma liderança e rejeitaram qualquer organização formal, dependendo da internet e das assembleias locais para o debate coletivo e a tomada de decisões (CASTELLS, 2012, p. 21).

Além disso, são altamente centrados nas pessoas.

Os movimentos sociais, ainda que surjam do sofrimento das pessoas, são diferentes dos movimentos de protesto. São fundamentalmente movimentos culturais, movimentos que conectam demandas atuais com os projetos

futuros. Os movimentos que estamos observando apresentam o projeto fundamental de transformar as pessoas em protagonistas de suas próprias vidas afirmando sua autonomia a respeito das instituições da sociedade (Idem, p. 220).

(5) *Os movimentos são altamente autorreflexivos.* A autocrítica e as indagações sobre rumos e perspectivas são constantes. Em princípio, são movimentos não violentos. Mas carregam consigo a possibilidade da ação direta e da desobediência civil pacífica.

(6) *Esses movimentos são raramente programáticos.* A não ser, como registra Castells, quando o único objetivo é acabar com a ditadura. Ao fim e ao cabo, “são movimentos com o objetivo de mudar os valores da sociedade”, mas também podem “ser movimentos de opinião pública, com conseqüências eleitorais”. São, em essência políticos, principalmente ao praticarem exercícios de democracia direta: “O que propõem esses movimentos sociais em rede na prática é uma nova utopia no centro cultural da sociedade em rede: a utopia da autonomia do sujeito frente às instituições da sociedade” (CASTELLS, 2012, p. 218).

Conforme Gohn, em sua análise mais ampla dos estudos sobre os movimentos sociais, a ação social sempre é resultado de seu tempo histórico.

O movimento social, enquanto um sujeito social coletivo, não pode ser pensado fora de seu contexto histórico e conjuntural. As identidades são móveis, variam segundo a conjuntura. Há um processo de socialização de identidade que vai sendo construída (GOHN, 2012, p. 63).

Não poderia ser diferente, no caso dos movimentos sociais do século XXI.

Os movimentos sociais em rede, como todos os movimentos sociais da história, levam a marca de sua sociedade. Estão constituídos em grande medida por indivíduos que vivem com facilidade entre as tecnologias digitais no mundo híbrido da virtualidade atual. Seus valores, objetivos e estilo fazem referência direta à cultura da autonomia que caracteriza as jovens gerações de um jovem século. Não poderiam existir sem internet. Mas a sua importância é muito mais profunda. Estão adaptados à sua função de agentes da transformação da sociedade em rede, em claro contraste com as instituições políticas obsoletas herdadas de uma estrutura social historicamente superada (CASTELLS, 2012, p. 223).

2.3 OUTROS ESTUDOS SOBRE O FORA DO EIXO

À medida que passa o tempo, mais e mais estudos sobre o Fora do Eixo começam a emergir. A organização tem sido analisada por múltiplos ângulos: algumas enfocam o papel específico da organização na cultura brasileira, em especial no circuito musical, outras pretendem analisá-los à luz do uso que fazem das tecnologias de informação e comunicação (TICs). Há quem busque desenvolver uma análise panorâmica do funcionamento da organização. Não há, porém, ainda, um estudo que tenha se dedicado ao Fora do Eixo como fenômeno político. Essa é a contribuição complementar deste trabalho. A partir da compreensão de que a ciência é cumulativa, antes de empreender a redação desta dissertação foi necessário desenvolver uma leitura dos demais estudos produzidos sobre o Fora do Eixo.

Quatro dissertações de mestrado, algumas recentemente concluídas, têm o FdE como objeto.

O mestrado de Fabrício Ofuji, defendido em 2011 sob orientação de Sérgio Amadeu da Silveira, na Cásper Líbero, é intitulado “A internet livre como meio do músico independente” e cita o Circuito Fora do Eixo como modelo de organização de carreiras musicais.

O mestrado de Maurília Gomes, no programa de Pós-Graduação em Ciência da Comunicação da Universidade Federal de Manaus, defendido em 2012, desenvolve um estudo de caso sobre o trabalho de comunicação desenvolvido pelo Coletivo Difusão, associando suas descobertas a um debate sobre movimentos sociais em rede. Intitulado “Ativismo Social Digital: a inserção dos movimentos sociais de Manaus nas Redes On-line”, busca comparar a forma como um movimento tradicional, no caso, um sindicato, e um movimento da era das redes, no caso o Fora do Eixo, lidam com as tecnologias de comunicação em seus agenciamentos.

O mestrado “A Biopolítica da Mídia Livre: produção coletiva e colaborativa na rede”, de Flávia Frossard, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), levanta questões relevantes a partir de um referencial teórico baseado nas obras de Gilles Deleuze, Antonio Negri e Michael Hardt. O trabalho foi desenvolvido sob orientação da professora Ivana Bentes, uma das principais entusiastas e estudiosas da rede do Fora do Eixo, e pretende interpretar esse fenômeno com conceitos extraídos de obras cujo enfoque é o questionamento

do sistema capitalista. O projeto padece, no entanto, em função de um trabalho de campo superficial, baseado em apenas três dias de vivência na Casa Fora do Eixo São Paulo e também apresenta uma organização precária dos embates e debates públicos ocorrido no campo das mídias livres. Em seu favor, está seu pioneirismo, ao constituir o primeiro estudo de mestrado a focar especificamente a rede do Fora do Eixo na academia brasileira.

Em destaque no trabalho de Frossard, podemos pinçar o compartilhamento que a pesquisadora faz, na conclusão de seu estudo, de notas elaboradas em sala de aula por Bentes, as quais ainda não estão publicadas em nenhum artigo ou livro. Entre elas, destaco duas, que abordam questões que serão objeto desta dissertação mais adiante:

(a) sobre os simulacros do Fora do Eixo, citados no início desta introdução, e sua relação com a filosofia política de Guattari:

As ações estruturantes do Fora do Eixo funcionam como "simulacros" (como na definição de Deleuze em "Platão e os Simulacros") que rivalizam com as instituições existentes. Ou seja, o Fora do Eixo cria "duplos" disruptivos das instituições tradicionais para rivalizar com elas e disputar o discurso. Por isso a nomenclatura paródica: Banco Fora do Eixo, moeda Fora do Eixo, Universidade Fora do Eixo, Partido da Cultura etc. Não se trata de um desejo de "institucionalização", mas apontar para a potência do comum em criar novos mercados, economia, sistema financeiro, sistema de formação e educação. Disputar mundos, como propõe Félix Guattari em *Caosmose* e na sua filosofia política (BENTES, 2012, Notas de Aula).

(b) sobre a principal contribuição do Fora do Eixo para a conjuntura cultural brasileira:

A principal contribuição do Fora do Eixo me parece ser essa: articular um circuito cultural a um movimento cultural e social no contexto do Capitalismo Cognitivo e utilizando estratégias (mídia, publicidade, circuito, simulacros de instituições e de processos) que apontam para uma potencial reversão, resistência e experimentação dentro do capitalismo, correndo o risco de também ser capturado e capturar o comum, mas eminentemente apostando nas linhas de fuga (de autonomia e liberdade) e não de assujeitamento que atravessam o contexto contemporâneo (BENTES, 2012, Notas de Aula).

Também um estudo sobre mídias alternativas, "Midiativismo: entre a democratização e a assimilação capitalista" é o título do mestrado de Danielle Edite Ferreira Maciel, na Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo. Esse trabalho defende a posição de que o sentido anticapitalista das mídias ativistas, surgidas principalmente a partir da atuação dos movimentos sociais contra a globalização na virada do século XX para o XXI, teria se

perdido ao longo do tempo. O que era rebeldia e confronto passa a ser assimilado, dando origem a um novo negócio, baseado nos valores de colaboração e compartilhamento que veículos como o Mídia Independente (Indymedia) vocalizavam naquele período.

Maciel também analisa a polêmica envolvendo o Fora do Eixo em torno da organização da Marcha da Liberdade, o que suscitou, em 2011, um acalorado debate na internet o qual contrapôs diferentes agentes da comunicação de esquerda. Os pesquisadores Pablo Ortellado, USP, e Henrique Parra, Unifesp, organizaram essa discussão em um livro chamado “Movimentos em Marcha: ativismo, cultura e tecnologia”, publicado na internet de forma independente. Esse livro será base da discussão do tópico sobre a Marcha da Liberdade, no quarto capítulo deste estudo.

* * *

Dois trabalhos ainda em andamento, em nível de pós-doutorado e doutorado, denotam o supracitado interesse da academia pelo fenômeno Fora do Eixo. No Programa Avançado de Cultura Contemporânea (PACC), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, a partir de uma bolsa concedida pelo Instituto Itaú Cultural, André Azevedo da Fonseca, professor da Universidade Federal de Londrina, desenvolve seu pós-doutorado sobre o Fora do Eixo.

Em agosto de 2013, Fonseca compartilhou²⁵ na internet parte de seu relatório de conclusão, especificamente aquele em que descreve o cotidiano de funcionamento da entidade. O texto é rico em detalhes e se baseia tanto em observações da vida nas casas Fora do Eixo, como em depoimentos de ex-integrantes da organização.

Um dos elementos mais instigantes do modelo de gestão do Fora do Eixo diz respeito a essa extraordinária produtividade baseada no trabalho informal dos integrantes. A percepção geral é que os coletivos são constituídos por jovens adultos reunidos por fortes vínculos de amizade e que realizam as atividades por livre e espontânea vontade, organizando as tarefas de acordo com as preferências, habilidades e temperamentos de cada um (FONSECA, 2013, online).

Entre as principais contribuições de Fonseca para o debate, está a forma como ele descreve a transição do Fora do Eixo de um modelo mais “horizontal” de gestão para uma dinâmica híbrida, em que verticalidade e horizontalidade se alternam. Ele atribui essa transformação ao crescimento acelerado da organização.

25 “Vida Fora do Eixo”. Disponível em: <<https://medium.com/pop-of-culture/a7c55da0d3fc>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

Em outras palavras, se aquelas relações igualitárias ainda ocorrem no âmbito interno da maioria dos coletivos, a estrutura da rede e a relação entre os coletivos periféricos e as casas de maior destaque têm consolidado relações horizontais e verticais que constituem tramas mais intrincadas (FONSECA, 2013, online).

Fonseca também produz uma leitura relevante sobre duas formas de valoração subjetiva que o Fora do Eixo desenvolveu: o lastro,²⁶ expressão que designa o acúmulo subjetivo de força que um determinado integrante possui para desenvolver uma tarefa no coletivo; e o que ele chama de *egocard*, e que em minhas notas de campo registrei como “banco de estímulo”,²⁷ também dicionarizado na língua específica desenvolvida pela organização. Esse *egocard* nada mais do que a “valorização do ego e da auto-estima de uma pessoa” para mantê-la motivada a desenvolver as atividades que a rede necessita.

São frequentes e recorrentes a enunciação dessas ideias, expressos em sentenças como: “Pra quem transformou o trabalho em VIDA não existe feriado! =>” ou “Quem troca o trabalho pela vida não tem hora fixa e nem preguiça.” Uma das principais motivações para o trabalho também se relaciona à noção frequentemente reafirmada de que eles são um movimento revolucionário, à altura do modernismo e do tropicalismo, de modo que quem está dentro vai ficar na história, e quem sair vai perder a oportunidade de viver uma experiência transformadora (FONSECA, 2013, online).

O trabalho de Fonseca ainda está em desenvolvimento, e também aprofunda outros aspectos da constituição do Fora do Eixo. Como veremos mais adiante, parte daquilo que Fonseca descreve com distanciamento e isenção figurou nas redes sociais como denúncias e motivou a elaboração de reportagens em diferentes veículos de imprensa, como Folha de S. Paulo, Veja e Carta Capital.

A pesquisadora Rebeca Moraes Ribeiro de Barcellos na Universidade Federal de Santa Catarina defendeu no departamento de Administração a tese “Por Outro Eixo, Outro organizar: a organização da resistência do Circuito Fora do Eixo no contexto cultural brasileiro”, em que busca compreender, a partir da Teoria Política do Discurso, o modelo

26 No dicionário do Fora do Eixo, lastro é: “Aprovação assegurada por um grupo para desenvolver determinado trabalho, coletivo ou frente. Ter o lastro na fala representa possuir peso, base e fundamento, pautados sobretudo nas práticas cotidianas e na construção de processo, para garantir os encaminhamentos necessários para que uma ação tenha êxito durante sua construção coletiva.” Disponível em: <http://universidade.foradoeixo.org.br/?page_id=64>. Acesso em: 16 ago. 2013.

27 No dicionário Fora do Eixo, banco de estímulo é: “Incentivo. Armazenamento de motivações pessoais e intimistas nas pessoas envolvidas com o Fora do Eixo. Impulso que encoraja e anima alguém a realizar uma atividade.” Disponível em: <http://universidade.foradoeixo.org.br/?page_id=64>. Acesso em: 16 ago. 2013.

organizacional “de resistência” do Circuito Fora do Eixo.

Barcellos publicou, em parceria com sua orientadora Eloise Helena do Livramento Dellagnelo, o artigo “O surgimento do Circuito Fora do Eixo sob a ótica da Teoria Política do Discurso: uma reflexão”, compartilhado nos anais do VI Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão Social. O trabalho apresenta em sua conclusão apontamentos bastante relevantes para esta investigação ao afirmar, por exemplo, que o Fora do Eixo é um movimento “contra-hegemônico”, usando esse conceito a partir do referencial teórico da Teoria do Discurso. Outro aspecto que a pesquisadora da UFSC enfatiza é o papel do Governo Lula e do desmonte da indústria fonográfica na composição do contexto que permitiu o surgimento do FdE.

Neste sentido, nossas principais reflexões indicam que a concepção da realidade social de forma contingente é útil para compreender o contexto que possibilitou o surgimento do Circuito Fora do Eixo, caracterizado por movimentações, no final da década de 90 e nos anos 2000, em duas estruturas que tiveram impactos diretos sobre as condições de operação do circuito: a indústria fonográfica e o Estado, mais especificamente nas políticas públicas para a cultura com o início do governo Lula e a atuação de Gilberto Gil frente ao Ministério da Cultura (BARCELOS; DELLAGNELO, 2012, p. 18).

Embora no nível de mestrado não seja comum nos referenciar os trabalhos de conclusão de curso, cito o estudo “Emancipação 2.0 - O Fora do Eixo e a realização de uma utopia brasileira: a reinvenção das políticas culturais através da economia solidária, do crowdsourcing e do crowdfunding”, desenvolvido por João Pedro de Quadro Moraes no Departamento de Biblioteconomia e Documentação da Universidade de São Paulo. É um trabalho de fôlego. Toca nos pontos mais relevantes de um possível debate acerca das inovações introduzidas pelo Fora do Eixo na vida político-cultural brasileira, quando enfoca a economia solidária e uma disputa pelos meios de produção cultural e de fabricação de mundos que está em curso. Vale destacar que o trabalho de organização documental desenvolvido por Moraes é muito mais aprofundado, por exemplo, do que o apresentado no mestrado defendido por Frossard na UFRJ.

Seleciono uma contribuição elaborada por Moraes em sua conclusão:

“O Fora do Eixo trabalha em consonância com as principais entidades e grupos coletivos do país, sobretudo os ligados à causa ambiental, da cultura

digital, do movimento de software livre, entre outros. Esse relacionamento faz com que a rede tenha um alto nível de eficiência, já que as principais ações são realizadas coletivamente, e o trabalho dos agentes acaba diluído entre vários participantes, agilizando assim todos os processos (MORAES, 2011, p. 79).

Esse aspecto duplo, de uma plataforma que se escora em outras redes, ao mesmo tempo em que serve para o fortalecimento desses pares, é um dos aspectos mais relevantes da conformação do Fora do Eixo, como poderemos antever por meio de descrições de alguns episódios envolvendo o circuito e que será objeto de análise nos próximos capítulos.

* * *

A visão dos pesquisadores reunidos em torno da Universidade Nômade, no entanto, assume outra direção. Para esse agrupamento de pensamento radical, no artigo “O Comum e a Exploração 2.0”,²⁸ o Fora do Eixo é uma organização que faz da rede um novo modelo de negócio.

Criado ao redor da música independente (indie), o Fora do Eixo opera mais fortemente na cadeia produtiva da música e se organiza no formato de coletivos de produtores. O FdE, aqui, é fora do eixo produtivo das grandes gravadoras e produtoras, e não somente fora do eixo RJ-SP. Para ser autônomo, é preciso não só fazer música fora do mainstream, mas passar a ter controle sobre os processos de distribuição, divulgação, organização de eventos, parcerias etc. Ele conta com gestores “orgânicos” que se entregam 24 horas para a “causa”, numa moral do trabalho que lembra tanto as vanguardas profissionalizadas de militantes liberados quanto o executivo workaholic das multinacionais (UNINÔMADE, 2012, online).

A UniNômade sistematiza, em sua abrangente análise do Fora do Eixo como estrutura capitalista responsável por um novo modelo de exploração quatro categorias de críticas que, para seus opositores, caracterizam a atividade da organização: “1) a dependência de verbas estatais, 2) o caráter político do grupo, 3) a exploração dos artistas com o não-pagamento ou minoração dos cachês, e 4) um comportamento predatório dos mercados.” Os teóricos nômades, no entanto, propõem ir além dessas críticas. Para eles, o que está em jogo é a afirmação do comum e o combate de toda tentativa que busque capturar a biopotência da multidão.

28 “O Comum e a Exploração 2.0”. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/o-comum-e-a-exploracao-2-0>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

O comum está além do público-estatal e do privado, como esfera transversal onde cultura, economia e política se amalgamam gerando potências de vida: biopolítica e auto-valorização. Trata-se da ocupação intensiva do espaço e do tempo, sob outra gramática organizacional. Uma organização heterogênea que se constitui não para nivelar as diferenças, mas para produzir a partir delas, gerando novos entes e processos (UNINÔMADE, 2012, online).

O mecanismo de captura que a UniNômade denuncia não está em qualquer “malversação de verbas públicas”, mas sim em uma tática de extração de valor do comum em nome de uma única organização específica, gestora de uma marca, no caso a marca Fora do Eixo.

A questão é que, ao assumir o brand management ‘Fora do Eixo’, sucede uma valorização paralela e cumulativa. A acumulação de valor se dá na integração, na sinergia, na socialização dos múltiplos trabalhos e projetos tomados isoladamente. Daí a formação de um autêntico capital social, de uma intensificação da produção em rede. Essa valorização difusa supera, exponencialmente, a possível extração de lucro dos empreendimentos isolados (UNINÔMADE, 2012, online).

Essa leitura conclui que o processo de caminho do Fora do Eixo rumo ao eixo seria justamente a etapa final de seu processo de assimilação e transformação em máquina capitalista.

Os gestores 2.0 das redes em rede aos poucos mostram a face como os novos capitalistas, afinados com o discurso altercapitalista da sustentabilidade, do cool e da indignação seletiva. São gestores do comum que precisam abafar a qualquer custo o antagonismo e o dissenso, ao mesmo tempo em que mistificam a exploração dos comuns com discursos enviesadamente radicais e antissistêmicos (UNINÔMADE, 2012, online).

Na Universidade de São Paulo também localizei dois trabalhos de conclusão de curso na especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos do Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (CELACC/ECA-USP): O Eixo Fora do Eixo e a Política Cultural no Brasil, de Ana Márcia Andrade e Movimentos Sociais no Ciberespaço: estudo da Marcha da Liberdade, de Tatiana Lima. Ambos foram desenvolvidos em 2011 e consistem em trabalhos reduzidos mas que estabelecem um debate sobre o Fora do Eixo e suas ações no âmbito da formação de gestores e produtores e culturais.

Por fim, é importante destacar que o Fora do Eixo passou a ser citado em artigos e

avaliações de autores que se dedicam a elaborar sobre a conjuntura brasileira das artes, da cultura digital e da economia criativa.

Em um texto para o catálogo da 16ª edição do Simpósio Internacional de Arte Eletrônica (ISEA), Giselle Beiguelman analisa o contexto político-cultural brasileiro, marcado pelo que ela nomina de “emergência tecnofágica”. Nesse texto, Beiguelman destaca o papel desempenhado por novos circuitos de produção cultural em rede, entre os quais o Fora do Eixo:

Não só o perfil social de acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação mudou muito nos últimos anos. Mudaram também as formas de produção e circulação da cultura. Isso tem culminado em diversas ações independentes, como os projetos Overmundo e Casa da Cultura Digital, voltadas para o estabelecimento de circuitos de veiculação da produção cultural. E tem culminado também na formação de redes temporárias de criação de dispositivos que podem resultar em outras ações criativas, propondo novos modelos econômicos. **Nessa perspectiva, destaca-se o Circuito Fora do Eixo, uma rede de coletivos da indústria musical dedicados à troca de tecnologias, criado em 2005** por produtores culturais de cidades localizadas fora do circuito “mainstream” da economia da cultura brasileira, ou seja, de fora do circuito Rio-São Paulo. A rede cresceu e atualmente possui pontos em todo o país, sendo responsável pela organização de festivais, incluindo iniciativas transnacionais como o Grito Rock América do Sul. Em suas próprias palavras: ‘Isso prova que é possível produzir uma cadeia sustentável em larga escala, conectando diretamente os produtores dos diferentes estados por meio de uma rede de trocas baseada em pequenas unidades e não em grandes estoques (BEIGUELMAN, 2012, p. 325, grifo nosso).²⁹

Lala Deheinzelin, no ensaio “Economia Criativa e métodos para dar uma mão ao futuro”, publicado em agosto de 2011, ao definir caminhos possíveis para a produção na sociedade da informação, escreve:

Como aproveitar a hora certa? Mais uma vez a questão da colaboração –

29 Tradução livre para: “The social profile of access to Information and Communication Technologies was not the only thing that has changed a lot in recent years. The forms of production and diffusion of culture have also changed dramatically. These novelties led to several independent actions, such as Overmundo and Casa da Cultura Digital, which are projects with the aim of establishing circuits to spread the cultural production. In addition, they led to the emergence of temporary networks devoted to the creation of devices that can generate another creative actions proposing new economic models. It’s worth mentioning the Circuito Fora do Eixo, a network of small initiatives in the music industry and devoted to the exchange of technology, conceived in 2005 by cultural producers from cities located outside the mainstream circuit of the Brazilian cultural economy, i.e., outside the Rio de Janeiro-São Paulo circuit. The network grew and today it has nodes all over the country, being responsible for many festivals, including international initiatives like the Grito Rock South América. In their own words: “It proved to be possible to produce in large scale in a self-sustaining chain, in direct contact with producers from other states through a network of information based in small units in favor of large stocks.”

ninguém consegue colher um pomar de maçãs sozinho. Já existem muitas formas criativas de empreender, de arranjos produtivos a coletivos informais e organizados em rede. Um dos modelos mais fascinantes e completos que conheço é o Circuito Fora do Eixo, formado por centenas de jovens organizados em mais de setenta coletivos que inova na forma de gestão, no uso de dupla moeda complementar (moeda social + moeda “tempo”), na linguagem. Eles nos dão uma pista importante: para ter uma boa colheita é bom juntar as diferenças: gerações diferentes, conhecimento formal e informal, presencial e virtual, criatividade e participação cidadã. (DEHEINZELIN, 2011, p. 350).

À medida que a organização se torna mais conhecida, a tendência é que novos estudos sejam produzidos. Analisando os que estão atualmente à disposição, podemos identificar que há pesquisadores que optaram por, com distanciamento crítico, “pensar sobre” o FdE. Há outros que, por legítimo alinhamento com as proposições dessa organização, assumem o esforço de “pensar com”. O lugar do cientista social é uma questão em aberto desde sempre. Politicamente, alguns optam por enxergar no FdE um modelo “contra-hegemônico”, com “potencial de reversão, resistência e experimentação dentro do capitalismo”. Outros buscam evidenciar o Fora do Eixo como uma força capitalista que se vale de um discurso novo aliado a velhas práticas de exploração. Entre esses dois extremos, talvez seja impossível encontrar alguma explicação mais próxima do real.

3 O CONTEXTO

Conforme vimos no capítulo anterior, as organizações sociais não podem ser pensadas fora de seu contexto histórico e conjuntural. Em 2002, ano em que os estudantes de comunicação que viriam a construir o Fora do Eixo deram o passo de saída da universidade e fundaram o Espaço Cubo, o Brasil vivia alguns processos seminais. Em janeiro, em Porto Alegre, realizou-se a segunda edição do Fórum Social Mundial,³⁰ reunindo mais de 50 mil pessoas de 123 diferentes países, em torno do dístico “um outro mundo é possível”. A segunda edição consolidaria o FSM como um espaço de articulação global dos novos movimentos sociais.

Em outubro o Brasil elegeria Luiz Inácio Lula da Silva (PT) o primeiro operário presidente da República, pondo fim aos oito anos de mandato de Fernando Henrique Cardoso (PSDB). O Ministério da Cultura, por sua vez, sofreria uma grande transformação. O sociólogo e historiador Francisco Weffort concluiria seus oito anos de gestão passando a cadeira para o músico Gilberto Gil. Esses episódios inaugurariam a primeira década do século XXI no Brasil, um período marcado por acentuadas transformações no cenário político, especialmente pelo aprofundamento da participação da sociedade civil na governança do país.

Isso é importante: você faz um programa, estabelece metas e cumpre as metas. E as pessoas têm conhecimento disso. E qual o legado de tudo isso? é que o povo sentiu que participou do governo. As pessoas falavam: “Eu sou igual a esse cara” ou então “Esse cara está junto comigo”. E também pensam o mesmo de Dilma. [O brasileiro] começa a se sentir parte do projeto: ele sabe, ele contribui, ele dá a sua opinião, ele é contra, ele é a favor... As conferências nacionais foram a consagração disso. A gente não tinha orçamento participativo, não era possível fazer orçamento participativo na união. Então, nós resolvermos criar condições para o povo participar. Promovemos conferências municipais, estaduais e nacionais. Foi a forma mais fantástica de um presidente da República ouvir o que o povo tinha a dizer (LULA, apud SADER, 2013, p. 11).

De acordo com Leonardo Avritzer, “as conferências nacionais se tornaram a mais importante e abrangente política participativa no Brasil”.³¹ Em estudo produzido para o IPEA, Avritzer destaca que desde o início da realização de conferências nacionais, nos anos 1940,

30 Verbete na Wikipédia: <http://pt.wikipedia.org/wiki/F%C3%B3rum_Social_Mundial>. Acesso em: 15 ago. 2013.

31 “Conferências Nacionais: ampliando e redefinindo os padrões de participação social no Brasil”. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=15077>. Acesso em: 18 ago. 2013.

durante o governo Vargas, até 2012 foram realizadas 115 conferências. Destas, 74 ocorreram durante o governo Lula (cerca de 65%). Ou seja, a sociedade civil brasileira, que na virada do século XXI hospedava o maior evento mundial voltado à construção de novos caminhos para o planeta, foi convocada a contribuir para a elaboração de políticas públicas responsáveis por transformar a realidade do país.

O período em análise também foi marcado por uma ampla democratização do acesso às novas tecnologias de informação e comunicação (TICs), entre as quais o computador com acesso à internet e os aparelhos celulares, gerando mudanças nos hábitos de consumo, produção e circulação de comunicação e cultura, especialmente nas regiões consideradas periféricas.

Nesse sentido, vale então recuperarmos as questões propostas no capítulo de introdução:

(1) Qual a influência dos movimentos sociais altermundistas para uma nova forma de agir político em nosso país?

(2) Qual o papel do governo Lula e do Ministério da Cultura dirigido por Gilberto Gil e Juca Ferreira, entre 2003 e 2010, no estímulo a redes como o Fora do Eixo?

(3) O que a cultura digital e a democratização da internet no território nacional têm a ver com esse processo?

(4) Como as limitações de acesso aos direitos culturais estimularam o surgimento de organizações no campo da cultura?

3.1 NA ANTE-SALA DO GOVERNO LULA, O ALTERMUNDISMO

O papel da internet para a construção de alternativas políticas é central já não é de hoje. Em seu livro, *Sem Logo - A Tirania das Marcas em um Planeta Vendido*, a ativista canadense Naomi Klein, analisa, no posfácio *Adeus ao Fim da História*, o movimento altermundista,³² ou anti-globalização, que se desenvolveu no final dos anos 1990 do século

32. O altermundismo é um amplo conjunto de movimentos sociais que surgiu no final dos anos 1990, que se reuniu em torno dos dias de Ação Global e do processo do Fórum Social Mundial, que teve início em Porto Alegre, RS, Brasil. Esse movimento, formado por ativistas de diferentes correntes políticas, propunha uma outra globalização, e realizava a crítica social do pensamento único neoliberal e do processo de mundialização capitalista.

passado. Para ela, mais que um instrumento para a organização, a internet já se revelava, naquele momento, como um elemento de moldagem do movimento “à sua própria imagem”.

Graças à net, as mobilizações são capazes de se desdobrar com pouca burocracia e hierarquia mínima; o consenso forçado e manifestos elaborados desaparecem ao fundo, substituídos por uma política de troca de informações constante, frouxamente estruturada e às vezes compulsiva (KLEIN, 2004, p. 479).

Para a autora, surge nesse processo de lutas políticas um modelo de militância que espelha as “vias orgânicas, descentralizadas e interligadas da internet” (KLEIN, 2004, p. 480).

No livro “*Networked Futures: the movements against corporate globalization*”, Jeffrey Juris traça algumas das características constituintes desses movimentos sociais, em coro com a afirmação da pesquisadora e ativista canadense. Segundo ele, os imaginários políticos utópicos dos novos movimentos são expressos por meio de processos organizacionais e experimentação tecnológica.

Eu afirmo que o movimento anti-globalização corporativa envolve a crescente articulação de tecnologias de rede, formas de organização e normas políticas, articuladas a uma concreta prática militante. Para além da tecnologia e do modelo organizacional, a rede surge como um ideal cultural, um modelo de - e um modelo para - novas formas de política radical e de democracia direta (JURIS, 2008, p. 15).³³

No Brasil, um conjunto de agentes tomou parte desse processo de construção política *altermundista*, em especial porque um dos momentos cruciais dessa era de mobilizações globais teve lugar em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul, cidade que recebeu as primeiras edições do Fórum Social Mundial.

Klein afirma que o FSM aponta para a passagem do período de contestação – marcado por ações em contraposição aos encontros dos principais organismos políticos multilaterais, como as que ocorreram em Seattle, Praga e Gênova – para uma época de proposição de alternativas. A ausência, no entanto, de respostas gerais e de um “programa unificado” levou o movimento a se diluir em diferentes linhas de ação.

Gorz (2005) localiza que são essas redes livres a matriz comum das mobilizações na

33 Tradução livre para: “I have argued that anti-corporate globalization movement involve an increasing confluence among network Technologies, organizational forms, and political norms, mediated by concrete activist practice. Beyond technology and organization, the network has also emerged as a widespread cultural ideal, a model of – and model for – new forms of radical, directly democratic politics”.

virada do século 20 para o 21, baseadas em “estrutura não-hierárquica”, em “redes horizontais descentradas em vias de se auto-produzir e de se auto-organizar”, fundadas no princípio da “democracia consensual”.

No fundo, é isso o que está em jogo no tal movimento anti-globalização. Neles e manifesta uma oposição enfática ao desmonte da coletividade, a modernização catastrófica dos países em desenvolvimento, a privatização do saber, da produção de conhecimento e do bem comum. Entre seus vários ativistas destacam-se, por sua natureza bombástica particularmente eficaz, o movimento do software livre e o "hacker". Sua oposição é ativa na esfera mais importante para o capital: a esfera da produção, da disseminação, da socialização e da organização do saber. Eles são os "dissidentes do capitalismo digital (GORZ, 2005, p. 12).

Juris, no artigo *“The New Digital Media and Activist Networking within Anti-Corporate Globalization Movements”*, lembra o papel pioneiro do movimento Zapatista, que em 1994 já fazia uso da internet para envio de comunicados escritos pelo Sub-Comandante Marcos direto da Selva Lacandona, México, foco da guerrilha que tomou o estado de Chiapas.

Inspirados pelo uso pioneiro da internet pelos Zapatistas (Castells 1997; Cleaver 1995, 1999; Olesen 2004; Rondfelt et al. 1998) e pelas campanhas de livre comércio (Ayres 1999; Smith and Smythe 2001), o movimento contra a globalização corporativa empregou redes digitais para organizar ações diretas, compartilhar informações e recursos, e coordenar suas atividades. Os ativistas fizeram um uso particularmente efetivo do e-mail e de servidores de listas, os quais facilitam a participação aberta e a comunicação horizontal (JURIS, 2005, p. 195).³⁴

Juris também identifica uma ação política dualista (“dual politics”) na ação dos movimentos anti-globalização.

Nesse sentido, os movimentos anti-globalização não podem ser avaliados apenas nos termos de seus efeitos instrumentais. Como argumentei, os movimentos sociais contemporâneos desenvolvem uma política dualista: constituem uma infra-estrutura tática para intervir nas esferas dominantes da política e, simultaneamente, prefiguram alternativas e um mundo de

34 Tradução livre para: “Inspired by the pioneering use of the Internet by the Zapatistas (Castells 1997; Cleaver 1995, 1999; Olesen 2004; Rondfelt et al. 1998) and early free trade campaigns (Ayres 1999; Smith and Smythe 2001), anti-corporate globalization activists have employed digital networks to organize direct actions, share information and resources, and coordinate activities. Activists have made particularly effective use of e-mail and electronic listservs, which facilitate open participation and horizontal communication”.

democracia direta (JURIS, 2008, p. 275).³⁵

Ou seja, esses movimentos do século XXI se destacaram por construir formas organizacionais alternativas que refletissem a sua opção pelo comunitarismo e por dinâmicas não-hierárquicas, sem abandonar a intervenção estratégica na arena política formal. É importante ressaltar este trecho, porque ele será fundamental para análise posterior do Fora do Eixo. Juris também ressalta que esses movimentos em rede se constituíram como laboratórios sociais. Isso quer dizer que sua configuração é aberta o suficiente para se permitir experimentar rumos e processos. “Para além da produção de valores alternativos, discursos e identidades, os movimentos anti-globalização seriam melhor compreendidos como laboratórios sociais, que geram novas práticas culturais e imaginários políticos para a era digital” (JURIS, 2008, p. 276).³⁶

Os movimentos sociais anti-globalização influenciaram fortemente o imaginário político da geração que viveu o processo do Fórum Social Mundial no país, e não seria diferente. Ocorre que, como registra o próprio Juris em seu livro, diferentemente de outros países onde a luta por um novo modelo de sociedade não encontrou abrigo nas instituições da política tradicional, com a eleição de Lula, as forças da sociedade civil brasileiras vivenciaram uma experiência inédita de diálogo com o Estado.

3.2 POLÍTICAS DA TROPICÁLIA E O MINISTÉRIO HACKER

Em 2003, inflado pelo clamor popular que elegeu Lula, Gilberto Gil assumiu o comando do Ministério da Cultura prometendo, em seu discurso, transformar a pasta na “casa de todos os que pensam e fazem o Brasil”.

Ao afirmar que “toda política cultural faz parte da cultura política de uma sociedade e de um povo”, Gil demarcou ali o que viria a ser uma das principais características de sua

35 Tradução livre para: “In this sense, anti-corporate globalization movements should not only be evaluated in terms of their instrumental effects. Instead, as I have argued, contemporary social movements involve a dual politics, constituting tactical infrastructures for intervening within dominant political spheres while simultaneously prefiguring alternative, directly democratic worlds.”

36 Tradução livre para: “Beyond the production of alternative values, discourses, and identities, however, anti-corporate globalization movements are perhaps best understood as social laboratories, generating new cultural practices and political imaginaries for a digital age”.

gestão e da de seu sucessor: contribuir para a transformação da cultura política brasileira ao realizar “uma espécie de *'do-in antropológico'*, massageando pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país. Enfim, para avivar o velho e atizar o novo” (GIL, 2003, on-line). Gil concluiria sua fala de posse anunciando que o MinC, sob seu comando, seria “o espaço da experimentação de rumos novos”, da “aventura e da ousadia”.

É com esta compreensão de nossas necessidades internas e da procura de uma nova inserção do Brasil no mundo que o Ministério da Cultura vai atuar, dentro dos princípios, dos roteiros e das balizas do projeto de mudança de que o presidente Lula é, hoje, a encarnação mais verdadeira e profunda. Aqui será o espaço da experimentação de rumos novos. O espaço da abertura para a criatividade popular e para as novas linguagens. O espaço da disponibilidade para a aventura e a ousadia. O espaço da memória e da invenção (GIL, 2003, online).

Ao longo dos anos, o músico-gestor e seus parceiros, em especial seu então Secretário-executivo e posteriormente Ministro da Cultura, Juca Ferreira (2008-2010), desenvolveriam a tese da política cultural em três dimensões (simbólica, cidadã e econômica), o que constituiria, como avalia o crítico literário Idelber Avelar, um projeto político-cultural de esquerda que não encontra registro anterior na história brasileira. No artigo³⁷ “O PT e a Política Cultural de Esquerda no Brasil: uma história acidentada”, Avelar (2011) cria uma cronologia baseada na relação entre a esquerda e as políticas culturais com quatro fases, sendo que a quarta seria inaugurada pela gestão Gil/Juca: (1) a primeira seria o período dos Centros Populares de Cultura, na década de 1960, com o desenvolvimento da visão nacional-popular; (2) a segunda, o modelo Embrafilme, com o centrismo de agentes das esquerdas nas políticas da ditadura; (3) o terceiro momento seria marcado pela adesão ao mercado e às leis de incentivo à cultura, capitaneada pelos artistas de esquerda, algo mais recorrente nos anos 1990; (4) a quarta seria o “momento Lula”, no qual a visão antropofágica do tropicalismo chegaria enfim ao Estado, desenhando um novo diagrama para as políticas culturais.

Em um breve resumo, a ideia de cultura em três dimensões prevê articular políticas que promovam os direitos dos cidadãos com o apoio e a liberdade aos artistas, sem abandonar o fomento à economia da cultura e das artes. Isso também sem subordinar uma dessas

37 Disponível em:

<http://www.substantivoplural.com.br/o-pt-e-a-politica-cultural-de-esquerda-no-brasil-uma-historia-acidentada/>
/ Acesso em: 19 ago. 2013

dimensões a outra. A boa política, portanto, nessa concepção, emerge de um equilíbrio permanente entre as dimensões simbólica, cidadã e econômica.

A principal expressão do *do-in antropológico* materializado em política pública foi o Programa Cultura, Educação e Cidadania - Cultura Viva, do qual os Pontos de Cultura são a principal ação. O programa foi formulado com base no princípio de que, embora indutor dos processos culturais, o Estado não é o agente responsável por “fazer cultura”. Cabe a ele, em última instância, criar condições e mecanismos para que seus cidadãos não apenas acessem bens simbólicos, como também produzam e veiculem seus próprios bens culturais, movimentando seu contexto local como sujeitos ativos desses processos (FEIRE et. al., 2003).

Com base nesses princípios, a proposta dos Pontos de Cultura se materializou em editais públicos, tendo como foco organizações da sociedade civil em atividade havia pelo menos dois anos, localizadas em áreas com pouca oferta de serviços públicos e envolvendo populações pobres ou em situação de vulnerabilidade social. Às organizações vencedoras dos editais (que se tornaram, a partir de então, Pontos de Cultura), caberia articular e promover ações culturais locais. Para tanto, passariam a receber R\$ 5 mil mensais, por três anos.

No início, o edital ainda previa, como ação indispensável em cada um dos Pontos de Cultura, a presença de um estúdio digital multimídia. Os recursos deveriam ser destinados à aquisição de um “kit multimídia”: computadores conectados à Internet, todos equipados com software livre, além de demais equipamentos para captação e edição de áudio e vídeo – câmera, filmadora, mesa de som etc. A proposta era de que as comunidades contempladas se sentissem incentivadas tanto a produzir conteúdos digitais quanto a difundi-los pela rede (TURINO, 2010).

A pesquisadora Eliane Costa, autora do livro “Jangada Digital”, destaca que esse trabalho desenvolvido pela dupla Gil-Juca destacou-se pelo “alargamento do conceito de cultura, a aposta na diversidade, na chamada cultura da periferia e na inovação, bem como o diálogo entre patrimônio e tecnologia de ponta” (COSTA, 2011, p. 37). Também levou a, não apenas uma nova face das políticas culturais, mas uma mudança significativa da cultura política, principalmente entre os agentes e produtores culturais ligados ao movimento social.

Em sintonia com a concepção ampliada de cultura que trazia ao Ministério, Gil propusera, poeticamente, em seu discurso de posse: ‘Formular políticas públicas para a cultura é, também, produzir cultura’. E, desde o seu primeiro mês no cargo, destacara em declarações, tanto o papel da ‘cultura como política’, como o da ‘política como cultura’ (COSTA, 2011, p. 45).

O antropólogo Hermano Vianna registra que essa política cultural sem registro prévio no país origina-se ideologicamente no tropicalismo, o movimento estético-político que Gil liderou ao lado de Caetano Veloso nos anos 1960.

A tropicália irrompe em 1968, quando os conflitos culturais que marcavam o país se tornaram incontornáveis. Conforme contextualiza Christopher Dunn, autor de *Brutalidade Jardim: a Tropicália e o surgimento da contracultura brasileira*, naquele momento as classes médias se opunham à ditadura. Artistas e intelectuais se lançavam a interpretações sobre o fracasso brasileiro do passado e entregavam-se a uma luta aflita por igualdade, justiça e soberania. Gil e Caetano, acompanhados de Tom Zé, Rogério Duprat, de Os Mutantes, entre outros, lançam-se em movimento e radicalizam no comportamento.

A Tropicália foi tanto uma crítica desses defeitos quanto uma celebração exuberante, apesar de muitas vezes irônica, da cultura brasileira e suas contínuas permutações. Como o nome sugere, o movimento fazia referência ao clima tropical do Brasil que, ao longo da história, tem sido exaltado por gerar uma exuberante abundância, ou deplorado por impedir o desenvolvimento econômico na linha das sociedades de climas temperados. Os tropicalistas propositadamente evocavam imagens estereotipadas do Brasil como um paraíso tropical só para subvertê-las com referências incisivas à violência política e à miséria social (DUNN, 2008, p. 19).

Dunn afirma que a tropicália constituiu um caso “exemplar” de hibridismo cultural, o qual “desmantelou a dicotomia responsável pelas distinções formais entre a produção da alta e baixa cultura e da cultura tradicional e moderna, nacional e internacional” (DUNN, 2008, p. 19).

A explosão tropicalista foi apontada como alegórica por Roberto Schwartz. O catedrático da Universidade de São Paulo demonstrava incômodo com o fato de as letras e músicas de Caetano, Gil e seus parceiros negarem “qualquer potencial de transformação dialética” (Schwarz, 1978, p. 78 apud DUNN, 2007, p. 20). Essa crítica, no entanto, seria rebatida ao longo dos anos seguintes por outros autores, como Heloísa Buarque de Hollanda, para quem a tropicália não fazia coro com a “argumentação redentora de esquerdistas mais ortodoxos, porém intervinha diretamente em atitudes e comportamentos individuais”. Era uma expressão da contracultura brasileira.

Essa condição provocadora do tropicalismo Vianna retoma, em seu artigo “Políticas da Tropicália”, publicado no catálogo da exposição *Tropicália: uma revolução na cultura brasileira*, no qual busca explicar a experiência de Gil e Juca à frente do Ministério da

Cultura. Especialmente a que diz respeito às expectativas do que ele chama de esquerda bem comportada.

O mundo quer entrar agora nessa onda tropicalista (como o governo Lula aceitou entrar)? Sejam todos bem-vindos, mas tenham sempre em mente: não há caminho de volta. Que ninguém se engane: o tropicalismo não é um multiculturalismo criado nos trópicos, não é o elogio politicamente correto da diversidade cultural, não é a alternativa terceiro-mundista contra a globalização neoliberal, não é uma injeção de energia exótica (e “não-ocidental”) para revitalizar o mercado das artes internacionais – que agora se alimenta de novidades do “resto do mundo”, tentando se livrar da culpa ‘imperialista’. É melhor ouvir bem o que Gilberto Gil disse nos jornais: o povo sabe que está indo para o governo um tropicalista – em outras palavras (entre muitos outros significados): nunca vou ser um militante de esquerda bem comportado; nunca vou ser um nativo facilmente manipulável por tendências estético-políticas da moda; nunca vou me adequar a uma cartilha (VIANNA, 2007, p. 134).

O sopro tropicalista ganhou vida nova com a ida de Gil para o ministério e se expressou, principalmente, nas políticas destinadas à cultura digital e às redes de compartilhamento. Desde o seu início, o governo Lula desenvolveu uma ousada política de utilização e fomento ao software livre. Gil liderou a adesão do Ministério da Cultura a esse processo, e passou a difundir em suas falas valores das comunidades de compartilhamento.

Em um discurso na USP, em 2004 – o qual até hoje é considerado programa político para muitos dos ativistas das redes político-culturais do país –, Gil afirma viver e gerir a cultura do país inspirado sob a ética hacker.³⁸

Eu, Gilberto Gil, cidadão brasileiro e cidadão do mundo, ministro da cultura do Brasil, trabalho na música, no Ministério e em todas as dimensões da minha existência, sob a inspiração da ética hacker, e preocupado com as questões que o meu mundo e o meu tempo me colocam, como a questão da inclusão digital, a questão do software livre e a questão da regulação e do desenvolvimento da produção e da difusão de conteúdos audiovisuais, por qualquer meio, para qualquer fim (GIL, 2004, online).

Um hacker, de acordo com Pekka Himanen, é “um expert ou entusiasta de qualquer tipo que pode se dedicar ou não à informática”.

Nesse sentido, a ética hacker é uma nova moral que desafia a ética

38 “Hackers resolvem problemas e compartilham saber e informação. Acreditam na liberdade e na ajuda mútua voluntária, tanto que é quase um dever moral compartilhar informação, resolver problemas e depois dar as soluções para que outros possam resolver novos problemas” (GIL, 2004, online)

protestante do trabalho, como foi exposta há quase um século por Max Weber em sua obra clássica *A ética protestante e o espírito do capitalismo*, e que está fundada no trabalho enfadonho, na aceitação da rotina, no valor do dinheiro e na preocupação por conta dos resultados. Frente a essa moral apresentada por Weber, a ética do hacker é fundada no valor da criatividade, e consiste em combinar paixão e liberdade. O dinheiro deixa de ser um valor em si mesmo e o benefício se mede em metas como o valor social e o livre acesso, a transparência e a franqueza (HIMANEN, 2001, p. 4).

Vianna analisa que essa condição tropicalista fez com que Gil, de forma “natural”, se tornasse, entre os Ministros da Cultura de qualquer país, um entusiasta das transformações tecnológicas pelas quais passa a cultura, marcada por um debate que opõe a velha indústria cultural aos novos modelos de uso gerados pela internet. O antropólogo destaca que a luta pelo software livre e os códigos-abertos se tornou a “principal batalha que está sendo hoje travada nos campos políticos, econômicos e culturais” (VIANNA, 2008, p. 141).

Costa também destaca a centralidade que a questão digital ganhou durante a gestão Gil-Juca.

Ao identificar, nos novos paradigmas da cibercultura, a possibilidade de ativar ‘os pontos vitais, mas momentaneamente desprezados ou adormecidos, do corpo cultural do país’, mobilizando novos sujeitos e fazendo circular energias represadas, o Ministério da Cultura, durante a gestão Gil e no âmbito das prioridades do governo Lula, coloca a cultura digital como dimensão incontornável, nos nossos dias, para a diversidade e o desenvolvimento sustentável (COSTA, 2011, p. 80).

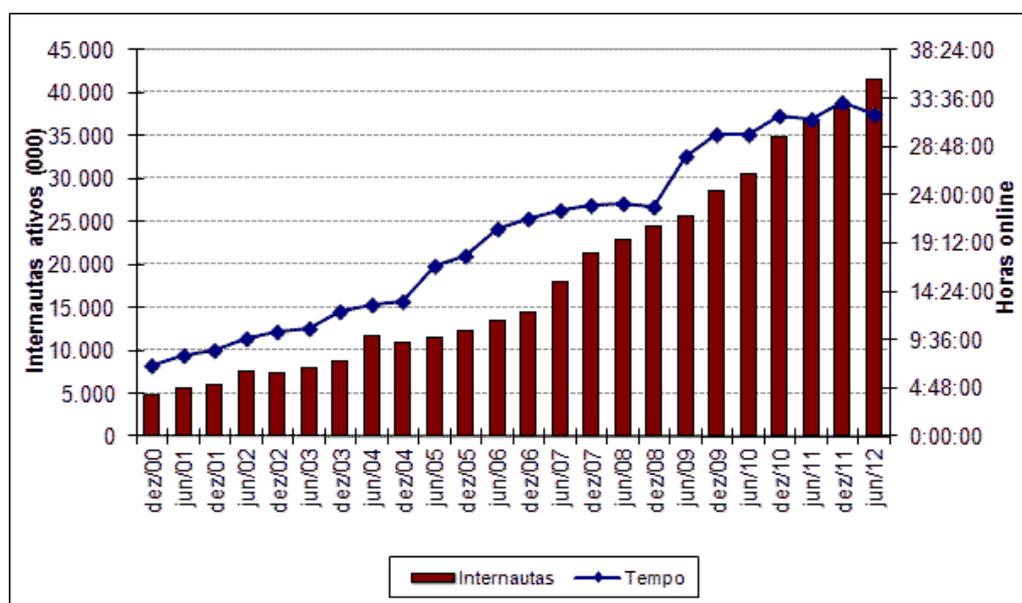
Essa transformação de mentalidade e de estímulo a uma nova cultura política, baseada na liberdade, no compartilhamento, nas tecnologias livres, na participação política, exerceria um forte fascínio em vários grupos culturais do país. Especialmente aqueles que se encontravam fora do foco das ações do Estado, como os grupos de cultura popular, de cultura da periferia urbana, de povos indígenas, e também a juventude urbana afastada dos grandes centros de produção cultural. Esses agentes vivenciaram, entre 2003 e 2010, a experiência de co-gerir e co-formular políticas públicas.

3.3 A POPULARIZAÇÃO DA INTERNET E DA CULTURA DIGITAL

Durante a primeira década do século, o Brasil viveu um processo acentuado de popularização das novas tecnologias de informação e comunicação (TICs) e do acesso à rede mundial de computadores.

Em 2000, o país tinha cerca de 10 milhões de computadores em uso. Em 2013, esse número passou para 119 milhões, o que configura três micros para cada cinco habitantes brasileiros.³⁹ O número de cidadãos usuários de internet quintuplicou, como mostra o gráfico. Saiu de 7.5 milhões de usuários residenciais em 2002, para mais de 40 milhões em 2012. Em números absolutos, o país atingiu em 2012 o número de 94 milhões de pessoas com acesso à internet.⁴⁰

GRÁFICO 1 – Acesso residencial à internet



Fonte: Painel Ibope/Net Ratings – CETIC/CGI-Br⁴¹

Em 2002, as redes sociais ainda não faziam parte do cardápio usual dos internautas. Os blogs, no entanto, já estavam na moda. O aplicativo MSN Messenger, a cópia da Microsoft para o pioneiro ICQ, já era largamente utilizado. Essa aplicação permitia a conversação instantânea por meio da internet, sem custos adicionais para o usuário.

A partir de 2004, no entanto, com a criação e difusão do Orkut pela Google, o Brasil

39 Fonte: Fundação Getúlio Vargas. Disponível em:

<<http://eaesp.fgvsp.br/sites/eaesp.fgvsp.br/files/arquivos/gvpesqti2013ppt.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013

40 Fonte: Ibope/Net Ratings. Disponível em:

<<http://idgnow.uol.com.br/internet/2012/12/14/ibope-numero-de-internautas-no-brasil-passa-de-92-milhoes>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

41 Disponível em: <<http://www.cetic.br/usuarios/ibope/tab02-01-cons.htm>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

vivenciaria uma experiência pioneira de adesão a sites de redes sociais. Os movimentos sociais em rede já faziam uso intensivo de aplicações colaborativas próprias como o Centro de Mídia Independente (CMI) desde o ano 2000, mas a maior parte dos usuários comuns ainda estava se adaptando às nascentes aplicações do que viria a ser conhecido como web 2.0.

A comunidade do Espaço Cubo no Orkut foi criada em julho de 2004. Em entrevista para esta dissertação, Capilé afirma que a possibilidade de estabelecer conexões com outras regiões do país, a partir de Cuiabá, foi o estímulo necessário para que se lançassem a articular um circuito “fora do eixo”. No começo, ainda faziam um uso instrumental, mas intensivo.

Nesse contexto, também se popularizaram no país as políticas de inclusão digital e de apropriação crítica das tecnologias, a partir de iniciativas públicas desenvolvidas em âmbito municipal, estadual e por órgãos do governo federal. Entre esses programas, o supracitado Programa Cultura Viva, com os pontos de cultura, que buscavam estimular não apenas o uso padrão das tecnologias e da internet, mas principalmente fomentar o uso criativo e cultural.

Por esses fatores, ganha força a articulação de agentes em torno da ideia de cultura digital. No Ministério da Cultura, dentro do Programa Cultura Viva, é desenvolvida a Ação Cultura Digital, que busca difundir usos e práticas de criação cultural com software livre para as organizações premiadas como Pontos de Cultura. Encontros para trocas de conhecimentos livres ocorrem em todo o país, difundindo valores e formas de agir baseadas na liberdade e no compartilhamento.

Ainda que a terminologia adotada pelo Ministério da Cultura tenha sido cultura digital, trata-se daquilo que André Lemos, professor da Universidade Federal da Bahia (UFBA) e um dos principais pesquisadores do tema no Brasil, define como o fenômeno que “dita o ritmo” das transformações sociais, culturais e políticas no planeta.

A cibercultura (Lemos, 2004) é o conjunto tecnocultural emergente no final do século XX impulsionado pela sociabilidade pós-moderna em sinergia com a microinformática e o surgimento das redes telemáticas mundiais; uma forma sociocultural que modifica hábitos sociais, práticas de consumo cultural, ritmos de produção e distribuição da informação, criando novas relações no trabalho e no lazer, novas formas de sociabilidade e de comunicação social. Esse conjunto de tecnologias e processos sociais ditam hoje o ritmo das transformações sociais, culturais e políticas nesse início de século XXI (LEMOS; LEVY, 2010, p. 11).

A própria conceituação de cultura digital foi um dos desafios a que os agentes desse campo se dedicaram nesse contexto. Em discurso da USP supracitado, Gil diria:

Cultura Digital é um conceito novo. Parte da ideia de que a revolução das tecnologias digitais é, em essência, cultural. O que está implicado aqui é que o uso da tecnologia digital muda os comportamentos. O uso pleno da internet e do software livre cria fantásticas possibilidades de democratizar os acessos à informação e ao conhecimento, maximizar os potenciais dos bens e serviços culturais, amplificar os valores que formam o nosso repertório comum e, portanto, a nossa cultura, e potencializar também a produção cultural, criando inclusive novas formas de arte (GIL, 2004, online).

Essa somatória de estímulos públicos associada à popularização dos instrumentos técnicos que permitiam aos cidadãos interconectarem-se em rede contribuiu para a emergência de novos agentes culturais no país. Essa seria uma das marcas do contexto que permitiu o surgimento do Fora do Eixo. Como vimos anteriormente, as outras circunstâncias foram: (1) a emergência de movimentos sociais na rede, que atuam em rede e se organizam “à imagem e semelhança da rede”, os quais agem de forma dualista (JURIS, 2008), ou seja, que experimentam novas formas de ação local enquanto buscam influenciar os rumos da grande política; (2) uma experiência de vigorosa participação social proporcionada pelo governo Lula, em especial pelo Ministério da Cultura de Gil-Juca, que buscou fomentar ativamente, por meio de políticas públicas, as “forças vivas” da cultura brasileira; (3) o fortalecimento dos valores da colaboração e do compartilhamento a partir da difusão do software livre como política de governo e como prática das organizações sociais contemporâneas; (4) a popularização da tecnologia como cultura e da inovação como parte do trabalho do criador e do produtor cultural; (5) a descentralização do acesso às tecnologias de comunicação, como computadores, e à rede mundial de computadores, pelas cidades do interior do país, modificando hábitos de consumo, fruição e circulação da cultura.

4 O CIRCUITO CULTURAL

Dentro do Fora do Eixo coexistem (1) o circuito cultural e (2) a organização política. Uma retroalimenta a outra e ambas estruturam a rede-político cultural Foral do Eixo, que pretende organizar o que a Carta de Princípios define como Sistema Fora do Eixo de Cultura. Nos próximos dois capítulos, vamos analisar essas duas dimensões da rede, em separado, em busca de entender suas especificidades. Começemos, então, pelo circuito cultural, apreendendo dele o que nos interessa para a compreensão do papel político do FdE.

4.1 DEZ ANOS QUE ABALARAM A MÚSICA

Em 2012, Cacá Machado, ex-coordenador de Música da Funarte, e Juliana Nolasco, que comandou as políticas de economia da cultura no MinC, dirigiram a publicação, no Auditório Ibirapuera, da revista *Repensando a Música*, com textos traduzidos dos anais da conferência *Rethink Music*, realizada pelo Berkman Center for Internet & Society, da Universidade de Harvard. Na introdução da publicação, Machado e Nolasco fazem um balanço da primeira década do século XXI, marcada no Brasil e no mundo por uma transformação profunda no mercado da música.

A indústria da música está em uma fase de transição importante há pelo menos mais de uma década, desde que o consumo migrou para o ambiente on-line. Sob um ponto de vista, essa migração sinaliza a derrocada da indústria fonográfica. Fãs têm pouco incentivo para comprar álbuns quando podem fazer download ilegal de músicas por redes de troca de arquivos peer to peer (P2P) e por outras fontes (BERKMAN CENTER, 2012, p. 11);

A década da cultura digital, portanto, desarticulou os mercados tradicionais, mas também fez emergir uma série de experiências alternativas, voltadas à criação de novos ambientes produtivos. Conforme Machado e Nolasco registram, houve descentralização da veiculação, garantindo que atores menores pudessem competir com realizadores dominantes. Esse processo resultou em “espaço de atenção cada vez mais fragmentado, diverso e com fronteiras menos claras”. É nesse contexto que surge o circuito Fora do Eixo, com o objetivo de modular uma rede não-comercial e nacional de música no Brasil. Este capítulo será

dedicado a compreender as implicações políticas desse processo. Há outros estudos mais aprofundados e específicos sobre o papel do Fora do Eixo na reorganização do campo musical. Garland (2012), na área de musicologia da Universidade de Columbia, desenvolve pesquisa nesse sentido.

O debate sobre o Fora do Eixo reflete o conflito sobre como navegar nas relações mutantes entre valor cultural e valor econômico na era da internet. O advento do MP3, do compartilhamento de arquivos e do comércio eletrônico debilitou largamente o domínio das grandes gravadoras, as “majors”, mas ao mesmo tempo, em vários sentidos, foi benéfico para a produção e a distribuição independente no mundo todo, de diferentes formas. Mas isso também apresentou novos desafios para as estruturas existentes de produção e circulação e seus modelos culturais e de negócios (GARLAND, 2012, p. 24:509-531).⁴²

Em artigo intitulado “A Rede não tem estética”, que é também uma variação de um texto mais extenso em inglês - “‘The Space, the Gear, and Two Big Cans of Beer’: Fora do Eixo and the Debate over Circulation, Remuneration, and Aesthetics in the Brazilian Alternative Market”⁴³ - Garland aponta que modelo Fora do Eixo é baseado não mais no “Do it Yourself”, o slogan punk “Faça Você Mesmo”, mas sim no “Do it Together”, “Façamos Juntos”. Em seu estudo, a pesquisadora estadunidense enumera as críticas mais comuns à atuação do Fora do Eixo dentro do circuito da música independente brasileira. Voltaremos a este ponto no final do capítulo. Antes, vejamos como o FdE trabalhou para organizar politicamente a produção cultural musical independente no país – sendo uma das principais expressões desses dez anos que abalaram a música brasileira.

O surgimento do Espaço Cubo, em Cuiabá, em 2002, marca o desenvolvimento de um conjunto de tecnologias sociais pioneiras, que viriam a ser difundidas pelo Fora do Eixo. Entre elas, a ideia de que os independentes deveriam ser capazes de deter meios próprios de

42 Tradução livre para: “The debate surrounding Fora do Eixo reflects conflict over how best to navigate the shifting relations between cultural value and economic value in the era of Internet-mediated cultural circulation. While the advent of the MP3, file sharing, and e-commerce sites has largely debilitated the domination of major record labels (Hracs), it has in many ways been beneficial to independent production and distribution around the world, though in different ways. But it has also brought new challenges to extant structures for production and circulation and the related modes of affirming cultural and economic value.”

43 Uma tradução livre seria “O espaço, o som e duas Skol Latão”, que se refere à falta de um modelo de negócio baseado numa dinâmica pára-comercial.

gravação, distribuição, gerenciamento financeiro e de comunicação e circulação. A partir dessa ação matricial, o trabalho do circuito prosperou e resultou na constituição de uma rede nacional não-comercial para a música jovem brasileira. Essa rede é baseada em quatro processos simultâneos que se consolidaram nesse período: (1) a criação e crescimento do Festival Grito Rock; (2) a criação da Associação Brasileira dos Festivais Independentes (Abrafin), hoje Rede Brasil de Festivais Independentes (3) a criação da plataforma online Toque no Brasil; (4) o modelo de financiamento, baseado em moedas sociais.

Entre os principais aspectos dessa proposta de reorganização musical brasileira, está o estímulo ao fortalecimento de políticas públicas de música em âmbito municipal, estadual e federal. Dos quatro processos simultâneos, o da Rede Brasil de Festivais é o que se destaca para entendermos o papel político do FdE no campo da cultura. Conforme descrito no capítulo “O Fora do Eixo”, a rede surge a partir do encontro de produtores culturais de cidades localizadas fora do centro hegemônico da produção cultural brasileira, o eixo Rio-São Paulo.

Em sua primeira etapa, tinha como objetivo justamente organizar as cenas de música jovem desse outro Brasil, fora do eixo, que pulsava com a possibilidade de estabelecer trocas por meio da internet que anteriormente eram impossíveis. De acordo com seus fundadores em entrevistas para este trabalho, o esforço envolvia articular e/ou constituir coletivos capazes de desenvolver de forma sustentável a carreira de artistas autorais e promover seu próprio festival, como forma de exibir a produção local para públicos maiores e atrair artistas de outros estados. Capilé registra que, até o ano 2000, o cenário das cidades fora do eixo era baseado em poucos espaços voltados à música ao vivo, quase todos dominados por bandas cover. Os trabalhos autorais não tinham condições de expressão e muito menos remuneração. A partir dessa ótica, a livre concorrência do mercado não seria capaz de produzir um ambiente virtuoso, portanto seria necessário investir politicamente na organização do setor e também na disputa por políticas públicas.

Em 2002, em Cuiabá, o Espaço Cubo passou a articular a cena local com resultados expressivos,⁴⁴ baseado no tripé: coletivo, banda de destaque e festival nacional. Em sua ação local, o coletivo Cubo – que também chegou a manter uma casa de shows – articulava dois grandes festivais, o Calango, que possuiu nove edições entre 2001 e 2010, e o Grito Rock. Entre as bandas de destaque que surgiram da cena cuiabana estava o Macaco Bong, cujo disco de estréia, “Artista Igual Pedreiro”, foi eleito o álbum do ano de 2008 pela Rolling Stone. Em

44 Em nota publicada em 2007, a revista Rolling Stone, especializada em cultura pop, atesta o sucesso do projeto Espaço Cubo. Disponível em: <<http://rollingstone.uol.com.br/edicao/13/cena-quente>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

Uberlândia, outra cidade “fundadora” do Fora do Eixo, esse tripé viria a ser formado pelo Coletivo Goma, pelo Festival Jambolada e a banda de destaque era o Porcas Borboletas, que segue na ativa. Em Rio Branco, o tripé seria reproduzido com o Coletivo Catraia, o festival Varadouro, e a banda, nos primórdios, era o Los Porongas, e depois a Filomedusa, que teve sua carreira abreviada – seu baixista e fundador, Daniel Zen, se tornou uma das principais lideranças políticas jovens do Acre e é secretário de Educação na capital.

A percepção do Fora do Eixo neste momento se baseava na certeza de que não seria o mercado a garantir condições para artistas, produtores e os demais elementos que constituem uma cena musical sólida. Lopes registra, por isso, que desde a origem a proposta da organização era constituir uma rede não-comercial, baseada em coletivos autônomos, sem fins lucrativos, com vistas a promover um novo significado para a ação cultural jovem, que passava primordialmente por entender o papel da disputa por políticas públicas. O conceito do “Artista Igual Pedreiro”, usado pelo Macaco Bong como título de seu disco premiado, surge para evidenciar essa concepção, ao afirmar que o artista, dentro da rede, não exerce papel diferente de outros agentes, e deve ter como foco a sustentabilidade de sua carreira – ou seja, uma forma de viver de sua criação. Aqui surge uma contradição importante. Se o mercado não garante condições de vida para os artistas, mas a sustentabilidade é a razão de organização da rede, como então produzir o valor e garantir a sobrevivência dos artistas e dos demais elos da cadeia produtiva da produção cultural musical? É nesse ponto que surge a ideia da moeda social (o card) como meio de garantir a troca de serviços entre os agentes do circuito, permitindo assim a quantificação de um valor que não poderia ser mobilizado por meio de moeda corrente.

Na conclusão do artigo “Fora do Eixo Card: The Brazilian System for the Solidarity Culture”,⁴⁵ Poljokan, Lenza, Tendolini, Farias e Andrade registram que as trocas informais e a colaboração entre produtores e artistas compõem a economia incipiente da cena de música independente no Brasil. No diagnóstico feito pela organização, as cenas musicais são compostas por amigos ou parceiros que agem como voluntários constituindo uma força solidária de trabalho, marcada pela informalidade e pela falta de recursos em espécie. É justamente para “minimizar os efeitos negativos das flutuações financeiras no fluxo de caixa” do coletivos que o Fora do Eixo passa a desenvolver um “mercado cultural baseado na troca

45 Disponível em:

<<http://sdocument.ish-lyon.cnrs.fr/cc-conf/conferences.ish-lyon.cnrs.fr/index.php/cc-conf/2011/paper/view/76.html>>. Acesso em: 03 set. 2013.

de serviços” (POLJOKAN et al., 2011, p. 10). O card – a moeda social – entra para sistematizar essas trocas, garantindo assim que se organize um banco de relações mensuráveis. O modelo, escrevem eles, é uma substituição do esquema tradicional de brodagem (camaradagem) que ocorre quando as trocas são informais e assistemáticas.

Esse sistema depende da credibilidade e qualidade dos serviços trocados com a rede, e também do comprometimento dos indivíduos envolvidos no processo com a rede. Por causa disso, o monitoramento dos processos que ocorrem dentro da rede é muito importante. O grupo gestor precisa estar constantemente atento para capacitar todos os coletivos integrantes e ao mesmo tempo estimular as trocas e o uso da rede tanto quanto for possível. Ao criar uma rede de trocas de serviço, cria-se também uma rede de confiança. E essa confiança, de cada participante, se transforma no principal estímulo para que a troca ocorra (POLJOKAN et al., 2011, p. 12).⁴⁶

Esse sistema complexo de trocas, que reorganiza relações no interior da cena independente ao mesmo tempo que também constitui novos mercados, é o principal ponto de discórdia entre o Fora do Eixo e os artistas. Se muitos compreendem a dinâmica e se propõem a integrar relações baseadas na confiança dentro da rede, outros muitos se colocam contrários ao modelo e fazem da remuneração imediata – o pagamento de cachês - uma bandeira de luta. É o que veremos mais adiante em capítulo destinado a analisar as críticas à organização, em especial no depoimento da cienasta Beatriz Seigner. Outro artista que se destacou por estabelecer um conflito público com o FdE foi o músico e apresentador de TV China.⁴⁷

Garland (2012) descreve assim o que observou:

O Fora do Eixo pode preparar um festival no qual a maioria das bandas não são pagas; em vez disso o dinheiro é distribuído pelo festival e pela rede como um todo, para providenciar livre acesso ao público e cobrir o transporte local e os custos de alimentação do festival ou de outros eventos da rede. Ostensivamente, embora a banda não receba dinheiro inicialmente, usa o festival como uma plataforma para conectar com fãs potenciais, tanto face a face durante a performance, quanto através da promoção online do festival feita pelo Fora do Eixo. Ademais, a banda pode receber o card como

46 Tradução livre para: “The system depends on the credibility and quality of the services exchanged within the network, and the fact that all individuals involved are committed with the network. Because of this, a monitoring process of the network becomes very important. Where the management council must be constantly preoccupied with capacitating all collectives, as well as stimulating its users to exchange and use network as much as possible. Besides creating a network of services exchange, it creates a network of trust. Where trusting in each participant becomes the main stimulation to exchanges happen.”

47 Sobre esse assunto, há o depoimento Fora do Eixo e Longe de Mim do músico China, em que ele trata de cachês e remuneração, disponível em: <<http://chinaman.com.br/fora-do-eixo-e-longe-de-mim>>. Acesso em: 18 ago. 2013

moeda, que pode ser utilizada em troca de outros serviços do Fora do Eixo, como ajuda para marcar outros shows ou planejamento de carreira (GARLAND, 2012, p. 5).

Aqui, no entanto, há um pequeno reparo a fazer, com base em observações que fizemos. Da forma como Garland descreve, a impressão é que o Fora do Eixo capta em moeda corrente recursos suficientes para remunerar diretamente todos os artistas que participam dos eventos de sua rede. Na grande maioria das atividades, no entanto, isso não ocorre. Justamente o que viabiliza a realização é a troca de serviços, nos termos acima descritos. Alguns eventos maiores obtêm recursos que são destinados, em larga escala, à manutenção do fluxo de caixa dos coletivos e da infra-estrutura necessária para a sobrevivência dos indivíduos que atuam na rede. Mais uma vez, segundo Garland, o que está em jogo é o modelo FdE, que ao sistematizar relações de troca anteriormente baseadas na informalidade, também “agride” parte da ideologia que moldou o sistema independente em sua face de contestação ao modelo hegemônico de mercado.

Capilé, em sua defesa do FdE, alega que qualquer agente que pretenda estruturar uma carreira precisa fazer investimentos. Para ele, os Festivais são, mais que momentos para um determinado artista receber retorno financeiro imediato, uma plataforma de exibição que os ajuda a estruturar sua carreira.

Quem ajuda na construção de rede de Festivais, circuito de turnês, sistemas de distribuição, intercâmbios internacionais e regionais, debates, oficinas e etc está pensando em sustentabilidade o tempo inteiro. E sustentabilidade não é somente cachê! Não há uma defesa para que os artistas não recebam, e sim que entendam o festival como uma plataforma de formação de público, para quem ainda não tem público formado. E mesmo assim os festivais todos buscam remunerar os artistas com os recursos que tem (CAPILÉ, 2013, online).

Essa configuração complexa do Fora do Eixo foi responsável, no entanto, por fenômenos de grande relevância na cena cultural brasileira, entre eles o Festival Grito Rock⁴⁸. Organizado desde 2007, o Grito é uma ação que ocorria inicialmente durante o período do Carnaval, mas que em 2013 se realizou com datas entre fevereiro e abril, atingindo mais de 300 cidades, em mais de 30 países. Atualmente, funciona como uma espécie de “porta de entrada” para a rede do Fora do Eixo. No site oficial do festival, há um conjunto de

48 Grito Rock: um festival software livre! Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/overblog/grito-rock-um-festival-software-livre#-overblog-16353>>. Acesso em: 02 set. 2013

tecnologias que permitem a replicação de suas metodologias em diferentes localidades, reproduzindo a lógica de “baixo para cima” das construções do software livre. O agente interessado em promover um Grito Rock pode cadastrar sua iniciativa no site Toque no Brasil, outra plataforma criada pelo Fora do Eixo. Este site, desenvolvido a partir do sistema de gerenciamento de conteúdos Wordpress permite o cadastramento de bandas, casas de espetáculo e festivais e tem como objetivo articular – sem intermediação – turnês e espetáculos. Nos Estados Unidos, um dos principais sucessos do cenário independente é uma plataforma nesses moldes, chamada SonicBids, mas baseada em um modelo proprietário.

4.1.1 A Abrafin e a Rede Brasil de Festivais Independentes

De todas as iniciativas em que o Fora do Eixo esteve envolvido, sem dúvida a mais importante é a criação da Associação Brasileira de Festivais Independentes (Abrafin), em 2005, que passou a ser denominada Rede Brasil de Festivais Independentes a partir de 2011. A Abrafin surge em paralelo ao FdE, com o objetivo de articular os principais festivais de música brasileiros e representá-los junto ao mercado e o poder público. Na década de 1990, os festivais independentes se tornaram plataformas de expressão para a música jovem e independente brasileira. O pioneiro foi o Abril Pro-Rock, em Pernambuco, que projetou a cena Manguebeat, de bandas como Chico Science e Nação Zumbi e Mundo Livre S.A. Na virada da década e do século, uma profusão de novos festivais começou a se estruturar no país, como o Goiania Noise, o Música Alimento da Alma (Mada), o Do Sol, entre outros, impulsionados pelo cenário de transformação no mercado musical que abordamos no início deste capítulo. Dezesesseis desses festivais se associaram e criaram a Abrafin. Por intermédio dessa associação, em 2007 o Ministério da Cultura e a Petrobras organizam o primeiro edital destinado ao fomento desse modelo de evento, garantindo assim apoio público institucional a iniciativas que até então dependiam das relações mantidas por seus produtores para se efetivarem. A Abrafin também estabeleceu, em seu início, critérios de corte para a entrada de festivais na associação, como ter três edições realizadas em três anos seguidos. Outras características exigidas eram: (1) 3/4 dos artistas ou bandas selecionados não poderiam ter vínculo com a indústria cultural, as gravadoras e os grupos de entretenimento hegemônicos;

(2) 1/4, no mínimo, dos artistas a se apresentarem deveriam ser da cena local; (3) apenas 1/4 das atrações poderiam ser internacionais.

Uma demonstração do peso do Fora do Eixo na entidade pode ser observado pelo quadro de composição de suas diretorias nos biênios 2006/2007, 2008/2009 e 2010/2011, quando a entidade deixa de existir em seu formato original, como veremos adiante. Entre 2006/2009, quando a diretoria teve a mesma composição, o presidente era Fábriício Nobre, do Goiânia Noise, com forte ligação com o Fora do Eixo, o vice-presidente era Pablo Capilé e o Secretário Geral, Talles Lopes, ambos do FdE. Outros membros do FdE compunham a diretoria, como Daniel Zen e Marielle Ramires. Em 2010 e 2011, o Fora do Eixo assume a presidência da entidade, com Talles Lopes, tendo como vice-presidente Ivan Ferraro, articulador da Casa FdE Nordeste. Na diretoria ainda havia Karla Martins (Acre) e Atilio Alencar (Rio Grande do Sul), também membros do FdE.

Essa hegemonia seria um dos fatores que resultaria, em 2011, em um racha definitivo da entidade,⁴⁹ com a saída de 13 festivais (Goiânia Noise Festival, Abril Pro Rock, Casarão, Psycho Carnival, DemoSul, 53 HC, PMW, RecBeat, MADA, El Mapa de Todos, Campeonato Mineiro de Surf, Gig Rock e Tendencias), os quais elaboraram um manifesto evidenciando a disputa interna pela gestão da entidade.

A Abrafin não é e jamais deverá ser Fora do Eixo. Com erros e acertos, o Fora do Eixo é uma das diversas possibilidades no trabalho com a música independente brasileira. Não é a única. Infelizmente, nos últimos anos, houve uma indevida sobreposição entre as duas entidades. O fato desta reunião da ABRAFIN estar acontecendo dentro de um Congresso Fora do Eixo é prova irrefutável desta sobreposição. A opinião pública, obviamente, tem sido incapaz de diferenciar Abrafin e Fora do Eixo. Cabe à Abrafin se desfazer deste erro e voltar a lidar com a multiplicidade de enfoques que existe em seu arcabouço (MANIFESTO DOS 13, 2011, online).⁵⁰

De acordo com Lopes, à época, a questão central que levou ao rompimento do acordo que permitia o convívio das diferentes no interior da entidade foi a proposta de remover a cláusula que exigia que os membros da Abrafin, para se associarem, deveriam ter realizado três edições de seu festival em três anos consecutivos. O Fora do Eixo entendia que a profusão de novas cenas e eventos pelo interior do Brasil deveria ser objeto de trabalho da

49 “Gestão da Abrafin gera guerra entre 'indies’”. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrada/23673-gestao-da-abrafin-gera-guerra-entre-indies.shtml>>. Acesso em: 02 set. 2013.

50 Manifesto dos 13 Festivais que deixaram a Abrafin. Disponível em: <<http://www.rockemgeral.com.br/2011/12/14/abrafin-festivais-sairam-porque-nao-se-sentiam-representados>>. Acesso em: 02 set. 2013.

entidade. Os festivais que saíram alegavam que essa atitude deslegitimaria a associação. Sem que os blocos chegassem a um acordo, chegou ao fim a Abrafin.

A partir de então, o Fora do Eixo articula a Rede Brasil de Festivais Independentes, que em 2012 seria responsável pela articulação e promoção de circuitos regionais e de 107 festivais em 88 cidades do país.

FIGURA 4 – Cartaz de apresentação dos Circuitos Regionais da Rede Brasil de Festivais Independentes de 2012



Após a dissolução da Abrafin e a concentração do Fora do Eixo na ampliação de sua intervenção política em outras frentes, o cenário de música independente brasileiro sofre um refluxo, ocasionado não só pelo enfraquecimento⁵¹ das organizações independentes, mas também pela emergência de novos modelos de negócio comandado pela indústria do entretenimento, que passa a ter maior domínio da reconfiguração produtiva proposta pelo ambiente digital e em rede.

51 “Fora do Eixo deve passar por reformulação, diz Talles Lopes”. Disponível em: <<http://www.ebc.com.br/cultura/galeria/videos/2013/08/talles-lobes-fora-do-eixo-deve-passar-por-reformulacao>>. Acesso em: 28 ago. 2013

O Fora do Eixo, em seus primórdios, buscava articular cenas de música jovem e independente, e com isso poder politizar o campo cultural no sentido de disputar políticas públicas e “narrativas” em defesa de um modelo não-comercial e contra-hegemônico de atuação. A Abrafim, nesse contexto, era um espaço estratégico de organização e intervenção. A partir de 2011, no entanto, com a realização do 4º Congresso do FdE, quando, em paralelo ocorre a assembléia da associação dos festivais e sua consequente dissolução, a rede passa a orientar seus esforços em outras direções, como veremos no próximo capítulo. Neste momento a música deixa de ser o foco central de atuação da organização.

5 A ORGANIZAÇÃO POLÍTICA

Para explicar o funcionamento político do Fora do Eixo, optamos por selecionar alguns casos específicos. Esses episódios nos ajudarão a compreender a atuação múltipla da organização, que exerce influência local, nos municípios onde está presente, expande-se para os estados e, mais recentemente, ganhou contornos nacionais, principalmente a partir da instalação do Ponto de Articulação Nacional (PAN), a Casa Fora do Eixo São Paulo, em 2011. O esforço por nacionalizar – e até mesmo internacionalizar - o FdE levou à inauguração da Casa das Redes, em Brasília, como um projeto de articulação de diferentes redes político-culturais apoiado pela Fundação Banco do Brasil.

Os episódios que serão descritos neste capítulo são: (1) o processo de criação da rede Mobiliza Cultura, em 2011, articulando grupos culturais contrários às propostas apresentadas pela ministra Ana de Hollanda, que assumiu o Ministério da Cultura na transição do governo de Luiz Inácio Lula da Silva para o de Dilma Rousseff; (2) a realização da Marcha da Liberdade, também em 2011, inicialmente em São Paulo, mas depois em várias cidades do país; (3) a articulação do Festival #ExisteAmoremSP durante a eleição municipal de São Paulo.

Esses três episódios nos ajudarão a enxergar o deslocamento do Fora do Eixo de uma ação inicialmente voltada para o campo cultural para uma atuação mais macro-política, ainda que centrada fundamentalmente em temas da cultura. O capítulo ainda irá abordar a atuação política do Fora do Eixo como plataforma para o ativismo contemporâneo. Como veremos, um dos métodos de ação política do FdE é baseado no manejo avançado da comunicação digital e das mídias sociais para fins políticos. Especialmente no que se refere à articulação com movimentos sociais e organizações da sociedade civil, o Fora do Eixo tem se colocado como um parceiro com expertise diferenciada no domínio da cultura digital.

Por fim, essa análise se voltará para a descrição do que no jargão interno é conhecido como “All In” (tudo dentro), ou 360 da Babilônia, que significa dar a volta completa em todas as estruturas sociais existentes.

5.1 ARTICULANDO AÇÕES EM REDE

5.1.1 Mobiliza Cultura: na luta contra o MinC, nasce uma organização nacional

Como vimos no capítulo de contexto, durante o governo Lula o Brasil se destacou pelo desenvolvimento de um projeto de políticas públicas de cultura “imaginativo e ousado” (MANEVY, 2010, p. 103), sob comando dos então ministros Gilberto Gil e Juca Ferreira. Essas políticas tinham como diretriz a democratização do acesso à cultura e o fomento à diversidade cultural, em consonância com as transformações operadas pelo contexto digital na sociedade.

Com a eleição de Dilma Rousseff e a condução de Ana de Hollanda ao cargo de ministra, verificou-se uma reviravolta na orientação estratégica das políticas culturais. A anterior adesão deu lugar a um aberto combate aos movimentos de cultura digital por parte da cantora ministra.

A partir de janeiro de 2011, com a retirada da licença de direitos autorais Creative Commons do site do Ministério da Cultura – licença essa que representava um símbolo do compromisso do MinC com novas dinâmicas de produção cultural – um intenso debate ocorreu na sociedade brasileira, contrapondo artistas, intelectuais e ativistas, os quais, majoritariamente, expressaram descontentamento com os rumos do ministério.⁵²

Essa insatisfação generalizada resultou na articulação de uma ampla coalizão de forças envolvendo grupos culturais que se autodenominou Mobiliza Cultura. Conforme registra o site da Comissão Nacional dos Pontos de Cultura, o movimento se via como uma “rede de redes”, “horizontal e capilarizada”.

Mobiliza Cultura é um movimento e uma rede de redes que tem como objetivo avançar, aprofundar e propor políticas no campo da cultura que radicalizem a democracia. Somos transversais, somos muitos, somos nômades. Somos ativistas, criadores, produtores, gestores, usuários e construtores de uma extensa rede, horizontal e capilarizada, que faz e pensa cultura. Este é o nosso Ministério, espaço de articulação, com vídeos, artigos, fóruns de debates e ações, um lugar de proposições, co-gestão,

52 “Despreparo é Dolorosamente Evidente”. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,despreparo-e-dolorosamente-evidente-dizem-intelectuais-sobre-gestao-do-minc,850226,0.htm>>. Acesso em: 4 maio 2012.

compartilhamento e construção das Políticas Públicas que queremos para a Cultura (MOBILIZA CULTURA, 2011, online).⁵³

No final de abril de 2011, o Mobiliza Cultura lançou seu site, que “clonava” a plataforma oficial do Ministério da Cultura. A interface do clone era quase idêntica à oficial, mas trazia conteúdos distintos, e “devolvia” imaginariamente a licença creative commons para a página ministerial. A ação, provocativa, criava a ideia do surgimento de um Ministério paralelo, gerido pelas forças da sociedade civil. Junto com o site, o Mobiliza Cultura lançou uma carta aberta endereçada à presidente da República, Dilma Roussef, cujo conteúdo destacava a esperança por parte da coalizão na continuidade das políticas públicas desenvolvidas durante os anos do governo Lula.

Afirmamos que, se a gestão anterior teve acertos, foi por procurar aproximar o Ministério das forças vivas da cultura, compreendendo que há um novo protagonismo por parte de indivíduos, grupos e populações até então tidos como “periféricos”, entendendo as extraordinárias possibilidades da Cultura Digital. Essa não é apenas uma discussão sobre ferramental tecnológico e jurídico, mas sobre todo um novo contexto criativo e cultural, pois essas tecnologias têm sido apropriadas e reinventadas em alguma medida por esses novos atores. É nesse território fundamental, da inserção da Cultura Digital no centro das discussões de políticas culturais do Ministério e da busca da capilaridade de programas como o Cultura Viva, com os Pontos de Cultura, que a Ministra sinalizou firmemente um retrocesso (MOBILIZA CULTURA, 2011, online).

A ação não surtiu efeito. Ana de Hollanda permaneceu à frente do MinC até setembro de 2012, quando foi substituída por Marta Suplicy. Durante todo o ano de 2011 a rede articulada em torno do Mobiliza Cultura manteve-se mobilizada no enfrentamento das medidas tomadas, que contradiziam os parâmetros delineados pelo Plano Nacional de Cultura, aprovado pelo Congresso Nacional ainda no final de 2010, durante o governo Lula.

Esse retrocesso nas políticas culturais de Lula para Dima foi analisado em um artigo que a equipe do Núcleo de Pesquisa em Cultura Digital e Redes de Compartilhamento da UFABC, liderada pelo professor Sérgio Amadeu da Silveira e da qual faço parte, publicou na revista *Media, Culture & Society*, em julho de 2013. Nas considerações finais do texto, avaliamos que a adoção de uma prática oposicionista – ainda mais incomum por se tratar de governo de continuidade – só fez produzir uma crise que enfraqueceu a instituição.⁵⁴

53 Disponível em: <<http://pontosdecultura.org.br/noticias/reuniao-do-mobiliza-cultura>>. Acesso em: 20 ago. 2013

54 “Verba destinada ao Ministério da Cultura pode cair 16% em 2012, na maior redução da última década”. Disponível em:

O Fora do Eixo, durante o período em que vigorou a coalizão do Mobiliza Cultura, operou como uma espécie de “secretaria geral” dessa “rede de redes”. Os membros da organização foram responsáveis pela montagem do site e da lista de e-mails, onde as principais deliberações e articulações ocorreram. Sob liderança operacional do ativista Leonardo Rossatto (LeoBr), que posteriormente viria a se desligar da entidade, o FdE dirigiu as convocatórias das reuniões presenciais que ocorreram, com maior frequência, em Brasília, São Paulo e Rio de Janeiro.

Até então, o Fora do Eixo não havia exercido centralidade nas articulações político-culturais de caráter nacional. É fato que no final de 2010, a rede havia participado fortemente da campanha online #FicaJuca, cujo objetivo era propor a permanência do então ministro Juca Ferreira a frente do MinC. Essa campanha não foi bem sucedida, mas revelou a capacidade de manejo da comunicação digital para o ativismo por parte do FdE – a rede produziu inúmeras peças audiovisuais em defesa da permanência de Juca e organizou ações em sites de redes sociais, como Twitter e Facebook. O trabalho a frente da Mobiliza Cultura alçou a organização a um lugar de destaque na articulação das demais redes culturais do país, gerando novas adesões de coletivos e indivíduos, mas também o início do desgaste junto a redes e organizações com mais tempo de estrada.

5.1.2 Marcha da Liberdade: esquerda e direita no contexto das redes

No dia 18 de maio de 2011 ocorreu em São Paulo a Marcha da Liberdade. A ação, convocada pela internet, surgiu como uma reação à violenta repressão policial à Marcha da Maconha, realizada uma semana antes, dia 21. Naquela ocasião, os manifestantes foram proibidos pelo Supremo Tribunal Federal de realizar o protesto. A reação dos ativistas foi então criar um movimento pela liberdade de manifestação. O primeiro protesto levou cerca de 5 mil pessoas à Avenida Paulista, em um trajeto que percorreu toda a rua da Consolação, finalizando na Praça da República. Devido à força adquirida pelo ato do dia 18, uma nova atividade foi convocada para a data de 28 de Maio, articulando outras 40 cidades do país.⁵⁵

<<http://oglobo.globo.com/cultura/verba-destinada-ao-ministerio-da-cultura-pode-cair-16-em-2012-na-maior-reducao-da-ultima-decada-4064914>>. Acesso em: 4 maio 2012.

⁵⁵ “Marcha da Liberdade ocorre em mais de 40 cidades”. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/cidades/noticias/marcha-da-liberdade-ocorre-hoje-em-mais-de-40-cidades-20110618.htm>>

Conforme registra o manifesto difundido pelos seus articuladores, a Marcha da Liberdade não pretendia ser “uma organização”, mas sim “uma rede feita por gente de carne e osso, organizados de forma horizontal, autônoma e livre”. Por meio do texto, convocavam:

“Todos aqueles que não se intimidam, e que insistem em não se calar diante da violência. Contamos com as pernas e braços dos que se movimentam, com as vozes dos que não consentem. Ligas, correntes, grupos de teatro, dança, coletivos, povos da floresta, grafiteiros, operários, hackers, feministas, bombeiros, maltrapilhos e afins. Associações de bairros, ONGs, partidos, anarcos, blocos, bandos e bandas. Todos os que condenam a impunidade, que não suportam a violência policial repressiva, o conservadorismo e o autoritarismo do judiciário e do Estado. Que reprime trabalhadores e intimida professores. Que define o serviço público em benefício de interesses privados (MARCHA DA LIBERDADE, 2011, online).⁵⁶

A proposta da Marcha da Liberdade era integrar os diferentes agentes sociais na defesa da liberdade de expressão. O manifesto propunha uma ciranda de causas políticas que vinham sendo travadas de forma desarticulada.

Ciclistas, lutem pelo fim do racismo. Negros, tragam uma bandeira de arco-íris. LGBTT, gritem pelas florestas. Ambientalistas, cantem. Artistas de rua, defendam o transporte público. Pedestres, falem em nome dos animais. Vegetarianos, façam um churrasco diferenciado! Nossas reivindicações não têm hierarquia. Todas as pautas se completam na perspectiva da luta por uma sociedade igualitária, por uma vida digna, de amor e respeito mútuos. Somos todos pedestres, motoristas, cadeirantes, catadores, estudantes, trabalhadores. Somos todos idosos, índios, travestis. Somos todos nordestinos, bolivianos, brasileiros, vira-latas (MARCHA DA LIBERDADE, 2011, online).

Recém lançado o Ponto de Articulação Nacional com a inauguração da Casa Fora do Eixo de São Paulo, a organização se dedicou fortemente à articulação da Marcha da Liberdade. Destacou seus ativistas para produzirem conteúdos digitais, peças gráficas, páginas web, e se somou às assembleias de organização que ocorreram nos dias que precederam o ato. Durante a marcha, testou um equipamento de transmissão audiovisual online, que seria a base para o desenvolvimento da experiência da Mídia NINJA, como veremos adiante.

Naquele momento, o FdE era uma novidade entre as organizações que já estavam articuladas às lutas sociais na capital paulista, como os coletivos Desentorpecendo a Razão (DAR), organizador da Marcha da Maconha, Movimento Passe Livre (MPL) e Movimento de

↳. Acesso em: 20 ago. 2013.

⁵⁶ O registro do Manifesto se encontra no livro *Movimentos em Marcha*. Disponível em: <<http://emmarcha.milharal.org>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

Mães de Maio, ligado à luta contra o extermínio da juventude jovem e negra das periferias da cidade.

Essa aparição do Fora do Eixo entre as forças de esquerda contemporâneas provocou um extenso debate sobre os sentidos da luta anti-capitalista em blogs e sites de redes sociais. Essa produção foi sistematizada pelos professores Henrique Parra e Pablo Ortellado e resultou no livro “Movimentos Em Marcha: Ativismo, Cultura e Tecnologia”, lançado apenas em formato digital no primeiro semestre de 2013. De acordo com os autores, os artigos desse embate sobre os rumos da esquerda analisavam, fundamentalmente, quatro fatores: (1) o vento dos levantes internacionais de 2011, que se traduziram em protestos contra o aumento das tarifas de ônibus nas grandes cidades e contra a construção da Usina de Belo Monte, no Xingu; (2) a descontinuidade das políticas de fomento às dissidências que tiveram início com o Ministério da Cultura de Gilberto Gil e Juca Ferreira, materializada na nomeação de Ana de Hollanda ao posto de ministra; (3) o crescimento do Fora do Eixo, que se articula como circuito cultural e movimento político, constituindo-se numa força nacional organizada no campo da cultura; (4) o surgimento da Casa da Cultura Digital, que, nos dizeres dos autores é uma “rede de empreendimentos empresariais e não empresariais que utilizam ferramentas digitais”.

Para efeito deste trabalho, nos interessa sobremaneira o item que diz respeito ao papel do Fora do Eixo para a articulação da esquerda contemporânea. Para tanto, pinçamos quatro artigos. “A esquerda fora do eixo”, obra coletiva do jornal Passa Palavra, responsável por provocar a discussão; “A esquerda nos eixos e o novo ativismo”, da professora da UFRJ Ivana Bentes, “Nem eixo, Nem seixo”, de Henrique Parra e Gavin Adams e a série em três posts de Bruno Cava: “Sair dos eixos à esquerda”, “Pós Modismo Pós-Festivo II” e “Dormindo na Marcha III”.

É preciso deixar como registro que o coletivo Passa Palavra viria a se aprofundar sua crítica em uma série de cinco artigos sobre a Marcha da Liberdade, mas o cerne de sua argumentação já se encontrava na primeira argumentação, daí a opção por nos concentrarmos no texto inaugural.

Em “A esquerda fora do eixo”, o coletivo Passa Palavra faz uma leitura que procura demonstrar que o FdE não constitui uma organização de esquerda, mas sim uma nova classe gerencial, ligada à cultura digital, que se baseia em uma estética ativista para ampliar “sua influência política e até para expandir seu mercado consumidor de cultura independente”. O

objetivo maior da atuação da organização, segundo esses analistas, seria a renovação da burocracia. “Para o Fora do Eixo, cultura é apenas um pretexto e, atualmente, passaram a buscar meios para chegar à política.” (2013, p. 37)

Nesse sentido, a entrada do Fora do Eixo na articulação da comunicação da Marcha da Liberdade produziria um duplo efeito: atrair para dentro do processo um novo contingente de manifestantes sem o grau de politização daqueles que militam em organizações de esquerda, e dissolver o conflito social, retirando dele o questionamento à ordem estrutural vigente e a questão de classe.

Mas, o que o Fora do Eixo apropria da manifestação? Eles se apropriam da comunicação para se projetarem, capturar o “status” de organizadores e depois capitalizar esse público em seu circuito comercial. Esse método difere, por exemplo, de uma campanha do PT ou PSDB, pois não utiliza força de trabalho assalariada para construir sua base social. As ações do Fora do Eixo são a propaganda da organização para o alargamento do mercado e a manutenção de atividades gratuitas para angariarem simpatizantes (PASSA PALAVRA apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 40).

Em que constituiria, então, a atuação do Fora do Eixo?

Para o Passa Palavra, a organização se dedica a realizar serviços para outros. Utilizam de seus meios de produção, gerados por meio da produção cultural independente, para ofertar o “know-how” e a expertise na gestão de redes sociais e de comunicação digital. É o conhecimento específico que os coloca nessa posição. Essa prestação de serviços teria como foco principal ampliar o seu próprio poder, articulando-se em todo o país e atraindo novos quadros para a sua estrutura operacional.

Apesar do discurso e da estética anarquistas de muitos, e da adoção de organizações horizontais, como redes e coletivos enquanto forma de organização, a apropriação do Estado – seus recursos e estruturas – é umas das principais práticas do Fora do Eixo. (...) O interessante é que por fazerem tudo isso usando de estruturas informais e completamente diferentes das que as organizações político-partidárias e tradicionais grupos empresariais adotam para os mesmo propósitos, é praticamente impossível para um observador desatento ou viciado nas velhas estruturas identificar e combater o novo sujeito formado por este coletivo (ou rede) (PASSA PALAVRA apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 34).

A análise do Passa Palavra sobre o Fora do Eixo pautou o debate subsequente.

Para efeito descritivo, manteremos a ordem cronológica dos textos selecionados. Coube à professora Ivana Bentes, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, articuladora de

Pontos de Cultura, do programa de Pontos de Mídia Livre, e aliada do Fora do Eixo, a resposta teórica que posiciona o Fora do Eixo não só como uma experiência de esquerda, mas como articulador de um novo tipo de sujeito social: o “precariado cognitivo, ou cultural”. Ou seja, o que para o Passa Palavra é uma nova classe gerencial, para Bentes é o precariado, formado pelos trabalhadores da cultura auto-organizados que já não possuem a possibilidade de acessar o “sistema trabalhista fordista e previdenciário clássicos”. Esse ator é quem mobiliza o ativismo político contemporâneo, promovendo ocupações “livres (mesmo que frágeis e sem segurança)”.

O Circuito Fora do Eixo é, no meu entender, um dos mais potentes laboratórios de experimentações das novas dinâmicas do trabalho e das subjetividades. Que tem como base: autonomia, liberdade e um novo “comunismo” (construção de Comum, comunidade, caixas coletivas, moedas coletivas, redes integradas, economia viva e mercados solidários). Estão FORA do eixo/fetice da esquerda por trabalhadores assujeitados na relação patrão/empregado! Mas tem enorme potência para articularem não apenas a classe média urbana, mas se articularem com os pobres e precários das periferias e favelas (BENTES apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 53).

Bentes também enfrenta o argumento de que o foco de atuação do FdE seria a venda de serviços. O que ocorre é a criação de outros mercados, “fora da lógica fordista do assujeitamento” Essa condição criativa abre justamente à rede a possibilidade de estabelecer relações “sem medo de aparelhamento” com o estado, as corporações e os partidos. Isso porque, o que prevalece nessas relações seria a visão transformadora do coletivo, e não a lógica das instituições que com ele se relacionam (a essa fissura no modo de agir das instituições tradicionais os membros do FdE dão o nome de hackeamento, em alusão à forma de agir dos hackers, que modificam tecnologias com a finalidade de criar novas soluções, padrões e produtos). Para ela, esse modelo de agir do Fora do Eixo, daria a origem a uma “esquerda pós-fordista”.

Não é só o capitalismo financeiro que funciona em fluxo e em rede, veloz e dinâmico. As novas lutas e resistências passam por essas mesmas estratégias. O Fora do Eixo está apontando para as novas formas de lutas, novas estratégias e ferramentas, que inclui inclusive PAUTAR AS POLÍTICAS PÚBLICAS, PAUTAR o Parlamento, PAUTAR A MÍDIA, Pautar a Globo, como as marchas conseguiram fazer! Ser bem sucedido aí, onde muitos fracassaram, é o que parece imperdoável! (BENTES apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 54).

Bentes conclui argumentando que as lutas cotidianas são as que se travam no interior do próprio capitalismo. Para a autora, lembrando a obra de Guattari, “não existe fora”, mas sim a necessidade de “inventar outros tantos mundos” no interior deste que vivemos. Diferentemente do Passa Palavra, que observa não só a possibilidade como a necessidade de superação do capitalismo para a realização de sua estratégia, para Bentes o que há são práticas de “criação do comum” e de “comunidades” no interior do sistema vigente. Esse seria o “novo conteúdo e linguagem política”.

Buscando se colocar numa posição à distância do conflito, uma vez que “as ferramentas analíticas parece que se tornam prisioneiras dos projetos políticos dos sujeitos que estão enunciando e problematizando os ‘fatos’, Henrique Parra e Gavin Adams publicam o artigo “nem eixo nem seixo”. Para os autores, o “esgotamento das tradicionais formas de organização e ação política” aponta a necessidade de “novas formas de ser e sentir, de trabalhar e morar”. Por outro lado, “essas transformações” se configuram em formas de vida específicas. Estaríamos diante então de uma força “em movimento” que bem pode ser instrumento da destruição da hegemonia ou de sua “transformação libertária profunda”, ao mesmo tempo em que pode ser instrumento de captura das “potencialidades para fins de manutenção do capitalismo”.

Parra e Adams resumem assim a proposição feita pelo Passa Palavra:

O argumento procede assim: parte-se de uma análise econômica das transformações recentes do capitalismo e se identifica a elas um setor ligado à comunicação. Este setor é composto de gerentes que, compreendendo os novos mecanismos da rede, se interpõem como intermediários entre o trabalho coletivo e sua comercialização. O artigo amplia esta análise para manifestações como a Marcha da Liberdade, julgando-as expressões dessa nova casta de gerentes comunicacionais que agenciam corpos alheios em redes produtivas (PARRA; ADAMS apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 76).

Nesse formato de análise, segundo os autores, o modelo está previamente dado, bastando identificar os atores e seus lugares na narrativa política pré-definida. Os autores também põem reparo ao fato de o artigo do Passa Palavra sugerir que o ativismo contemporâneo seja, todo ele, “expressão do novo capitalismo”, ignorando assim a “experiência militante anticapitalista envolvida em formas mais complexas de interação com a produção capitalista”.

Sobre o artigo de Bentes, ainda que se sintam mais identificados com os pressupostos teóricos, os autores localizam um procedimento de “idealização” semelhante na forma ao empreendido pelo Passa Palavra, mas distinto no conteúdo.

Neste caso, ao contrário das posições traduzidas no artigo do Passa Palavra, no artigo da Ivana Bentes o argumento procede da seguinte forma: sabe-se quem são os sujeitos políticos, sabe-se quais são suas formas de ação (a resistência pela multiplicidade, a luta das minoridades (que não se confunde com as minorias...) sendo necessário produzir e dar forma à sua luta política (não representativa, não unitária, não totalitária) (PARRA; ADAMS apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 78).

Nesse argumento de Bentes, o Fora do Eixo emerge como exemplo das “novas formas de luta e de organização social” no contexto do capitalismo cognitivo. A rede de coletivos que se destacou na articulação da Marcha da Liberdade deve ser tomada como expressão da emergência de “novos sujeitos políticos”, no caso, o precariado ou cognitariado.

Diante do interesse dos autores por ambas as abordagens, e afirmando que são enunciações de projetos políticos contrapostos, Parra e Adams então se voltam a “caracterizar e descrever quais são os problemas que estão colocados na mesa por ambas e outras perspectivas”. O trecho final do artigo “nem eixo nem seixo” se dedica a aspectos fundamentais da política no contexto contemporâneo, reconhecendo que são questões de difícil apreensão. Vejamos uma compilação dos pontos levantados pelos autores:

(a) a relação entre livre ativismo e as necessidades de sustentabilidade financeira dos movimentos: “Trabalhamos o ano inteiro e vamos fazer revolução nas férias? Ou tentamos trabalhar fazendo as micro-resistências cotidianas? Ou reduzimos o trabalho para ter tempo livre pra fazer política? Enfim, qual o lugar da política?” (PARRA; ADAMS apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 79).

(b) a relação entre capitalismo imaterial (pós-fordismo) e capitalismo material. O que persiste e o que se transformou? A guerra pela propriedade intelectual denota a importância do imaterial no mundo contemporâneo, mas as disputas geopolíticas seguem sendo em torno de bens como petróleo, áreas agricultáveis, água.

(c) esgotamento do modelo de representação política. “Veremos novas estruturas de representação emergir? Como combinar a luta por direitos (que implicam em mecanismos de institucionalização) com a luta pela crescente expressão das diferenças e minorias (não-numéricas, mas aquilo que não é hegemônico)?” (Idem, p. 79)

(d) como se configura o trabalho nesse novo contexto.

Por exemplo, quando a livre formação contínua (acesso à cultura) é indistinta da formação para o trabalho, como ficam os problemas relativos à reprodução do trabalho? E como fica a distribuição o trabalho e a apropriação dos valores gerados a partir do trabalho colaborativo? Onde começa e termina a colaboração e a exploração? Será que faz sentido falar em exploração nesses contextos? (PARRA; ADAMS apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 80).

(e) o projeto político desses novos movimentos. Parra e Adams não reivindicam um único projeto político, mas sim um delineamento dos horizontes de nossas “reflexões e práticas”. Ainda que não se façam essa pergunta, o trecho coloca claramente uma preocupação com os fins do movimento, uma expectativa de compreender onde esses novos agentes pretendem chegar. “Não se trata de restabelecer processos pré-determinados ou totalidades preestabelecidas, mas isso não significa pensar a prática política apenas em seus momentos instituintes, reduzida só ao acontecimento efêmero” (PARRA; ADAMS apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 80).

Mais, portanto, do que tomar o fenômeno Fora do Eixo para enquadrá-lo em aspirações políticas pré-estabelecidas, o que Parra e Adams sugerem é a necessidade e um conjunto de indagações que possam subsidiar uma leitura menos apaixonada da realidade.

Bruno Cava, um dos nomes de projeção da Universidade Nômade, autor do blog Quadrado dos Loucos, tomaria parte da discussão resenhando criticamente os artigos do Passa Palavra e de Ivana Bentes. Vale destacar que posteriormente, em parceria com Giuseppe Cocco, ele seria um dos autores do texto coletivo “O Comum e a Exploração 2.0”, que geraria um cisma na própria configuração da UniNômade, opondo os que viam no Fora do Eixo um parceiro e aqueles que passaram a enxergar a organização como adversária do comum. O artigo da UniNômade foi objeto de análise deste estudo no capítulo de introdução, e será retomando nas considerações finais.

No momento da elaboração dos três artigos “Sair dos eixos à esquerda”, “Pós Modismo Pós-Festivo II” e “Dormindo na Marcha III”, no entanto, Cava buscava distinguir-se da análise do Passa Palavra e ainda se referia ao FdE como parte de um mesmo movimento que integraria a Casa da Cultura Digital, os Pontos de Cultura, o Overmundo, entre outras forças que se organizaram a partir do Ministério da Cultura do Governo Lula. Nesse sentido, o autor localiza esse bloco – que o Passa Palavra diagnostica como de gestores capitalistas – como um campo promotor de inovação em constante disputa política: a

dinâmica de superação ou captura pelo capital encontra-se no interior do movimento. Para defender essa argumentação, Cava aponta que, justamente por serem produtivas, inovadoras e vivas, as redes político-culturais atraem o interesse das empresas, interessadas em compreender os “novos terrenos da produção”. Se o capitalismo compreendeu o deslocamento do mundo para sua etapa 2.0, a esquerda não deveria renunciar a assimilação desse instrumental – sob pena de se afastar ainda mais da possibilidade de seduzir corações e mentes.

Se o Fora do Eixo, bem como todos esses movimentos de composição nova, — e se pode incluir aí, guardadas as particularidades, Túnis e Tahir no norte da África e o 15-M na Europa, — se eles terminarem capturados pelo capitalismo, terá sido a gente, a esquerda, que os perdemos, quero dizer, nós teremos perdido. Mas não perdemos, porque a luta continua com eles, através deles e neles (CAVA apud ORTELLADO; PARRA; RHATTO, 2013, p. 121).

O alerta feito pelo coletivo Passa Palavra, no entanto, compreende o autor, deve servir para que as redes político-culturais se mantenham vigilantes. O capitalismo não cessa de identificar o “novo”, pois precisa dele para se auto-reproduzir. Portanto, o foco precisa estar na “em constituir espaços alternativos à indústria hegemônica, ao mercado dominante e ao emprego formal subordinado”, sem desconsiderar que essa inovação passará a ser “alvo preferencial para a investida capitalista”.

A luta por autonomia, por libertação do trabalho e pelo trabalho, continua inclusive por dentro da cultura livre, das redes produtivas e das marchas das liberdades. Se o trabalho imaterial e cultural se coloca no centro da economia política, tanto mais será o palco das disputas (Idem, p. 120).

Esse debate em torno dos sentidos da esquerda segue mobilizando pesquisadores, intelectuais, coletivos e redes. Trata-se de questão em aberto. O programa exposto por Parra e Adams ainda não foi levado a termo. O Fora do Eixo, uma novidade para vários agentes em 2011, se configurou como força ativa presente em diferentes campos de atuação neste agosto de 2013. A organização seguiu ampliando suas ações de caráter político e estabelecendo conexões com diferentes agentes da vida nacional, como veremos mais adiante neste capítulo.

5.1.3 Existe Amor em SP: redes, ruas, o direito à cidade nas eleições do Eixo

No dia 21 de outubro de 2012, a então reinaugurada Praça Roosevelt, na região central de São Paulo, foi palco de um festival organizado por redes e coletivos paulistanos e convocado por sites de rede social. Cerca de 20 mil atenderam ao chamado e participaram do festival que foi nominado como #ExisteAmoremSP e se tornou um dos mais emblemáticos episódios das eleições municipais na maior cidade do país. A convocação previa que os manifestantes utilizassem adereços cor-de-rosa, numa provocação à divisão binária entre vermelho e azul, que alude a petistas (PT) e tucanos (PSDB). Durante o processo eleitoral, a grande mídia exibiu um mapa eleitoral opondo a periferia (vermelha) ao centro (azul). Esse mapa, no entender dos articuladores do festival, criou um estigma que impedia a cidade de enxergar a complexidade de sua conformação política. Combater a dualidade regressiva era um dos objetivos do #ExisteAmoremSP, e por isso o uso da cor rosa, justamente aquela que se projeta quando se fundem o vermelho e o azul.

O ponto de referência virtual do #ExisteAmoremSP, que segue promovendo encontros e atividades de ocupação do espaço urbano, é sua página no Facebook. Nela se encontra o manifesto fundador da articulação. Nesse texto, o movimento diz desejar “uma cidade mais humana, justa, amável e acolhedora”. O manifesto também afirma ser a cidade dominada pela “lógica higienista, pela especulação imobiliária e pela truculência do Estado, principalmente nas periferias”. O #ExisteAmoremSP surgiu para se contrapor a esse cenário, constituindo-se como um grito coletivo em nome de “mais amor, mais respeito e solidariedade”. O manifesto também dá pistas de como se organiza a atuação política desse movimento.

Somos um coletivo de amantes que busca criar e articular diálogos com diversos movimentos sociais e políticos ativos, que acreditam na mudança social, na construção de um outro modo de relação humana, de nós com a natureza, e na mudança de consciência. Isso deve acontecer pela ocupação dos espaços públicos, como forma de luta por direito à cidade e a cidadania. É por isso que esclarecemos que o movimento não é de um grupo ou um partido, de um movimento ou de outro. Somos todos nós que criamos as intervenções públicas que queremos (EXISTEAMOREMSP, 2012, online).

Pós-partidário, voltado para a ocupação do espaço urbano, centrado em questões artísticas e culturais, em busca de fazer valer o direito à cidade e a cidadania, articulado por

indivíduos e coletivos que autonomamente aderem ao chamado feito pelas redes, com essas características o #ExisteAmoremSP ganhou ampla adesão. Durante o dia 21 de outubro, artistas expressivos da nova música brasileira, como Criolo, Emicida e Gaby Amarantos, se apresentaram em um palco minúsculo, montado pelos próprios organizadores. Não havia seguranças contratados. Nem autorização das forças policiais. A proposta, como demonstra um dos cartazes de convocação que circulou nas mídias sociais, era ser “fora do padrão”. De qual padrão? O padrão repressivo e opressor que, segundo o movimento, caracterizaria a cidade.

FIGURA 5 – Cartaz da convocação do festival #ExisteAmoremSP⁵⁷



O #ExisteAmoremSP foi uma continuidade da ação #AmorSIMRussomanoNão, que ocorrera no primeiro turno da eleição para prefeito. Naquela ocasião, diante do avanço do candidato conservador Celso Russomano, que chegou a liderar as pesquisas de opinião, os grupos se organizaram para protestar nas redes e nas ruas. As críticas surtiram efeito e Russomano acabou não indo ao segundo turno. No início do segundo turno, quando a eleição afunilou-se entre o candidato do PT, Fernando Haddad, e o do PSDB, José Serra, os indivíduos e coletivos articulados optaram por um protesto mais amplo, que vocalizasse as aspirações políticas por outra cidade, e não estabeleceram alinhamento automático com nenhuma das duas candidaturas. Em uma reunião de deliberação realizada na Casa Fora do

⁵⁷ O festival foi realizado na Praça Roosevelt, em São Paulo, durante as eleições municipais de 2012.

Eixo São Paulo, os participantes votaram entre dois nomes para o ato: #ExisteAmoremSP ou #FaçaAmornãoFaçaSerra. Venceu a primeira proposta.

Entre as imagens mais difundidas pelas redes sociais nos dias seguintes à realização do festival destacava-se uma foto de tomada aérea com uma panorâmica da Praça Roosevelt repleta de manifestantes. Tirada de cima de um dos prédios vizinhos, essa imagem parece ser uma recriação do discurso que circulou pelo mundo a partir dos levantes populares de 2011, como os que ocorreram na Praça Tahir, no Egito, e na Praça Puerta del Sol, em Madrid.

FIGURA 6 – Foto aérea da Praça Roosevelt durante o festival #ExisteAmoremSP⁵⁸



Essa foto aérea foi realizada por um fotógrafo do centro de mídia do Fora do Eixo. Não à toa. A organização não só ofereceu sua estrutura para vários dos trabalhos de produção executiva do evento, como esteve por trás da concepção e logística do #ExisteAmoremSP.⁵⁹ Para esse processo, o FdE mobilizou sua expertise como (1) circuito cultural, especialista na produção de festivais de música e artes integradas; (2) coletivo midiático, com comunicação

⁵⁸ Crédito: Fora do Eixo. Disponível em:

<http://www.flickr.com/photos/foradoeixo/8115048553/in/set-72157631816825882>. Acesso em: 20 ago. 2013.

⁵⁹ Para acesso a um making off em imagens da produção do #ExisteAmoremSP, vale acessar o álbum de fotos produzidos pelo Fora do Eixo no Flickr. Disponível em:

<<http://www.flickr.com/photos/foradoeixo/sets/72157631816825882>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

em rede, por meio de difusão de conteúdos nas redes sociais; (3) e organização política, estabelecendo interlocução durante o processo com diferentes coletivos, entre os quais a Matilha Cultural, o Tanq_ Rosa Choq_, a Casa da Cultura Digital, o Studio SP, a Galeria Choque Cultural, o Estúdio VoodooHop, o Santo Forte, o Bijari, o Estúdio Lâmina, o Intervozes, e com ativistas, artistas, blogueiros e midialivristas independentes.

Essa relativa liderança do FdE seria reconhecida em matérias da imprensa, que passariam a tratá-los como ideólogos exclusivos da ação, o que é uma visão parcial do processo. Do ponto-de-vista político, o #ExisteAmoremSP expressou a capacidade contra-hegemônica de articular redes que os coletivos culturais e urbanos adquiriram. A dinâmica de associação em rede entre diferentes forças com alguns propósitos em comum – sendo o principal reinventar as formas de fazer política – criou as condições para uma explosão de afetos e colaboração. Articulando ações em rede e no espaço urbano, naquilo que Castells define como “espaço da autonomia” (CASTELLS, 2012), o #ExisteAmoremSP consagrou-se como marco da movimentação social contemporânea no Brasil.

Sobre isso, vale recuperar o que Castells diz em “Redes de Indignação e Esperança”. O sociólogo catalão destaca que os espaços ocupados têm tido fundamental papel na história das mudanças sociais, por três fatores: (1) criam comunidades e a comunidade se baseia no companheirismo, um “mecanismo psicológico fundamental para superar o medo”; (2) os espaços geralmente são carregados de poder simbólico e ao tomar espaços urbanos os cidadãos recuperam sua própria cidade; (3) ao construírem uma “comunidade livre” em um “lugar simbólico”, esses movimentos “criam um espaço público, espaço de deliberação que finalmente se converte em um espaço político, espaço de reunião de assembléias soberanas”.

Em nossa sociedade, o espaço público dos movimentos sociais se constrói como espaço híbrido entre as redes sociais da Internet e o espaço urbano ocupado: conectando o ciberespaço e o espaço urbano em uma interação incessante e constituindo tecnológica e culturalmente comunidades instantâneas de práticas transformadoras. A questão fundamental é que este novo espaço público, o espaço interconectado entre o espaço digital e o urbano, é um espaço de comunicação autônoma (CASTELLS, 2012, p. 28).

Em seu discurso de posse, em janeiro de 2013, o prefeito eleito Fernando Haddad mencionou o Festival #ExisteAmoremSP, reconhecendo que se tratava de uma atividade não partidária, convocada pelas redes sociais, e que mobilizou dezenas de milhares de pessoas.⁶⁰

60 “Festival #ExisteAmoremSP: Criolo, Emicida, Gaby Amarantos + 20 mil pessoas”. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=LLNiEyYtYKE>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

Não mais um festival, mas agora um movimento, o #ExisteAmoremSP segue mobilizado. Suas reuniões abertas ocorrem na Praça Roosevelt às terças-feiras à noite, com transmissão ao vivo pela internet. Esse mesmo grupo, com forte presença do FdE em sua ativação, tem produzido uma série de atividades, como os debates e shows do Preliminares, ainda em 2012, e duas grandes ocupações de rua no Vale do Anhangabaú, também na região central de São Paulo, com o nome de Anhangabaú da FelizCidade.

Durante as manifestações contra o reajuste das tarifas de ônibus, em junho de 2013, que chegaram a reunir mais de 100 mil pessoas em protestos de rua, os membros do #ExisteAmoremSP soltaram uma carta⁶¹ endereçada ao prefeito Haddad com críticas à sua atuação. A carta faz um apelo para que o representante do poder institucional “não tema as ruas, não acredite que ceder a elas é capitulação”. O fato de Pablo Capilé, principal liderança do Fora do Eixo, ter sido convidado pelo prefeito para ser um dos cidadãos integrantes do Conselho da Cidade, retomara a suspeição sobre os reais objetivos da organização. Indagavam-se os críticos se o FdE seria de fato uma organização pós-partidária ou um braço em rede do Partido dos Trabalhadores.

5.2 UMA PLATAFORMA ATIVISTA

Os três episódios narrados na seção anterior dão conta de um deslocamento gradual do Fora do Eixo de uma rede de coletivos de produção cultural – conforme descrição do capítulo anterior –, para uma plataforma de articulação política em rede, com foco na cultura e na mobilização e participação social. Essa plataforma tem, no caso da cultura, uma atuação programática e outra de articulação setorial. No caso da mobilização e participação social, toma parte dos novos movimentos sociais do século XXI, marcados por características, como vimos, de horizontalidade, recusa a lideranças, por serem viróticos, conectados em rede, locais e baseados em constatações auto-críticas (CASTELLS). Como o debate em torno da Marcha da Liberdade demonstra, por um lado, a presença do Fora do Eixo no movimento é recebida como um fato inovador, por outro é denunciada como captura capitalista do potencial

61 Carta do movimento #ExisteAmoremSP para o prefeito Fernando Haddad, em 2013. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/spressosp/2013/06/existe-amor-em-sp-para-haddad-nao-encarne-o-poder-como-seus-antecessores>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

efetivamente transformador desse mesmo movimento.

No nosso entendimento, a razão pela qual a organização é vista de uma e outra maneira é a mesma: o lugar que ela ocupa e sua forma de operação. O FdE se dedica ao exercício avançado da comunicação digital para a ação política: constitui-se como uma plataforma ativista. Plataforma aqui no sentido de artefato que projeta algo ou alguém. Como sua carta de princípios aponta, não há um programa claro. Qual a agenda do FdE? Qual o seu projeto de transformação da realidade? A organização não é capaz de responder a essas perguntas previamente. Nisso, não é diferente de outros grupos e coletivos contemporâneos, que preferem a ação à formulação – o entendimento emergiria de um corpo-a-corpo com a realidade. O FdE optou por, no cenário da cultura digital, ocupar-se de ser instrumento útil a múltiplas causas. Um lugar que não lhe é estranho, uma vez que no cenário da produção cultural, a organização sempre deu especial destaque à circulação.

5.2.1 Tudo dentro: ocupando espaços e estabelecendo parcerias

Uma das expressões que Capilé utiliza para explicar a estratégia do Fora do Eixo é “all in”. Ela significa “tudo dentro”. Outra expressão eloquente é: “fazer o 360 da babilônia”. Esta, por sua vez, significa dar a volta completa em todas as estruturas vigentes, empresas, universidades, ONGs, movimentos sociais, partidos etc. A linguagem, portanto, demonstra a vocação do Fora do Eixo para maximizar sua presença e campo de influência. O que fica claro, observado a atuação da organização, é que seus integrantes pensam menos no ponto de partida e mais no ponto de chegada. Qual seja? Conquistar adesão para a rede e seus objetivos coletivistas, não-comerciais e de fortalecimento da cultura como instrumento de desenvolvimento e transformação política.

Considerando a ação política do FdE no campo dos movimentos culturais, podemos tomar como ponto inaugural de sua atuação nacional a organização do Mobiliza Cultura, que descrevemos com maior profundidade em seção anterior. A partir daquele momento, o Fora do Eixo passa a se dedicar, nacional e internacionalmente, à articulação de uma “rede de redes”, se aproximando fortemente de representações da rede dos Pontos de Cultura, da cultura popular, da cultura digital, dos povos de terreiro, da periferia de grandes centros

urbanos, constituindo seu campo de influência e articulação. Essa aproximação ocorre, principalmente, por meio da “oferta” das tecnologias desenvolvidas pelo FdE ao longo dos anos e também por uma proposição da extensão dos simulacros (partido, banco, universidade e Mídia) para o conjunto dos agentes.

Nos últimos anos, o Fora do Eixo foi responsável por estimular a criação: (a) do Partido da Cultura (PCult), com lista de discussão própria e foco em pautar a discussão cultural em campanhas eleitorais e constituir bancadas legislativas, em âmbito municipal, estadual e federal em defesa das causas culturais; (b) da UniCult,⁶² a Universidade Livre da Cultura, cuja primeira reunião de articulação ocorreu ainda em 2009 no I Fórum da Cultura Digital e articula pesquisadores acadêmicos e não-acadêmicos em um país de trocas de conhecimentos; e (c) do Movimento Social das Culturas, que seria o grande guarda-chuva para onde convergiriam as redes culturais.

Em setembro de 2012, Marta Suplicy assumiu o Ministério da Cultura pondo fim ao ciclo de Ana de Hollanda, marcado por uma relação de conflito com as redes e coletivos. Marta, em sua primeira semana no novo posto, em atividade no Congresso Nacional, encontrou-se com Capilé. Nesse encontro, o integrante do Fora do Eixo sugeriu agendar um amplo e público encontro entre a ministra e os grupos que fizeram oposição à sua antecessora. A ideia era apresentar as demandas coletivas em relação ao MinC. Capilé passou a então a convocar os parceiros de movimento para se destinarem a Brasília, aproveitando a ocasião para promover, em paralelo ao encontro com o governo federal, uma reunião de articulação do Movimento Social das Culturas. Agendada a conversa o Fora do Eixo passa a convocar, por meio de listas na internet, todos aqueles que tenham interesse em participar desse encontro, o qual também foi transmitido ao vivo pela Pós-TV.

FIGURA 7 – Primeira reunião pública com a Ministra Marta Suplicy, em 2012⁶³

62 Site da Unicult. Disponível em: <<http://culturadigital.br/unicult>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

63 Crédito: Fora do Eixo.



Como demonstra a foto acima, a adesão ao chamado da reunião ministerial com o Movimento Social das Culturas foi grande. Mais de 200 pessoas, de todas as regiões do país, compareceram presencialmente e muitas outras intervieram no debate por meio da internet. Parte importante desses agentes era do Fora do Eixo. Na ocasião, uma carta de reivindicações⁶⁴ foi entregue à nova ministra, pedindo a retomada de políticas públicas transformadoras que teriam sido interrompidas no início do governo de Dilma Rousseff. Entre outros aspectos, essa carta defendia: (a) retomada da reforma da Lei de Direitos Autorais; (b) retomada da reforma do sistema de financiamento à cultura (superação da Lei Rouanet); (c) apoio do MinC à internet livre e às políticas de cultura digital; (d) retomar uma política ativa de fortalecimento da diversidade cultural (indígenas, quilombolas, povos de terreiro, entre outros); (e) a retomada do Programa Cultura Viva e dos Pontos de Cultura; (f) mudar a política para as artes; (g) mudar a política para o audiovisual e retomar o programa DOC-TV e (h) articular o MinC com outros ministérios da área social.

A reunião representou um marco na mudança da qualidade de interlocução do Ministério com os grupos culturais organizados, e também amplificou a força do Fora do Eixo como plataforma de mediação dessa relação. Bem sucedida por um lado, a estratégia seria responsável pelo crescimento de críticas em relação ao Fora do Eixo. Ao dispor de volumosa capacidade de trabalho, e ao pretender estender seu métodos e tecnologias para o conjunto dos agentes organizados no campo da cultura, o FdE desenvolve – mesmo que inconscientemente

64 Carta do Movimento Social das Culturas para a Ministra Marta Suplicy. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2012/09/21/carta-dos-movimentos-sociais-da-cultura-a-ministra-marta-suplicy>>. Acesso em: 23 ago. 3013.

– uma estratégia totalizadora. A parte, no caso, a rede de coletivos, passa a ser vista como o todo, ou seja, o “movimento social das culturas”. O fio que dividiria, então, onde começa a organização (o Fora do Eixo) e as outras experiências contemporâneas se dilui.

O depoimento de Branca Schulz, integrante da Casa Fora do Eixo Sul, com sede em Porto Alegre, para o canal público EBC, em maio de 2013, nos ajuda a visualizar essa afirmação.

O Fora do Eixo é uma rede de cultura livre independente que iniciou seu trabalho há sete anos. Iniciamos nos desenvolvendo como circuito cultural que se espalhou por sete regiões do país. E nessas regiões a gente vem conectando inúmeros coletivos culturais.

(...) Dentro disso, a gente veio durante esse período todo, buscando desenvolver bases sólidas, para criar dutos de escoamento da cultura que está na ponta. (...)

Com o tempo, com o passar mesmo do nosso processo, a gente foi entendendo e virando algumas chaves essenciais, e nos entendendo cada vez mais como um movimento social. (...)

A gente começa a agregar mais movimentos sociais, criar espaços de discussão, onde a gente possa estar compartilhando nossas pautas, e compreendendo como a gente monta planos de viabilidade e estratégias e dentro dessas estratégias a gente passa a ocupar as ruas com mais força, e isso se desdobra em cidades do nosso país. (...)

E hoje, nós, do Fora do Eixo, e muitos outros que fazem parte disso, nos entendemos como Movimento Social das culturas. E aí a gente vai trabalhando em pautas que cada movimento apresenta, para que elas reverberem nas redes, que sabemos que é um campo de disputa. (...)

A internet acaba adquirindo um papel fundamental nesse processo porque começa a conectar toda as pontas do país e começa a compartilhar toda essa inteligência coletiva. (...)

A velocidade da internet e a velocidade dos movimentos ditam cada vez mais um novo ritmo de tomada e hackeamento de inúmeras estruturas. (SCHULZ, 2013, online).⁶⁵

O relato demonstra o percurso traçado politicamente pela organização e denota que, a partir de seu crescimento, o Fora do Eixo passa a se reconhecer como parte desse conjunto maior: “o movimento social das culturas”. Isso fica ainda mais forte se consideramos a ampla capilaridade regional da organização, cujos coletivos são estimulados, em seus municípios e estados, a lutar por políticas públicas de cultura e a ocupar espaços institucionais reservados à sociedade civil.

Pegemos o exemplo de Patos de Minas, uma das 20 maiores cidades mineiras, que tem cerca de 230 mil habitantes. Em Patos, há o Coletivo Peleja, associado ao FdE, que

65 Depoimento de Branca Schulz para EBC. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=9KKk2kQpoO8>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

organiza o Festival Marreco. Uma das pessoas de destaque desse coletivo é Mara Porto, que se afastou do cotidiano do coletivo porque assumiu a diretoria de cultura municipal, onde foi responsável por, entre outras coisas, retomar o processo de instalação do Conselho Municipal de Cultura na cidade.

Peguemos outro caso. Serrana. Cidade de 40 mil habitantes na região oeste do estado de São Paulo. Lá está o Centro de Cultura e Ativismo Caipira, que organiza o festival Caipiro Rock (realizado desde 1997). Na cidade não há secretaria de cultura, mas uma Fundação. O coletivo local do FdE é uma força política da cidade. Em 2012, durante a campanha para prefeito, tentaram realizar debates com os quatro candidatos da disputa, sendo que apenas um se dispôs a ser sabatinado pela Pós-TV. Em junho de 2013, o coletivo foi responsável por articular um protesto de rua na cidade, que não possui histórico de ocupações do espaço urbano por parte da população.

FIGURA 8 – Protesto de rua em Serrana, São Paulo⁶⁶



Em Macapá, capital do Amapá, o Fora do Eixo também tem ganhado força e notoriedade. Na cidade há uma Casa Fora do Eixo. Um breve passeio pela página da casa no Facebook demonstra ter sido ela ponto de articulação para a realização da Marcha das Vadias, de Macapá, e para os atos de junho contra o aumento das passagens, que por lá chegaram a reunir 10 mil pessoas. No que se refere à ocupação de espaços públicos, uma das principais lideranças locais, Otto Ramos, é membro do Conselho Estadual de Cultura, e uma das fundadoras do coletivo local, Heluana Quintas, assessora o senador Randolph Rodrigues

⁶⁶ Cidade de 40 mil habitantes. Crédito: Centro de Cultura e Ativismo Caipira, Ponto Fora do Eixo.

(PSOL-AP).

Como esses há vários exemplos, como o de Gilmar Dantas, da Casa Fora do Eixo de Vitória Conquista, que é membro do conselho municipal de cultural local, fazendo a representação na área de música. Ou Evandro Camargo, do Coletivo Colombina, de Taquaritinga, São Paulo, que também integra o conselho municipal local. Essa estratégia é nacionalmente articulada pelo simulacro do Partido, que busca estabelecer um ambiente de trocas entre os agentes da rede.

Ao se fortalecer como organização cultural, que por vezes se confunde com o próprio movimento social no campo da cultural, o Fora do Eixo ganhou credenciais para ampliar sua atuação política, como vimos nos casos da Marcha da Liberdade e do #ExisteAmoremSP. É nesse contexto que fica evidente que o FdE passa a operar como plataforma ativista, voltada para uso intensivo da comunicação digital. Isso ocorre porque, de acordo com o diagnóstico feito por suas lideranças, o conflito político contemporâneo ocorre como uma “disputa de narrativas”. Essa leitura encontra abrigo em teóricos como Bourriaud:

Pois a sociedade humana é estruturada por narrativas, por enredos imateriais mais ou menos reivindicados enquanto tal, que se traduzem em maneiras de viver, em relações no trabalho ou no lazer, em instituições ou ideologias. Os responsáveis pelas decisões econômicas projetam cenários sobre o mercado mundial. O poder político elabora previsões e planejamentos. Vivemos dentro dessas narrativas (BOURRIAUD, 2009, p. 49).

Essa compreensão também dialoga com aquilo que Castells anuncia no livro *Communication Power*. Ou seja, o poder de criar redes e é essencialmente um poder comunicacional. Nesse sentido, os agentes que se ocuparem de produzir a comunicação, de realizá-la com potência, assumem papel central nas disputas políticas, porque modulam justamente os imaginários da população.

Há uma segunda fonte maior de poder: a capacidade de programar redes. Essa capacidade depende da habilidade de gerar, difundir e afetar os discursos que enquadram a ação humana. Sem essa capacidade discursiva, a capacidade de programar redes específicas é frágil, e depende unicamente do poder dos atores arraigados nas instituições. Na nossa sociedade, o discurso molda a opinião pública por meio de uma tecnologia específica: redes de comunicação que organizam a comunicação socializada (CASTELLS, 2009, p. 53).⁶⁷

67 Tradução livre para: “There is a second major source of power: networks’ programming capacity. This capacity ultimately depends on the ability to generate, diffuse, and affect the discourses that frame human action.

O desempenho destacado da plataforma ativista Fora do Eixo atraiu o interesse de várias organizações, que passaram a procurá-los para ações político-comunicacionais. Um caso emblemático que ocorreu em 2013 foi o da Comissão Extraordinária de Direitos Humanos e Minorias,⁶⁸ organizada na Praça Roosevelt, no centro de São Paulo, em protesto à atuação do pastor Marcos Feliciano (PSC-SP), que passou a presidir, na Câmara dos Deputados, a CDHM. A ONG Conectas e o Coletivo Pedra no Sapato, com histórico de atuação na luta pelos direitos humanos, procuraram o Fora do Eixo para desenvolverem em conjunto uma atividade de mobilização social nas redes e nas ruas. Nasceu, então, a ideia de promover o debate público da comissão paralela, que teria como presidente não o pastor homofóbico Feliciano, mas sim o cartunista Laerte Coutinho.

FIGURA 9 – Cartaz de convocação da Reunião Extraordinária de Direitos Humanos⁶⁹



Participaram do encontro, transmitido para todo o Brasil pela Pós-TV (gerida pelo simulacro Mídia do Fora do Eixo), o deputado federal Jean Wyllys (PSOL-RJ), o líder do Mo-

Without this discursive capacity, the programming of specific networks is fragile, and depends solely on the power of the actors entrenched in the institutions. Discourses, in our society, shape the public mind via one specific technology: communication networks that organize socialized communication”.

68 No site da ONG Conectas, há um histórico da atividades, que pode ser conferido no link: <<http://www.conectas.org/institucional/comissao-extraordinaria>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

69 Comissão presidida pelo cartunista Laerte Coutinho. Autoria: Fora do Eixo/Laerte.

vimento Negro Unificado, Milton Barbosa, o representantes do Movimento Indígena, Sany Kalapalo, e o jornalista Bruno Torturra, do Fora do Eixo. O deputado Wyllys destacou, em depoimento ao site da ONG Conectas, o “modelo criativo” de mobilização social, “porque a gente sabe que hoje em dia é muito difícil mobilizar politicamente uma porção de gente”.

Novos movimentos, ONGs, governos, em âmbito nacional e local, no giro de 360° do FdE também coube articular-se com os tradicionais movimentos populares para a convocatória da Jornada Nacional de Lutas da Juventude, que ocorreu a partir de agosto de 2013 em todo o país. A organização foi uma das signatárias da carta de mobilização, que defende como programa político a necessidade de “reformas estruturais” que garantam “a soberania nacional e os direitos da classe trabalhadora, promovendo o desenvolvimento econômico, com justiça social, livre do racismo, machismo e homofobia”.

A juventude quer fazer política. Queremos casar a energia dos jovens nas ruas com o histórico de organização da classe trabalhadora. O momento é de enfrentar os inimigos do povo brasileiro, fazer pressão sobre os governos e aprofundar as mudanças (JORNADA DE LUTAS DA JUVENTUDE, 2013, online).

O FdE assina o manifesto ao lado de, entre outros, Central dos Movimentos Populares (CMP); Central Única dos Trabalhadores (CUT); Coletivo Nacional de Juventude Negra – Enegrecer; Coletivo Quilombo; Juventude Socialismo e Liberdade (JSOL); Juventude do PT (JPT); Levante Popular da Juventude; Marcha Mundial das Mulheres (MMM); Movimento dos Trabalhadores sem Terra (MST); Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB); Movimento Camponês Popular (MCP); Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA); Pastoral da Juventude (PJ); União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES); União da Juventude Socialista (UJS); União Nacional dos Estudantes (UNE).

Nesse deslocamento em direção a se tornar uma plataforma ativista, voltada para a construção e disputa de narrativas, a partir do uso intensivo da comunicação digital, o Fora do Eixo daria seu passo definitivo com a criação da Mídia NINJA, como veremos a seguir.

5.2.2 Mídia NINJA, massa de mídias e os protestos de junho

No dia 22 de julho, Filipe Peçanha, o Carioca, integrante do Fora do Eixo e um dos

repórteres da mídia NINJA, foi preso pela polícia militar do Rio de Janeiro enquanto cobria um dos protestos de rua que marcam a paisagem política brasileira desde junho de 2013. Sob os gritos de “identificação, identificação”⁷⁰ destinado aos policiais que não expunham seus nomes nas fardas, Peçanha foi levado para dentro de um camburão e permaneceu preso por algumas horas em uma delegacia do bairro de Laranjeiras. O procedimento da prisão foi transmitido ao vivo. O próprio Peçanha, que se destacou por, munido de um celular Iphone e uma conexão móvel de internet, produzir imagens exclusivas de dentro dos protestos, manteve sua câmera ligada até ser forçado pela polícia a interromper o sinal. Com a prisão de Peçanha, parte dos manifestantes se dirigiu para adiante do distrito policial e exigiu a libertação do jornalista. Na mesma noite, ele foi liberado, mas outro jovem, acusado de carregar um coquetel molotov, foi mantido preso. Assim foi até os colegas de cobertura colaborativa provarem, com imagens, que a acusação da polícia era uma farsa. Um furo jornalístico, que a rede Globo levou ao Jornal Nacional.⁷¹ Mais um que a mídia NINJA promoveu desde que, colado às jornadas de junho, em que protestos por redução das passagens de ônibus eclodiram em todo o país tendo São Paulo como epicentro. Os NINJA, acrônimo de Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação, viraram sinônimo de mídia da multidão. Em uma única transmissão online, diretamente de dentro das manifestações, chegaram a ter 200 mil⁷² pessoas conectadas. O sucesso da iniciativa levou-os ao reconhecimento da mídia tradicional e vem suscitando debates acalorados entre comunicadores, jornalistas, políticos e ativistas.⁷³

Para efeito deste estudo, no entanto, o que nos interessa é destacar o fato de a Mídia NINJA ser uma iniciativa articulada pelo Fora do Eixo dentro de uma estratégia que a organização denominou, a partir do seu 4º Congresso, de “pós-marca”. Ou seja, de que as iniciativas fomentadas pelo FdE pudessem dar origem a redes autônomas. Sem dúvida, a mais expressiva ação midiática coordenada pela organização e elemento central da estratégia supramencionada de deslocamento de uma rede de produção cultural para uma plataforma de

70 A prisão de Filipe Peçanha, compartilhada no canal de vídeos YouTube, está disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=SIINOilQ68o#t=98>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

71 Reportagem da rede Globo sobre o furo da Mídia NINJA. Disponível em: <<http://g1.globo.com/videos/v/estudante-presos-durante-manifestacao-no-rio-nao-portava-explosivos/2713906>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

72 “Brazil Protests Prompts Shift in Media Landscape”. Disponível em: <<http://online.wsj.com/article/SB10001424127887323873904578570244226440374.html#articleTabs%3Darticle>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

73 Nesta página, é possível acessar um clipping colaborativo sobre a atuação da Mídia NINJA: <<https://docs.google.com/document/d/1YQMb1CXzur9uPB-EiAzXsgDfP3m3H-2VOS0pVry7ud8/edit>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

ação política em rede.

Desde quando foi fundado, o Fora do Eixo tem se dedicado ao desenvolvimento de suas próprias mídias, utilizando os recursos disponíveis na internet. No início era canal no Orkut, listas de discussão, chats no MSN, e blogs no Blogger. Há cerca de três anos, a rede intensificou o trabalho de transmissões ao vivo de suas atividades. Disso, avançou para a criação da Pós-TV, um canal próprio de streaming pela internet, baseado em programas exclusivos – em sua maioria de debates. As ações de mobilização por meio de redes sociais, a produção de conteúdos para blogs e sites, o registro fotográfico de ações políticas, a criação e manutenção de programas de webTV, entre outras iniciativas, são coordenadas pelo simulacro Mídia, que todo coletivo FdE possui. Devido ao seu êxito, a Pós-TV passou a ser pensada como um projeto específico, e atraiu alguns jornalistas experientes para com ela colaborarem, como o crítico musical Alex Antunes, o editor Lino Bocchini, e o repórter Bruno Torturra, que viria ser justamente o idealizador da mídia NINJA. Ainda sem o nome e a marca, o Fora do Eixo já havia feito uma bem sucedida transmissão móvel da Marcha da Liberdade. Na ocasião, cerca de 2 mil pessoas acompanharam por streaming o protesto que pode ser visto como um embrião do que passou a ocorrer, em escala muito maior, a partir de junho deste ano.

Essa destreza do FdE no manejo das redes sociais e no uso da comunicação levaria os criadores do Instituto Overmundo, ONG que mantém o portal Overmundo desde 2005, a transferirem, em 2012, a administração da plataforma para o Fora do Eixo. O Overmundo é uma das mais bem sucedidas iniciativas da internet brasileira, tendo sido vencedora do prêmio Golden Nica,⁷⁴ do Prix Ars Electronica, no ano de 2007. Criado pelo antropólogo Hermano Vianna, pelo advogado Ronaldo Lemos, pelo gestor José Marcelo Zacchi e pelo produtor cultural Alexandre Youssef, trata-se de uma rede colaborativa, baseada em informações produzidas pelos usuários, voltada para a difusão da diversidade cultural brasileira.

Essas iniciativas todas prepararam a organização para o salto de criar o NINJA, cujo objetivo está definido por Torturra, em um texto de grande repercussão, publicado em seu blog.

Um grupo de comunicação amplo e descentralizado, a fim de explorar as possibilidades de cobertura, discussão, repercussão, remuneração e da radical liberdade de expressão que a rede oferece. Streaming, impressos,

74 Grande Prêmio para o Overmundo. Disponível em: <<http://www.overmundo.com.br/blogs/grande-premio-para-o-overmundo>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

blogs, fotos, debates públicos sem o fantasma do lucro e do crescimento comercial como condições primordiais para o trabalho. Por enquanto, nosso melhor investimento é entender a frequente e saudável relação inversa entre saldo bancário e propósito (TORTURRA, 2013, online).⁷⁵

A mídia NINJA se identifica como expressão do midialivrisimo. Ou seja, o exercício autônomo de produção midiática. O termo ganhou força durante o governo Lula, quando o Ministério da Cultura patrocinou uma política pública de reconhecimento dessas iniciativas – os Prêmios de Mídia Livre. O governo, na ocasião, também estimulou a realização dos Fóruns de Mídia Livre, que reuniram diferentes produtores de comunicação independente para articulá-los em redes. Nesse sentido, a NINJA não é propriamente uma novidade. É parte de um *modus operandi* característico dos movimentos sociais do século XXI.

O mais notório veículo surgido da luta dos movimentos anti-globalização é o Centro de Mídia Independente (IndyMedia), criado em 1999 durante os protestos de Seattle contra a reunião da OMC. No contexto do Fórum Social Mundial, foi criada a Ciranda Internacional da Informação Independente, que reunia os veículos alternativos para uma cobertura compartilhada do maior encontro mundial das forças de resistência ao neoliberalismo. Ou seja, tomando por base essas iniciativas, podemos afirmar que ações de auto-comunicação de massas (CASTELLS, 2009), dirigidas por grupos políticos, são parte condicionante do movimento social contemporâneo.

A experiência da Mídia NINJA alçou o Fora do Eixo a um patamar de visibilidade que a entidade jamais recebera. Para as casas FdE, a orientação foi constituir núcleos NINJA, com vistas a garantir a cobertura dos protestos em nível nacional. Com isso, conseguiram destacar repórteres com dedicação exclusiva em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Fortaleza, Porto Alegre e Salvador.⁷⁶ O fenômeno da ocupação de assembleias legislativas e câmaras dos vereadores foi intensamente pós-televisado, bem como as assembleias populares e as marchas, do Rio Grande do Sul ao Amapá, passando por cidades de médio e pequeno porte onde o FdE se faz presente.

75 O Ficaralho, por Bruno Torturra. Disponível em: <<http://cascadebesouro.com/2013/06/05/o-ficaralho>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

76 “Sob Holofotes, Mídia Ninja quer ampliar alcance”. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2013/08/130805_midia_ninja_cc.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2013.

5.2.3 Deus e o Diabo na era da cultura digital

No dia 05 de agosto de 2013, o sucesso da mídia NINJA levou Torturra e Capilé a serem entrevistados pelo tradicional programa de debates Roda Viva, da TV Cultura de São Paulo. No centro da roda, os dois expuseram suas visões sobre a crise dos tradicionais meios de comunicação e a emergência de novas formas de narrar. Outro foco de questionamentos que ganhou força na ocasião foi o modelo de financiamento e vida do Fora do Eixo, que, como vimos, é a instituição mantenedora e criadora da Mídia NINJA. Capilé foi indagado sobre a relação com governos, partidos, editais públicos e sobre o caixa coletivo que regula os ganhos dos integrantes do FdE.

À entrevista no Roda Viva, seguiu-se, nas redes sociais, em especial no Facebook, uma onda de elogios à atuação dos criadores da Mídia NINJA. Em parte, pelo entusiasmo com a experiência. Em parte pela postura considerada anacrônica da bancada de entrevistadores, formada por jornalistas que tiveram suas trajetórias associadas aos grandes meios de comunicação. A partir daí, no entanto, o vento virou, e uma avalanche de textos críticos ao Fora do Eixo passou a ser veiculado nas redes sociais, em especial, no Facebook. Foi o início de um processo de escrutínio do Fora do Eixo por parte de seus opositores, alguns deles ex-integrantes da organização, e de meios de comunicação.

Não haveria como fazer aqui um levantamento integral de tudo o que foi escrito contra e a favor do Fora do Eixo. Isso porque, enquanto esta dissertação é produzida, o debate segue seu curso. Para efeito de análise, tomarei como referência os depoimentos da cineasta Beatriz Seigner, o primeiro a ter ampla repercussão; o depoimento da ex-integrante do Fora do Eixo, a jornalista Laís Bellini; o depoimento do ex-integrante do Fora do Eixo, o produtor cultural Atílio Alencar; e as respostas produzidas oficialmente pela rede ao jornalista André Forastieri, que constituem na mais ampla defesa veiculada até agora sobre as críticas. No decorrer da sistematização, farei referência a outros artigos e depoimentos, de forma a complementar a análise.

O depoimento de Beatriz Seigner, intitulado Fora do Fora do Eixo foi publicado no dia 7 de agosto, às 21h39.⁷⁷ Vinte dias depois, chegou a obter 5.521 compartilhamentos, 4670 cliques no botão “curtir” e mais de 800 comentários. Números expressivos, em se tratando de

⁷⁷ Depoimento de Beatriz Seigner. Disponível em: <<https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

alcance nas redes sociais. O de Laís Bellini⁷⁸ foi publicado no dia seguinte, 8 de agosto e teve, nesse mesmo período, 1727 compartilhamentos, 2.145 “curtir” e 314 comentários. A repercussão do texto de Atílio Alencar, postado no dia 9 de agosto, foi bem menor, com 184 compartilhamentos, 361 “curtir” e poucos comentários. A resposta do Fora do Eixo ao jornalista André Forastieri, enviada dia 16 de agosto, não foi publicada no Facebook. Não há, portanto, comparativo possível sobre o alcance.

Para efeito de síntese, há na seqüência uma tentativa de classificar as críticas. Também há um esforço de expor a contra-argumentação por parte do Fora do Eixo, no sentido de buscar algum equilíbrio analítico. Em alguns casos, com base no trabalho de observação desenvolvido para esta pesquisa, também será necessário expor o ponto-de-vista específico do pesquisador. Importante destacar que todo esse embate esteve carregado de forte emotividade, ao envolver, em parte, pessoas com vínculos interrompidos com o FdE. Isso não diminui a seriedade das questões abordadas, mas amplifica a necessidade de se estabelecer uma leitura rigorosa e desapassionada das afirmações de parte a parte – tanto quanto isso for possível e viável.

(A) A parte pelo todo: o foco em Pablo Capilé

Em grande parte das críticas que circularam pelas redes sociais, Capilé é descrito como uma liderança centralizadora e responsável por decidir exclusivamente os caminhos da rede. Sua capacidade de articulação, retórica convincente, aliada a uma sobre-exposição de sua ação política – registrada por ele mesmo em seu perfil no Facebook por meio de fotos e textos – engendra a conclusão de que Capilé é o Fora do Eixo. Sendo assim, a organização passou a ser lida e avaliada, em muitos casos, exclusivamente por meio da atuação de sua principal liderança.

Seigner relata: “quando vi a reverência com que todos o escutam, o obedecem, não o contradizem ou criticam, percebi que ele é o líder daqueles jovens”; Bellini descreve: “mas no dia, eu me senti muito importante, e meus próximos ficaram intrigados do porque ‘o grande Pablo Capilé’ queria falar comigo”; Alencar analisa: “que uma liderança como Pablo Capilé (porque sim, Pablo é uma liderança e das mais instigantes) seja constantemente intimado a renunciar à tentação do poder cristalizado em nome de estar junto”.

78 Depoimento de Laís Bellini. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Nesses três textos selecionados para uma análise mais pormenorizada, verificamos essa centralidade dada à figura de Capilé. Essas menções ao produtor cultural costumam ser hiperbólicas. Na mesma medida em que há os que reconhecem a amplitude de sua força e capacidade de articulação, outros buscam desconstruir sua figura. Isso não é um dado recente.

Em artigo publicado em 2008,⁷⁹ o jornalista Enock Cavalcanti descreve uma reunião do Fórum Permanente de Cultura de Cuiabá, com o então prefeito Wilson Santos. Enock destaca que o sucesso do Espaço Cubo, e das iniciativas de produção cultural com participação de Capilé, resultara em uma reação virulenta por parte de seus opositores, integrantes da classe cultural da capital mato-grossense. “Se o prefeito tivesse permitido, teriam esquetejado Pablo Capilé ali mesmo e pintado, com seu sangue e suas tripas, nas paredes do comitê do PSDB, um painel grotesco, uma Guernica pornográfica”. (CAVALCANTI, 2008, online).

As críticas a partir da participação de Capilé no Roda Viva ganharam os veículos tradicionais, em especial a revista Veja. O colunista Reinaldo Azevedo⁸⁰ passou a se dedicar a repercutir depoimentos e avaliações sobre o produtor cultural, tratando-o por “chefão” da organização. Segundo o jornalista, Capilé seria uma “mistura de Woodstock com Kim Jong-un”, o ditador da Coreia do Norte que assumiu o poder em 2011. Piadas com a mancha de nascença do produtor cultural e sua deformação labial também passaram a motivar postagem nas redes sociais.⁸¹

O crescimento desse tipo de crítica levaria outras publicações, independentes, a buscar um contraponto ao que se identificou como “criminalização” da ação do Fora do Eixo e de Capilé. A revista Select, na abertura de uma entrevista exclusiva com o produtor cultural, abordaria que parte dessas críticas adviriam de racismo velado, devido a Capilé ser “um não-bonitinho, não-branco, outsider do who is who no eixo Rio-São Paulo”.⁸²

Na entrevista a Forastieri, Capilé responde ao argumento de que ele seria uma liderança exclusiva dizendo que poucos movimentos têm “tantas lideranças espalhadas por tantos estados como o Fora do Eixo”.

79 “Pablo Capilé: o inimigo público número 1”. Disponível em:

<<http://paginadoenock.com.br/pablo-capile-o-inimigo-publico-numero-1>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

80 Uma compilação dos textos de Reinaldo Azevedo sobre Capilé e o Fora do Eixo se encontra neste link: <<http://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/tag/pablo-capile/>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

81 Ganhou notoriedade nesse período o site de humor Fora do Beijo, que produz relatos bem-humorados sobre o cotidiano da organização. Disponível em: <<http://foradobeico.tumblr.com>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

82 “Fala, Pablo Capilé”. Disponível em:

<http://www.select.art.br/article/reportagens_e_artigos/fala-pablo-capile?page=1>. Acesso em: 27 ago. 2013.

As lideranças da rede resultam, como em qualquer outra, da dedicação ao coletivo e seus participantes; e obtêm sua legitimidade e reconhecimento internos de acordo com ela. A influência dos integrantes faz parte de uma complexa arquitetura, com diversas camadas temáticas e geográficas. (CAPILÉ, 2013, online).

Em menor medida, esse tipo de abordagem da parte pelo todo, também se amplia não só à atuação de Capilé, mas daqueles que com ele estabelecem uma relação mais próxima, como Lenissa Lenza, Felipe Altenfelder, Carol Tokuyo e Mariele Ramires, que são os gestores dos principais simulacros do FdE. Eles formam o que os críticos afirmam ser a cúpula da entidade, que governa as relações e os fluxos internos, e são alvo prioritário das críticas – únicos a terem nome mencionado.

(B) Desprezo pelo artista e pela arte?

Outro foco da crítica de Seigner ao Fora do Eixo reside na relação que a rede estabelece com o artista e com a arte. No caso, ela parte de sua experiência específica, a circulação por meio de cineclubes e salas de exibição alternativas de *Bollywood Dream – O Sonho Bollywoodiano*, um filme de sua autoria. Essa circulação ocorreu em parceria com a rede Fora do Eixo, com a qual tomou contato durante o festival de cinema de Gramado de 2011. Segundo ela, o projeto era fascinante e seu objetivo ao dele participar era “democratizar o acesso aos bens culturais no país”. Três situações, no entanto, despertaram seu assombro: (1) o pedido de colocação da marca do Fora do Eixo no filme, sem contrapartida em moeda corrente; (2) o recebimento por parte do Fora do Eixo de um recurso que seria de seu direito de uma exibição no SESC no interior de São Paulo; (3) um encontro com Capilé em um jantar no Rio de Janeiro, na casa da gerente de cultura da Fundação Vale, onde ele teria demonstrado seu desprezo pelos artistas, ao se referir a eles como “dutos”.

E o meu choque ao discutir com o Pablo Capilé foi ver que ele não tem paixão alguma pela produção cultural ou artística, que ele diz que ver filmes é “perda de tempo”, que livros, mesmo os clássicos, (que continuam sendo lidos e necessários há séculos), são “tecnologias ultrapassadas”, e que ele simplesmente não cultiva nada daquilo que ele quer representar. Nem ele nem os outros moradores das casas Fora do Eixo (SEIGNER, 2013, online).⁸³

83 Depoimento de Beatriz Seigner. Disponível em: <<https://www.facebook.com/beatriz.seigner/posts/10151800189163254>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

A esse terceiro ponto, Seigner somar-se-ia a crítica à prática de pagamentos diferenciados dos artistas com os quais o FdE se relaciona. Segundo ela, um artista, como Criolo, pode receber R\$ 20 mil em uma atividade ligada à rede, enquanto os que se apresentam nas festas que ocorrem aos domingos, na Casa Fora do Eixo São Paulo, recebem cerca de R\$ 250.

Por meio de entrevista e de documentos publicados em seu portal de transparência,⁸⁴ o Fora do Eixo divulgou respostas às acusações feitas pela cineasta. Sobre a colocação da logomarca do FdE no filme de Seigner, a própria artista relata que cobrou R\$ 50 mil e o acordo não foi feito. Ainda assim, o Fora do Eixo informou que entre fevereiro e abril de 2012, o filme Bollywood Dream- Sonhos Bollywoodianos foi exibido em 40 cidades, atingindo um público de 1463 pessoas, produzindo em trabalho dos coletivos envolvidos FdE\$ 109.970,50. Em relação ao cachê do SESC, o FdE demonstra que somados eles constituem R\$ 1191,00 e foram pagos diretamente à cineasta, que teria demorado nove meses para emitir sua nota (o relatório apresenta cópia das notas).

Sobre o papel do artista, o Fora do Eixo informa que o debate foi apresentado de “forma completamente distorcida”. A organização alega que Capilé jamais chamou artistas de dutos, e sim se referiu – como outros interlocutores poderiam atestar – ao sistema de circulação e distribuição cultural do país.

A realidade que persiste ainda é da grande dificuldade de artistas e atores culturais de localidades fora do eixo como Rio Branco, Cuiabá, Macapá, Santa Maria, entre outros, saírem de suas cidades e circularem pelo país. Hoje o Estado não consegue dar conta dessa demanda e os dutos são os sistemas de circulação e distribuição criados como alternativas independentes para circulação cultural (FORA DO EIXO, 2013, online).

No contexto desse embate, o professor de produção cultural e produtor independente de cinema Rafael Andreazza publicou uma postagem que busca avaliar os termos do acordo entre Seigner e o Fora do Eixo, da perspectiva da conformação do mercado de distribuição audiovisual no Brasil. De acordo com o seu levantamento, baseado em dados da Ancine, o filme de Seigner estreou em 19 salas comerciais do país, um feito para uma produção independente, ainda mais não realizada com dinheiro público. Teve público comercial de

84 Para uma apreciação detalhada produzida pelo Fora do Eixo em relação à circulação do filme Bollywood Dream – Sonhos Bollywoodianos, de Beatriz Seigner: <https://docs.google.com/document/d/1WyHnAt791A4qE_m_dwU6IWZZ7qzo-8YUMKkfUo8arjk/edit>. Acesso em: 27 ago. 2013.

6.105 pessoas, com renda bruta de R\$ 60.561,00. Com base em sua experiência de produtor, Andreazza calcula que o valor bruto a que a cineasta teve acesso foi de R\$ 16.957,08.

Considerando que se havia contrato de reembolso à distribuidora com gastos de publicidade, pode-se supor que a produtora do filme, assim como a maioria dos produtores de cinema no Brasil, receberam nada, muito pouco ou até ficaram devendo (ANDREAZZA, 2013, online).⁸⁵

Seigner reconhece em seu relato que o acordo com o Fora do Eixo era não-comercial. O sentido da ação seria baseado na troca. Ela, como cineasta, levaria seu filme a um público que jamais teria acesso a ele. O Fora do Eixo, como organização, cumpriria seu objetivo de mobilizar um circuito alternativo “contra-hegemônico” de cultura. Andreazza destaca esse como um aspecto central para a compreensão do embate que se formou entre a cineasta e a rede de coletivos.

O resultado é uma confusão sistemática das próprias intenções de Beatriz: ora o intagível, simbólico, ora o tangível, econômico. E nenhuma menção ao imenso trabalho realizado pelos integrantes do grupo de fazer o seu filme chegar gratuitamente aos mais diversos públicos, em todo Brasil. (ANDREAZZA, 2013, online)

Outro aspecto de seu depoimento que é rebatido pelo Fora do Eixo diz respeito ao não acesso à moeda social a que teria direito. Segundo dados do próprio FdE, foram investidos no projeto de circulação do filme de Seigner mais de 100 mil Fora do Eixo Cards. A questão, aqui, fundamental, é que esses recursos não existiriam não fosse esse mecanismo alternativo criado pelo FdE. Seigner não teria acesso a uma produtora que poderia lhe oferecer um serviço nesses moldes, o que é parte da precariedade do mercado de distribuição audiovisual no país.

Uma matéria publicada no The New York Times, em maio de 2012, informa que o filme de Seigner jamais chegou ao mercado indiano. No entanto, o jornal norte-americano enfatiza as novas formas de distribuição digital e destaca a circulação de *Bollywood Dream – Sonhos Bollywoodianos* pela rede do Fora do Eixo. Para essa matéria, a cineasta diz ter sido o filme distribuído em 68 cidades – em seu depoimento ela dizia não ter informações precisas sobre isso. O texto é finalizado com uma declaração do co-produtor indiano do segundo filme

85 “Beatriz Seigner x Fora do Eixo”. Disponível em: <<http://www.ecult.com.br/noticias/beatriz-seigner-x-fora-do-eixo-por-rafael-andreazza>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

de Seigner, que ressalta a novidade da iniciativa brasileira dizendo ser ela um modelo para os artistas independentes indianos.⁸⁶

Em seu depoimento, Seigner estende suas críticas ao que ela considera uma falta de apreço pela fruição de bens culturais e artísticos.

Para a minha surpresa, me deparei com algo ainda mais assustador: as pessoas que moram e trabalham nas casas do Fora do Eixo simplesmente não têm tempo para desfrutar os filmes, peças de teatro, dança, livros, shows, pois estão 24 horas por dia, 7 dias por semana, trabalhando na campanha de marketing das ações do FdE no facebook, twitter e demais redes sociais (SEIGNER, 2013, online).

Bellini, em seu desabafo, também registra essa falta de espaço para atividades de fruição. “Ninguém na casa lê livro algum, porque não dá tempo, isso não existe. E, ainda mais com o discurso do Capilé de que ler é perda de tempo”, afirma.

Alencar, que viveu na casa Fora do Eixo de Porto Alegre, enxerga o processo de outra forma. Ainda que diga não concordar com uma ideia “etapista”, de “primeiro fazer e depois aproveitar”, ele diz entender a provocação contida na frase “ler é perda de tempo”.

Fiquei surpreso, mas entendi a opção como um gesto radical que descarta a leitura recreativa em nome do domínio das ferramentas conceituais de luta. Além disso, com os jovens do FdE provavelmente ocorra o que ocorre com uma geração inteira: sua forma de assimilar é outra, a simultaneidade se apresenta como o modo óbvio de lidar com os diversos campos de conhecimento, os suportes passivos (como livros e discos) estão desgastados perto do grau intenso de interação virtual, e sua atenção é difusa demais para ser suportada em uma página de cada vez, como exige a leitura tradicional (ALENCAR, 2013, online).

As mudanças no hábito de consumo cultural não são exclusividade dos integrantes do Fora do Eixo. Vários autores têm registrado a emergência de um modelo de experiência cultural que não distingue o fruir do produzir. Baixar músicas e filmes e assisti-los em seus computadores, ler em telas fragmentos de textos que são disponibilizados na rede, jogar jogos eletrônicos são formas de acesso à cultura dos jovens. Além disso, é comum, por exemplo, que os domingos sejam dedicados, em muitos coletivos, à diversão, com a promoção dos Domingos na Casa, com shows, exibição de filmes e mostras artísticas. Nesses momentos, os

86 “For India and Brazil, a Rare Tie-up in Cinema”. Disponível em: <<http://india.blogs.nytimes.com/2012/05/21/for-india-and-brazil-a-rare-tie-up-in-cinema>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

moradores são produtores e consumidores de conteúdo cultural.

Há outro fato a ser novamente mencionado: existem diferenças internas no Fora do Eixo. Descrever uma única casa como modelo para os demais coletivos é sempre um risco. A experiência na casa Fora do Eixo BH, onde há uma edícula no quintal dos fundos destinada às atividades recreativas, difere da Casa Fora do Eixo de São Carlos,⁸⁷ onde há um espaço para ensaio, utilizado pelas bandas locais, ou uma horta comunitária. Para ficarmos em apenas um exemplo, na casa de Sanca, há filmes e discos de vinil em uma sala de audição destinada a usufruto dos moradores, dos viventes e das bandas residentes.

(C) Servidão voluntária, escravidão ou trabalho livre?

Os depoimentos de Seigner e Bellini também destacam a carga excessiva de trabalho a que seriam submetidos os integrantes do Fora do Eixo. Chegam a afirmar que os seus ex-colegas de coletivo cultural seriam “escravos contemporâneos”.

O relato de Seigner aponta que as “pessoas vivem e trabalham coletivamente no mesmo espaço” e por isso são refêns de “um frenesi coletivo por produtividade, aliado ao fato de todos ali não terem horário de trabalho definido e acreditarem no mantra ‘trabalho é vida’”.

Já o relato de Bellini, destaca que os integrantes sofreriam assédio moral de seus pares pelo excesso de pressão a que são submetidos no cotidiano.

A gente trabalhava das 8h, 9h da manhã até às 03h, 04h... e olha que eu não reclamo de muito trabalho quando acredito na causa... mas o problema que eu vejo é que ali parecia uma nóia coletiva de um querer demonstrar mais trabalho que o outro para o seu gestor. Sim, porque ali dentro haviam gestores. A galera nova que chegava tinha seu gestor, dependendo em que área ia trabalhar (BELLINI, 2013, online).⁸⁸

Alencar olha para a experiência de outro ângulo. Para ele, se trata de um exercício de autonomia, onde se alternam “convicções e dúvidas, oscilações, companheirismo, divergências”. A possibilidade de sair sempre teria estado presente para qualquer integrante: “Sobre quase tudo, se conversava abertamente, numa tentativa de desmistificar tabus e crises pessoais. Se isso é escravidão, não saberia como definir qualquer outro ambiente de trabalho

87 Para uma apreciação da casa de São Carlos, ver matéria produzida pela rede Globo:

<<http://globo.com/eptv-sp/jornal-da-eptv-1a-edicao-sao-carlosararaquara/v/moradores-de-casa-do-circuit-o-fora-do-eixo-em-sao-carlos-compartilham-ate-roupas/2180290>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

88 Depoimento de Lais Bellini. Disponível em: <<https://www.facebook.com/lcbellini/posts/702021409824865>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

ou estudo” (ALENCAR, 2013, online).

Para ele, a experiência de estabelecer regras de convívio, com algum rigor, faz parte da experiência coletiva. O produtor cultural diz, a partir de sua própria experiência, não ter testemunhado que “a carga de trabalho das mulheres no FdE as coibisse do convívio social, ou que as relegasse a postos subterrâneos”.

Na entrevista a Forastieri, o Fora do Eixo defende enxergar o “trabalho como um meio de libertação humana” e busca superar “a dimensão alienante e assalariada das relações de trabalho capitalistas”. Nesse sentido, não só a rede não praticaria nada parecido com a acusação de trabalho escravo, como estaria pautada em outra ética e outro modo de fazer.

Driade Aguiar, integrante do Fora do Eixo desde Cuiabá, moradora da Casa das Redes, depois de ter vivido na casa de São Paulo, reagiu ao relato de Seigner, com o sugestivo título “Eu sou uma das escravas do Fora do Eixo”.⁸⁹ Em sua defesa, Aguiar afirma que nasceu na periferia da capital mato-grossense e que se dedica por opção e consciência à construção do Fora do Eixo. Também relata que conviveu por cerca de um ano com Seigner, tendo trabalhado diretamente na parceria para a difusão do filme da cineasta no circuito de cineclubes. Outra vez, este depoimento recoloca a questão de relações não-comerciais analisadas da perspectiva da troca mercantil.

Já li muitas vezes o seu texto Beatriz. Umás quinze, vinte vezes. E sempre paro no ponto onde você nos chama de escravos pós-modernos. Se alguém escravizou alguém nessa história foi você. Eu investi minha força de trabalho, trabalhei pra você sem cobrar nada pensando que éramos parceiras, que estava construindo algo pro cinema e pros cineclubes brasileiros (AGUIAR, 2013, online).

As múltiplas possibilidades de interpretação de um mesmo fenômeno se reapresentam neste ponto do embate. Podemos estar tanto diante de um grupo que promove práticas de exploração de mão-de-obra quanto de um núcleo promotor de outras relações possíveis de produção, para além do modelo alienante de trabalho assalariado, a depender da ótica do analista.

(D) A questão feminista e a questão do feminino?

89 “Eu sou uma das escravas do Fora do Eixo”, depoimento de Driade Alencar. Disponível em: <<http://mariafro.com/2013/08/13/driade-aguiar-para-beatriz-seigner-que-tal-debater-comigo-que-sou- apenas-um-a-escrava-pos-moderna>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

Essa mesma dúvida ressurgiu quando analisamos as críticas feitas às relações de gênero e ao sexismo no interior do Fora do Eixo. Como as críticas pontuadas por Seigner e Bellini em seus depoimentos foram reafirmadas em manifesto assinado por 16 ex-membros do Fora do Eixo, divulgado no dia 27 de agosto, dia de abertura do Encontro da Marcha Mundial de Mulheres em São Paulo, tomaremos essa nova argumentação como objeto de análise.

O texto é intitulado “Fora do Eixo e uma reflexão das mulheres contra o patriarcalismo” e é subscrito por homens e mulheres que viveram em casas coletivas em Anápolis, Belo Horizonte, Fortaleza, São Paulo e São Carlos. O pressuposto do manifesto é fazer uma “crítica radical a reprodução patriarcal” dentro do FdE.

De acordo com a argumentação apresentada, o sexismo na organização em rede estaria presente em uma divisão de trabalho desigual, em que as mulheres assumem tarefas gerenciais e os homens a representação política. Isso engendraria, no convívio interno, a busca por dirimir os conflitos encaminhando as discordâncias sempre às pessoas do mesmo sexo. O manifesto também denuncia o uso da sedução como arma para atrair novos integrantes para a rede, em um mecanismo que denominam de “catar e cooptar”, e chega a dizer que aquele que se dispõe a manter relações com “mulher feia” possui maior reputação entre seus pares. Mais adiante, o texto enfoca as relações amorosas que se estabeleceriam dentro do Fora do Eixo, dizendo que casais não são bem aceitos porque atrapalhariam a vida coletiva e que agentes “cooptados” devem ser “administrados” por seus parceiros “cooptadores”. Por fim, os signatários reafirma a questão do “assédio moral”, que seria exercido pelos gestores do FdE para manter os integrantes da rede sob seu controle.

Em seu depoimento, Alencar se pergunta “Há casos de machismo no Fora do Eixo?” Ele mesmo responde, no correr da argumentação. “Eu não diria que há casos, porque isso levaria a supor que existe algum ambiente social imune a essa tradição, onde já tivéssemos superado os séculos de patriarcado em nome de uma igualdade de condições, em que o machismo fosse tão somente um ‘tropeço’” (ALENCAR, 2013, online).

Desde 2009, o Fora do Eixo mantém uma articulação de mulheres em sua estrutura chamada de Femininas. Em 2011, no último Congresso da entidade, diante das críticas de ser uma organização sobremaneira machista, abriram o encontro com uma mesa formada apenas por mulheres. Também enumeram que um único caso de violência⁹⁰ verificado em um coletivo da entidade foi debatido publicamente e resultou na expulsão do agressor e no

90 O caso de violência ocorreu contra Kamili Picoli, que denunciou o episódio em um depoimento pela internet. Disponível em: <<http://machistasnaopassarao.blogspot.com.br>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

descredenciamento do coletivo Castelo Fora do Eixo, de Sorocaba.

Em uma resposta interna produzida diante do manifesto contra o patriarcalismo produzido pelos ex-integrantes, o grupo de mulheres do FdE nega que se submetam ou promovam “qualquer tipo de manipulação ou assédio sexual a qualquer pessoa”. Também afirmam que o Fora do Eixo não possui posições “institucionais” que regulem os relacionamentos internos.

Não há no Fora do Eixo qualquer tipo de restrição ou controle às diversas formas de relações, independente de gêneros, que as pessoas estabelecem dentro ou fora da rede. Amor livre, monogâmico, entre gays, héteros e bissexuais, ou seja, entre qualquer identidade de gênero, são múltiplas visões sobre o tema dentro dos coletivos (MULHERES DO FDE, 2013, online).⁹¹

Em seu site oficial, o Fora do Eixo divulgou o texto: “Podemos criar filhos melhores para o mundo”,⁹² que trata da tentativa de construção de relações de afeto e convívio entre seus integrantes, o que denotaria o não impedimento de relacionamentos amorosos dentro da rede. Assinado por Isis Maria, moradora da Casa das Redes em Brasília, companheira de Marco Ninni e mãe de Benjamin (10 meses), o artigo narra a construção de uma frente interna para discutir a criação dos filhos dos integrantes da rede, intitulada Gurizada. Recentemente, promoveram a primeira imersão das crianças, na Casa Pomar, em Nova Friburgo, que deve se tornar o ponto de articulação desse projeto dentro da rede do FdE.

(E) Outras críticas surgidas na avalanche digital

Os relatos de Seigner e Bellini despertaram um conjunto de críticas direcionadas à ação cultural ou política do Fora do Eixo. Não caberia a este trabalho pormenorizar todas as avaliações produzidas, mas se faz necessário sistematizar parte do debate político que a visibilidade da Mídia NINJA e do FdE produziu. No que se refere ao aspecto cultural, o principal senão dedicado à organização gira em torno do pagamento – ou não – de cachê aos músicos e artistas que circulam nos festivais por eles promovidos. Essa discussão marca a atuação dos coletivos ligados ao Fora do Eixo desde o início de suas atividades e já está

91 Manifesto das Mulheres do Fora do Eixo. Disponível em:

https://docs.google.com/document/d/1aphWQ0tO9uhyepOWyugmG_6So8eTLEHW1H3aIZabkBQ/edit.

Acesso em 27 ago. 2013.

92 “Podemos criar filhos melhores para o mundo”, de Isis Maria. Disponível em: <http://foradoeixo.org.br/2013/08/04/vamos-criar-filhos-melhores-para-o-mundo-provisorio>. Acesso em: 27 ago. 2013.

contemplada no capítulo sobre o Circuito. Da mesma forma, a cobrança por transparência nos projetos que envolvem recursos públicos. Esse tema também já foi devidamente abordado em capítulo anterior, não sendo necessário repeti-lo.

Já em relação ao debate político, parte do que emergiu nas redes sociais após a entrevista para o Roda Viva é uma retomada do conflito sobre esquerda e direita na rede, conforme ocorrera no contexto das Marchas da Liberdade – e que está relatado em seção dedicada exclusivamente a esse fim. Ainda assim, há novas dimensões a serem exploradas, principalmente porque a superexposição forçou o posicionamento de diferentes grupos em relação à atuação do Fora do Eixo, tornando o cenário ainda mais complexo. Partidos, movimentos sociais, coletivos, grupos de mídia, organizações da sociedade civil, de esquerda e direita, se pronunciaram numa profusão de acusações e defesas que o colunista de *O Globo*, Francisco Bosco, qualificou como o “veredito mais rápido de que já tive notícia na era das redes sociais”.⁹³

As principais lideranças partidárias foram convocadas pela imprensa a se pronunciar sobre as críticas ao Fora do Eixo. Em entrevista a Folha,⁹⁴ Marina Silva declarou que não tinha conhecimento do teor dos questionamentos, mas que defendia a investigação rigorosa daquilo que, eventualmente, fosse ilegal. Uma declaração feita pelo presidente⁹⁵ do Partido dos Trabalhadores (PT), Rui Falcão, ao Roda Viva, chamando Capilé de “companheiro” e nominando o FdE, fez com que a rede fosse combatida na internet como um braço petista. O PSDB apresentou requerimento⁹⁶ aos ministérios da Fazenda, Cultura e Minas e Energia pedindo informações sobre repasses de recurso à rede e à Mídia NINJA. A superexposição levou o Senador Randolfe Rodrigues (PSol-AP) a fazer um pronunciamento⁹⁷ no plenário do Senado em defesa do Fora do Eixo.

Em entrevista ao jornal Gazeta de Alagoas, Altenfelder, fala sobre a relação da

93 Acusados e Acusadores, por Francisco Bosco. Disponível em:

<<http://oglobo.globo.com/cultura/acusados-acusadores-9509047>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

94 Entrevista de Marina Silva à Folha de S.Paulo, onde ela é questionada sobre o Fora do Eixo e a Mídia NINJA. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2013/08/1328170-marina-critica-manifestacoes-violentas-e-destruicao-debens.shtml>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

95 Trecho do programa Roda Viva em que o presidente do PT, Rui Falcão, cita Pablo Capilé e o Fora do Eixo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=7wZqi2RcmSE>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

96 “PSDB quer informações sobre verba federal repassada ao Fora do Eixo”. Disponível em:

<<http://g1.globo.com/politica/noticia/2013/08/psdb-quer-informacoes-sobre-verba-federal-repassada-ao-fora-do-eixo.html>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

97 Pronunciamento de Ranfolfe Rodrigues (PSol-AP) sobre o Fora do Eixo. Disponível em:

<<http://www.senado.gov.br/noticias/TV/default.asp?>

IND_ACESSO=S&cod_midia=275107&cod_video=273106>. Acesso em: 28 ago. 2013.

organização com diferentes partidos e do fato de não temer a proximidade com o Estado.

O Fora do Eixo não tem medo do Estado. Eu acho que o Estado é uma rede a serviço do comum. Então é um direito nosso se relacionar com o Estado, mas a gente entende que essa interação se dá num nível das políticas públicas, ela não se dá num nível de debater projetos específicos do Fora do Eixo. E é isso que inclusive nos dá autonomia para negociar com políticos de diferentes partidos (ALTENFELDER, 2013, online).⁹⁸

O mesmo conflito de versões ocorreu entre os movimentos sociais. O movimento Mães de Maio, que articula a luta contra a repressão policial e pela vida nas periferias paulistanas, produziu uma breve nota em seu perfil no Facebook onde estabelecia sua clara diferenciação em relação aos métodos e proposições do Fora do Eixo. Isso sem deixar de criticar a tentativa de criminalização midiática da rede com a qual não possui afinidade. O jornal Passa Palavra, em nova série de longos artigos, retomou sua leitura sobre a captura capitalista que o Fora do Eixo representa, funcionando como uma empresa travestida de movimento social.

Com a primeira parte deste artigo chamamos a atenção para o que escrevemos há dois anos, quando insistimos no caráter empresarial do Fora do Eixo, perante muitos leitores céticos ou mesmo indignados conosco. Hoje esse caráter empresarial está latente aos olhos de todos e só não o vê quem precisa não o ver (PASSA PALAVRA, 2013, online).⁹⁹

Essa visão, que já fora também assimilada por parte do coletivo da Universidade Nômade, conforme registrado no segundo capítulo deste trabalho, impulsionou críticas do que poderíamos qualificar como “esquerda libertária”. A rede Tranzmidias, liderada por Pedro Rocha, e o Coletivo Tanq_ROSA_Choq, liderado por Paulinho In Fluxus (Paulo Fávero), que participaram das articulações do #ExisteAmoremSP, se posicionaram contra o que afirmam ser uma tentativa de hegemonização do movimento por parte do Fora do Eixo, cuja lógica centralizadora diferiria dos valores de horizontalidade e liberdade apregoados por seus coletivos. Rocha produziu o manifesto “Em defesa da Ruidocracia”, onde propõe teses para a ação das redes a partir da experiência de desconstrução “ao vivo” vivenciada pelo FdE.

Mais do que uma polêmica ou Um ataque o caso FdE demonstra o próprio

98 “O Fora do Eixo não tem medo do Estado”, avisa integrante. Disponível em:

<<http://gazetaweb.globo.com/gazetadealagoas/noticia.php?c=229000>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

99 Passa Palavra: “Acabou a Magia: uma intervenção sobre o Fora do Eixo e a Mídia NINJA”. Disponível em:

<<http://passapalavra.info/2013/08/82548>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

desfacelar do poder. Desconstrução ao vivo. Depois de junho, julho agosto mortífero, não resta poder hegemônico na borda. Come Roda, come líder, come partido, come a fome de outra linguagem para a política! Não há captura que não se arrebeste! (ROCHA, 2013, online).¹⁰⁰

De outra parte, a União da Juventude Socialista¹⁰¹ e o Movimento Nacional de Direitos Humanos¹⁰² soltaram notas criticando a tentativa de criminalização do Fora do Eixo e da Mídia NINJA, e se colocando como parceiros da organização. Já os movimentos de comunicação e de midialivrismo, em sua grande maioria, se posicionaram em defesa do Fora do Eixo. Os blogueiros Nassif,¹⁰³ Maria Fro, Renato Rovai,¹⁰⁴ Barão de Itararé,¹⁰⁵ Pedro Alexandre Sanches – sem desmerecer parte das críticas – buscaram evidenciar os excessos das acusações. *Veja!* e *Carta Capital*, revistas semanais de linhas editoriais antagônicas, produziram matérias criminalizando o convívio interno do FdE a partir dos depoimentos de seus ex-integrantes.

Na entrevista a Forastieri, o Fora do Eixo destaca que não busca “consenso” nas “lutas sociais que são realizadas no Brasil e no Mundo” e diz enxergar com naturalidade a diversidade e as “diferentes narrativas” que marcam a mobilização social contemporânea, permitindo assim que se construam consensos e dissensos. Em seu blog, Nassif resumiu como “um feito” o que viveu o Fora do Eixo com a enxurrada de críticas cujo estopim foi o depoimento de Seigner, pois a organização conseguiu ser “alvo simultaneamente do macartismo da direita, do acerto de contas da esquerda e da escandalização da velha mídia”. A profusão de críticas levou a organização a anunciar a realização em 2013 de seu 5º Congresso, em Brasília, para debater seus méritos e problemas.

100 “Em defesa da Ruidocracia”, de Pedro Paulo Rocha. Disponível em:

<http://www.select.art.br/article/da_hora/em-nome-da-ruidocracia>. Acesso em: 28 ago. 2013.

101 Nota da União da Juventude Socialista em defesa do Fora do Eixo. Disponível em: <<http://ujvs.org.br/portal/?p=18441>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

102 Nota do Movimento Nacional dos Direitos Humanos em defesa do Fora do Eixo. Disponível em:

<http://www.mndh.org.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3395>. Acesso em: 28 ago. 2013.

103 “A desconstrução das Casas Fora do Eixo”, por Luis Nassif. Disponível em:

<<http://foradoeixo.org.br/2013/08/23/a-desconstrucao-das-casas-fora-do-eixo-por-luis-nassif>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

104 “Tortura e Beatriz Seigner: textos de uma polêmica em rede sobre o Fora do Eixo”. Disponível em: <<http://revistaforum.com.br/blogdorovai/2013/08/08/tortura-e-beatriz-seigner-textos-de-uma-polemica-em-rede-sobre-o-fora-do-eixo>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

105 “Pela liberdade de expressão, somos todos Ninjas Fora do Eixo!”, por Barão de Itararé. Disponível em:

<<http://baraodeitararej.wordpress.com/2013/08/23/barao-de-itarare-lanca-nota-publica-de-apoio-para-a-midia-ninja-e-o-fora-do-eixo>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

6 CONCLUSÃO: A REDE POLÍTICO-CULTURAL

Ao articular-se cultural e politicamente em rede, o Fora do Eixo se posiciona como expressão do que podemos definir como rede político-cultural. A organização guarda três características que também observamos, ao longo do tempo, em outros processos similares, em desenvolvimento no Brasil e no mundo: (1) atua no campo da produção imaterial, ou simbólica, ou cultural; (2) participa da formulação de uma nova cultura política, baseada na colaboração, no afeto e em dinâmicas em rede (mais ou menos horizontais); e (3) interfere, a partir da comunicação e da cultura, nas dinâmicas de poder tradicionais.

Em um artigo chamado *Sistemas y redes culturales: como y para qué?*, o pesquisador George Yudice fala em “ativismo reticulador”. Ainda que Yudice não desenvolva esse conceito em seu artigo, ele nos serve como complemento àquilo que Castells compreende ser a principal forma de poder na sociedade informacional: o poder de criar redes. Ou seja, as organizações que praticam o “ativismo reticulador” são aquelas que tecem redes, que, como no tecido reticular de nossos cérebros, se desenvolvem estabelecendo conexões entre diferentes elementos.

O ativismo digital reticulador praticado pelo Fora do Eixo tem no ato de organizar redes um fim em si mesmo e um meio para atingir seus objetivos estratégicos. Há várias formas de praticar o “ativismo reticulador”. Uma delas observa-se em levantes como o Occupy WallStreet, em que indivíduos e grupos políticos se articulam em rede para promover uma ampla manifestação contra o capitalismo contemporâneo. Outra, como aponta Yudice em seu artigo, pode ter como foco a vida comunitária em bairros periféricos, como é o caso do Grupo Cultural AfroReggae.

Yudice sistematiza, com base na experiência do AfroReggae, características das redes culturais, que podemos também usar como parte constituinte das redes político-culturais.

- As redes complexas têm a capacidade de obter informações que de outra maneira seria impossível de se obter por meio de instituições oficiais, porque essas redes têm conexões com atores que se esquivam do contato com o estado e que o mercado ignora;
- Mais que gestores profissionais, seus agentes são atores envolvidos na produção, circulação, distribuição e prosumidores de artes e cultura. Têm o mérito de jogar um papel importante na oferta de educação informal, onde a educação cultural não existe ou é insuficiente. Por outro lado, buscam levar suas programações para o espaço formal das escolas;
- As redes culturais podem conectar processos novos com processos

tradicionais. Por exemplo a produção cultural de bairro com a produção das indústrias culturais. [Neste ponto Yudice cita a parceria entre o Afroreggae e o dirigente da indústria da música André Midani];

- As redes são úteis para articular criadores de setores cultos e tradicionais e dos novos meios (do mundo digital e da internet);

- As redes culturais também aportam seu dinamismo para o turismo cultural, pois aproveitam os vínculos com atores múltiplos da sociedade para estabelecer novos tipos de oferta e novos territórios de circulação. [Aqui Yudice cita o Centro Cultural do Afroreggae, que se tornou um lugar para ser visitado no meio da favela, antes do início dos processos de pacificação no Rio de Janeiro];

- Para voltar à analogia com a ecologia e a biodiversidade, as redes servem para manter vivo o bosque primário – permitem que se conectem atores, comunidades e processos que de outra forma se desarticulam. As redes permitem a criação de microssistemas que, por sua vez, se vinculam a sistemas maiores, mas sem perder essa conexão com esse manancial comunal; (YUDICE, 2003, p. 12).

Um pouco mais adiante, Yudice conclui:

Seguindo esta última analogia, poderíamos dizer que as redes são maneiras de alavancar para cima o capital social e cultural. Essas redes criam sistemas de cooperação para atingir objetivos específicos que não definem a totalidade das atividades dos atores em reticulados (YUDICE, 2003, p. 12).

A criação de redes é uma forma de acumular capital humano, “social e cultural”, na análise de Yudice. Ou seja, é o que produz valor no capitalismo contemporâneo. Não à toa, essas formas de se organizar são reconhecidas como as principais práticas das novas gerações e guardam consigo um potencial de profunda transformação, se consideramos como referência o que diz Gorz em *O Imaterial*.

Eu já sugeri, a propósito do artigo de Hervé Sérieyx, que o ‘ator potencial da superação (do capitalismo rumo a uma outra economia) é o ‘capital humano’, ele mesmo, conquanto ele tenda a se emancipar do capital’. Essa tendência se vê abertamente ilustrada na luta que, no centro dos dispositivos de poder do capital, os artesão dos programas de computador e das redes livres levam adiante (GORZ, 2005, p. 42).

Entre as ações de articulação que o Fora do Eixo integra, uma delas é o Cultura de Rede. Esse processo já produziu três encontros, o primeiro deles em Quito, Equador, o segundo em Brasília, Brasil, e o terceiro em Cochabamba, Bolívia.

Entre os objetivos dessa articulação está justamente definir melhor o que seriam essas redes político-culturais. Na Carta de Quito, disponível online, há uma tentativa de definição,

ainda que ampla, de redes político-culturais:

As redes são formas de trabalho que se caracterizam por seu profundo compromisso pela transformação social da realidade, com base no trabalho horizontal, solidário e colaborativo. Dada a flexibilidade de suas formas organizacionais, quando falamos de redes, o fazemos nos referindo tanto a organizações locais que trabalham de maneira coordenada, até formas organizacionais mais complexas e de âmbitos de ação mais amplos. As redes se articulam em torno de objetivos comuns, que entendem a cultura como um direito coletivo adquirido e como resultado de processos históricos, cujo exercício demanda diálogo democrático entre Estado e cidadania. (CARTA DE QUITO, 2011, online).¹⁰⁶

Há outras generalizações possíveis de se fazer, a partir da observação do Fora do Eixo como rede político-cultural:

(1) a rede não surge associada a outras instituições sociais

As redes político-culturais (1) provêm de articulações cuja origem não está nas estruturas partidárias, sindicais ou mesmo nos movimentos sociais surgidos no Brasil nas três décadas finais do século 20 (como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – ou as grandes associações de lutas por direitos humanos e sociais – como Ibase ou Ação Educativa, para ficar em apenas dois exemplos). Constituem em alguns casos uma associação livre de indivíduos ou coletivos, ou como no caso do Fora do Eixo, se organizam a partir da interação entre diferentes agentes organizados com características comuns.

(2) a prática da rede é o programa

As redes também (2) não se prendem a filiações ideológicas rígidas. Sua marca é a ação. “A prática é o programa”, como ensina Gorz (2005, p. 70). São fortes as influências da esquerda libertária no pensamento dos agentes das redes, mas é notável também o movimento de saque dos métodos e símbolos extraídos da cultura corporativa, principalmente da publicidade e do marketing, promovendo uma espécie de disputa no interior das narrativas pós-modernas, o que também é lido como uma captura capitalista.

106 Para uma apreciação mais detalhada das definições do Cultura de Rede, ver a carta na íntegra. Disponível em: <<http://culturadered.com/wp-content/uploads/2012/01/Carta-de-Quito-em-Português.pdf>>. Acesso em: 27 ago. 2013.

(3) a rede produz inovação

O desenvolvimento de tecnologias é uma constante, sejam eles associadas à comunicação ou aos processos sociais. No Fora do Eixo, todo conhecimento circulante é também chamado de tecnologia, ou TECs, na comunicação cotidiana. Ou seja, as redes são produtoras de inovação e dirigem seus esforços para a construção de uma sociedade de código-fonte aberto, uma vez que as trocas simbólicas que operam são todas feitas por meio de licenças flexíveis de propriedade intelectual, como GPL e Creative Commons.

Para Hardt e Negri, a inovação justamente requer “recursos comuns, acesso aberto e livre interação”. Nesse sentido, ao construírem espaços abertos de trocas, essas redes fazem disso uma vantagem comparativa.

(4) a rede se propõe a aprofundar a democracia

A busca pela radicalização política e da democracia, cuja forma representativa se encontra em crise, está no centro de atuação das redes. Um diferencial notável no caso do Fora do Eixo é que não se trata de uma organização que nega a política tradicional, uma vez que se dedica ao diálogo com os poderes constituídos e também da ocupação de espaços de democracia participativa abertos pelo estado. No caso do Fora do Eixo, na atuação junto aos Conselhos municipais, estaduais e federal de Cultura. Essa relação “construtiva”, não o impede de promover discursos veementes sobre a necessidade de outra democracia, direta e baseada nos avanços da cultura digital.

(5) a rede cria novos modelos de trabalho

Há uma aproximação possível entre a forma de trabalhar dos ativistas das redes ao dos desenvolvedores de software livre, que segundo Lazaratto são movidos “por nada além do que o 'desejo de comunicar, de agir conjuntamente, de se socializar e de se diferenciar, não pela troca de serviços, mas por relações simpáticas'” (2005, p. 68). É comum que articuladores de ações no campo das novas tecnologias sejam chamados de empreendedores. No caso dos gestores de pequenas empresas voltadas para obtenção do lucro, o termo se aplica. Não é o

caso, no entanto, dos articuladores de redes cuja ação não se define pela transformação de sua criação em uma empresa capitalista tradicional. Por mais que não sejam elaboradores de códigos de programação, são desenvolvedores de outras relações de produção e formas de viver, baseadas na busca de satisfação pessoal e na relação aberta com o conhecimento.

(6) a rede é veloz e um produto da sociedade informacional

Outro aspecto fundamental a ressaltar sobre as redes político-culturais é que elas são uma dimensão da sociedade informacional e têm na velocidade uma de suas principais características. Ser rápido importa mais que ser exato. A regra é fazer. De preferência antes. Uma ideia, assimilada, compreendida, numa noite, pode gerar um processo de atualização imediato, como ocorre com os softwares conectados à rede mundial de computadores.

Não à toa, o Fora do Eixo desenvolveu em seu léxico específico a expressão F5, que significa “fazer uma atualização”. F5 é o comando que se utiliza em um navegador de internet para recarregar a página. Ainda que seja orientada pela sua carta de princípios e por um regimento que atribui direitos e deveres a seus associados, o FdE carrega consigo características de um organismo informacional, que, nos termos que Castells descreve, constitui uma forma “específica de organização social em que a geração, o processamento e a transmissão da informação tornaram-se as fontes fundamentais de produtividade e poder”.

O advento do informacionalismo ocorre em função do desenvolvimento tecnológico, mas não só. No entender do autor, trata-se de uma nova lógica organizacional, que se observa nas empresas, mas também nos estados e em organizações da sociedade civil.

Minha tese é de que o surgimento da economia informacional caracteriza-se pelo desenvolvimento de uma nova lógica organizacional que está relacionada com o processo atual de transformação tecnológica, mas não depende dele. São a convergência e a interação entre um novo paradigma tecnológico e uma nova lógica organizacional que constituem o fundamento histórico da economia informacional (CASTELLS, 1999, p. 174).

Em sua descrição dos atributos de uma empresa informacional, Castells destaca algo que é útil para a análise do Fora do Eixo. Segundo ele, os componentes tanto são autônomos quanto dependentes em relação à rede. O desempenho será medido por dois atributos fundamentais: conectividade (“a capacidade estrutural de facilitar a comunicação sem ruído entre seus componentes”) e coerência (“medida em que há interesse compartilhado entre os

objetivos da rede e de seus componentes”) (CASTELLS, 1999, p. 191).

Tomando esses dois elementos como referência, para garantir a conectividade de seus nós, os coletivos e casas, a rede do Fora do Eixo estabelece regras de convívio, condutas e o compartilhamento de tecnologias sociais e de comunicação. Para garantir a coerência, utiliza-se de uma carta de princípios que estabelece os objetivos da rede e seus componentes. Além disso, compartilha uma “dimensão cultural própria”, até com a criação de um léxico específico.

(7) a rede é altermoderna e radicante

Bourriaud (2011) defende que estamos vivendo uma altermodernidade, um novo precipitado moderno, marcado por identidades móveis. Vale-se de uma imagem da ecologia, a raiz radicante – que produz seu enraizamento em movimento – para descrever os agentes culturais contemporâneos.

O radicante se desenvolve conforme o solo que o acolhe, acompanha suas circunvoluções, adapta-se à sua superfície e aos seus componentes geológicos: ele se traduz nos termos do espaço em que se move. Por seu significado simultaneamente dinâmico e dialógico, o adjetivo radicante qualifica o sujeito contemporâneo dividido entre a necessidade de um vínculo com o seu ambiente e as forças do desenraizamento, entre a globalização e a singularidade, entre a identidade e o aprendizado do Outro. Ele define o sujeito como um objeto de negociações (BOURRIAUD, 2011, p. 50).

Ou seja, o agente altermoderno se realiza em deslocamento. Não se trata de um ser sem raízes, mas de um ser que se enraíza para logo adiante se desenraizar novamente, ao pôr-se em movimento. Uma dimensão adicional à velocidade. Não estamos a falar de um grupo que provém de um mesmo lugar, seja uma nação, uma cultura específica, ou mesmo uma comunidade de interesses, mas sim de uma marcha formada por aqueles que se dirigem a um determinado lugar, sem saber exatamente qual ele é. Uma espécie de atualização do dístico difundido durante o Fórum Social Mundial, baseado no poema de Antonio Machado, que afirma que o caminho se faz caminhando. Essa condição radicante dos artistas e dos ativistas marca o nosso tempo.

O evento moderno, na sua essência, apresenta-se como a constituição de um

grupo que atravessa, arrancando-os, os pertencimentos e as origens: quaisquer que sejam seu gênero, classe social, cultura, origem geográfica ou histórica e orientação sexual, eles constituem uma tropa definida por sua direção e velocidade, uma tribo nômade desvencilhada de qualquer amarra interna ou identidade fixa (BOURRIAUD, 2011, p. 41).

Ao observarmos o Fora do Eixo, cujos membros são permanentemente deslocados entre os coletivos e casas coletivas, estabelecendo novos e provisórios vínculos, para mais adiante reconstituir-se em uma nova identidade provisória, ou “aculturações temporárias” (BOURRIAUD, 2011, p. 51), podemos dizer que se trata de uma organização de radicantes. Além disso, a marcha político-cultural proposta pelo FdE, sem rumo definido, mas marcada pela certeza de que é portadora de um futuro baseado no coletivismo e na criação de novos modos de viver, é, nos termos propostos por Bourriaud, altermoderna. Daí que vale a recuperação destes conceitos para aprofundar a compreensão do fenômeno estudado neste trabalho.

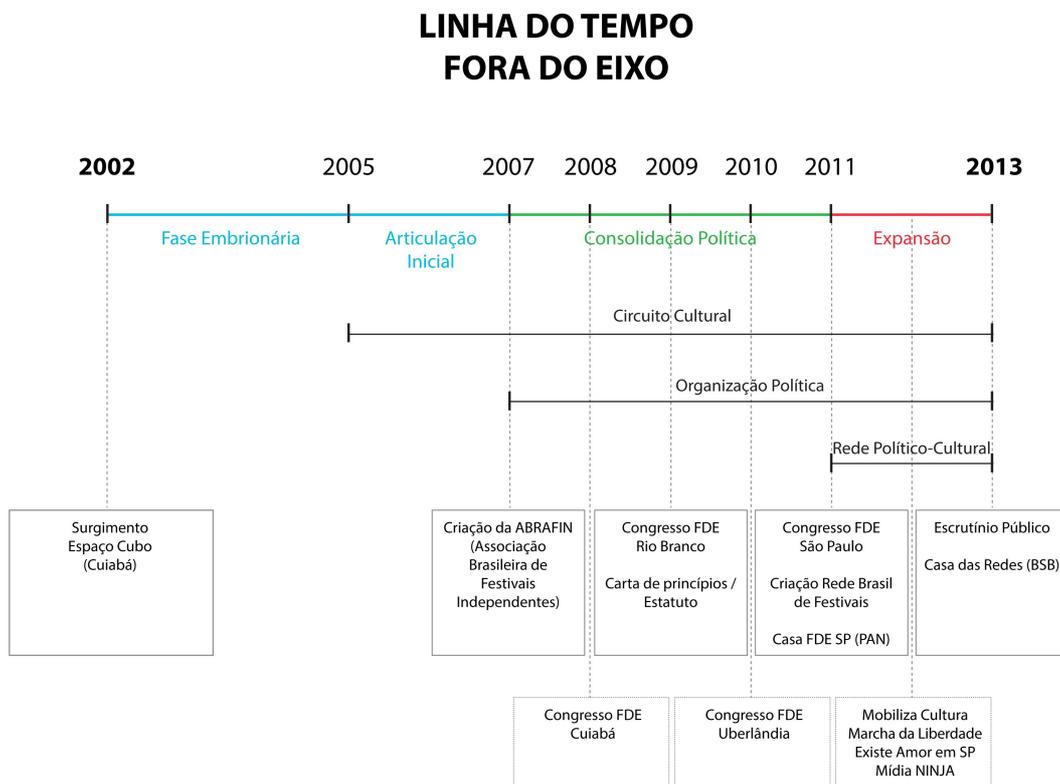
* * *

Concluimos que o Fora do eixo é uma rede política que atua com cultura e comunicação, portanto, uma rede político-cultural. Se estrutura a partir de dois processos internos que se retroalimentam permanentemente: um circuito de distribuição cultural nacional e uma organização política de ativismo reticulador digital. As atividades do circuito viabilizam a ação política, a qual, por sua vez, cria condições para o fortalecimento do campo da cultura em âmbito municipal, estadual e federal.

Sua ação cultural de maior destaque é a gestão da Rede Brasil de Festivais, antiga Abrafim (Associação Brasileira de Festivais Independentes). Essa rede se faz responsável, em 2013, pela articulação de mais de 130 festivais no país. É também por meio dela que desenvolvem o projeto colaborativo Grito Rock, que em 2013 chegou a mais de 300 cidades de 30 países.

Sua ação comunicacional de maior visibilidade atualmente é a Mídia NINJA (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), antiga Mídia Fora do Eixo, que funciona como um novo meio de comunicação associado aos protestos e manifestações de rua dos novos movimentos sociais. Também se destaca por monitorar e difundir políticas públicas em todos os níveis federativos.

FIGURA 10 – Linha do Tempo do Funcionamento Político do Fora do Eixo



Conforme descrito no primeiro capítulo deste trabalho, em 2012, de acordo com inventário feito pela própria organização,¹⁰⁷ essa rede articulava 122 coletivos, 5 casas e 400 coletivos parceiros. Em agosto de 2013, esse número passou para 18 casas coletivas, 91 coletivos e cerca de 650 coletivos parceiros. Essa estrutura, de acordo com estimativa da própria entidade, envolve 600 pessoas diretamente ligadas ao Fora do Eixo, mas influencia cerca de 2000 agentes.

Seus coletivos-membros, aqueles que possuem pessoa jurídica, cerca de 20%, costumam ser associações sem fins lucrativos (ONGs). Há uma cultura de “empréstimo” de CNPJs para garantir a efetivação dos projetos que necessitam de regularidade fiscal para

¹⁰⁷ Os dados atualizados sobre o tamanho do Fora do Eixo foram divulgados no blog do jornalista André Forastieri, no Portal R7. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/blogs/andre-forastieri/2013/08/16/uma-entrevista-com-pablo-capile-do-fora-do-eixo>>. Acesso em: 16 ago. 2013.

serem desenvolvidos.

Esses coletivos reúnem jovens de nível universitário ou recém-formados, que atuam com artes, produção cultural e comunicação. Muitos desses jovens vivem e trabalham em casas coletivas gerenciadas por um “caixa coletivo” por meio do qual compartilham todas as suas necessidades materiais. Esse contingente de agentes liberados para o envolvimento nos processos de produção cultural e articulação política é um aspecto essencial da força do Fora do Eixo.

Outro elemento que compõe o seu poderio é a presença nacional, uma vez que possuem coletivos associados à rede em todos os estados do país. O fortalecimento da organização nos últimos anos também é fruto daquilo que Castells afirma ser, no livro *Communication Power*, a principal forma de poder na sociedade informacional: a capacidade de criar redes.

O Fora do Eixo desenvolveu tecnologias de gestão e difusão em redes sociais que o posicionam como uma plataforma ativista capaz de gerar efeitos de impacto no cenário político nacional. Por isso, hoje, é considerada uma das forças mais em evidência no cenário da cultura digital brasileira.

Sua estrutura organizacional reúne aspectos de horizontalidade e verticalidade. Dentro dos coletivos e casas, os viventes convivem por meio de relações de afeto e dinâmicas de interação consensuais, por meio da divisão de tarefas domésticas e operacionais. No entanto, o regimento interno e a carta de princípios do FdE determinam o funcionamento de instâncias administrativas que devem ser replicadas em cada um desses coletivos. Essas instâncias possuem uma dinâmica vertical de gestão e são dirigidas por colegiados. É assim que funcionam os simulacros, banco, universidade, partido e mídia, e as chamadas frentes gestoras de linguagens e projetos.

Como vimos no capítulo sobre as críticas públicas ao Fora do Eixo, essa associação complexa de horizontalidade e verticalidade é, por vezes, responsável pela redução da liberdade dos membros. Isso, no entanto, costuma ser característica dos organismos coletivizados, que praticam algumas restrições justamente para assegurar a continuidade do modelo de partilha.

A maior parte do financiamento dessa rede advém do investimento de tempo e trabalho desse contingente enorme de jovens articulados nos coletivos e casas. São eles que, com seus custos elementares de alimentação, habitação e vestuário cobertos, realizam os

serviços numa constante feira de trocas solidárias que é quantificada pelo banco social da rede. Os recursos em moeda corrente necessários à manutenção e infra-estrutura das casas e coletivos onde vivem os fora do eixo são obtidos por meio de prestação de serviços, além de financiamento público e/ou privado. Esse modelo será debatido mais adiante.

O principal aspecto contextual da origem do Fora do Eixo é sua associação à experiência de participação social proporcionada pelo governo Lula, em especial pelo Ministério da Cultura de Gil-Juca, que buscou fomentar ativamente, por meio de políticas públicas, as “forças vivas” da cultura brasileira. Aqui cabe ressaltar o Programa Cultura Viva, com os Pontos de Cultura e as ações de cultura digital. O governo Lula também foi marcado pelo fortalecimento dos valores da colaboração e do compartilhamento a partir da difusão do software livre como política de governo e como prática das organizações sociais contemporâneas; Por fim, a rede tomou fôlego e força em uma época de popularização da tecnologia como cultura e da inovação como parte do trabalho do criador e do produtor cultural.

* * * * *

Em um ensaio apresentado durante encontro sobre economia da cultura, organizado pela Secretaria Geral Iberoamericana, Nestor Garcia Canclini compartilhou algumas conclusões de uma investigação que ele liderou sobre a produção cultural jovem na Espanha e no México.

Nesse trabalho, Canclini destaca a emergência de uma juventude que atua em múltiplas cenas, fomentando novos trabalhos e modelos de negócio. Essa juventude, segundo ele – que cita o exemplo do Fora do Eixo no artigo - possui características semelhantes em vários países, entre as quais a acomodação a trabalhos instáveis e o desenvolvimento de táticas de coletivização e organização de redes. O teórico ressalta que a comunicação digital, para essa geração, está no núcleo de sua vida cotidiana, mas que só ela não é suficiente para explicar o que está ocorrendo.

A emergência das redes e de organizações de auto-produção é induzida também por um modelo econômico baseado na precariedade, que força o jovem à exigência de ser auto-empregável e a estar disponível permanentemente, além de ter de buscar a complementação dos ganhos em tarefas que não são propriamente artísticas. Por isso, essa

nova geração de realizadores culturais tem menos problemas em se relacionar com instituições públicas ou fundações empresariais, desde que elas garantam com seus recursos a realização de suas atividades de cunho cultural.

Buscam recursos onde puderem encontrar, aproveitam espaços e formas de comunicação de origens distintas; segundo alguns jovens editores ‘se trata de uma autonomia de objetivos artísticos, mas não de meios. Há muitos níveis em que se pode ser independente: no modo de produção, nos conteúdos ou controlando a repercussão e o uso que se faz de suas criações’ (CANCLINI, 2012, p. 12).

Não há uma pesquisa muito detalhada sobre o perfil do jovem que integra o Fora do Eixo. O que há de dado empírico foi compartilhado no primeiro capítulo deste estudo a partir de uma amostragem recolhida no congresso da entidade. Podemos dizer, no entanto, com base no convívio realizado, que a maioria dos fora do eixo são jovens com nível universitário e formação nas áreas de artes, humanidades e comunicação. Muitos oriundos de cidades de frágil mercado cultural e com poucas possibilidades de empregabilidade no campo da comunicação. Trata-se exatamente desse agente contemporâneo descrito como potenciais *trendsetters* por Canclini.

Não à toa, o ambiente dos coletivos integrantes da rede do Fora do Eixo, principalmente as Casas Fora do Eixo, é um híbrido de produtora cultural sem fins lucrativos, agência de conteúdos digitais, república estudantil e espaço cultural jovem – com paredes coloridas e grafitadas, mesas e cadeiras espalhadas, e telas de todos os tipos e tamanhos sendo utilizadas. Essas casas, afinal, são habitadas por esses jovens que vivem em um contexto econômico de precariedade e que decidiram buscar na coletivização de sua força de trabalho condições para realizar suas aspirações criativas. “Entre uma estrutura industrial de produção cultural que se transforma lentamente e sociedades que geram iniciativas de criação e comunicação frágeis, a tendência desses movimentos criativos e juvenis é buscar mais uma função de “sustentabilidade que de lucro” (ROWAN, 2010, p. 167).

Ou seja, o FdE articula esse novo tipo de sujeito social que Bentes chama de “precariado cognitivo, ou cultural” e o Passa Palavra identifica como uma potencial nova classe gerencial, a serviço da renovação do capitalismo.

* * * * *

O Fora do Eixo não se propõe a desenvolver uma narrativa baseada na crítica do capitalismo e nem mesmo realiza estruturalmente discussões filosóficas a cerca da configuração atual do capital. Ou seja, não está no interior da organização a necessidade de produção de uma teoria radical. Aqueles que compreendem a luta revolucionária a partir de uma teoria revolucionária de fato não poderiam visualizar no FdE um caminho. Por outro lado, a organização enfrenta as questões da luta anticapitalista de forma prática e difusa. Seus simulacros – como são chamadas as instâncias gerenciais internas - não são outra coisa senão simulações de como a rede imagina deveriam ser essas instituições. Os fora do eixo não estão à espera do momento em que se passará a viver fora do capitalismo (por meio de uma ruptura definitiva, seja de que forma for), mas sim de buscar alternativas de convívio dentro – e ao mesmo tempo fora – do sistema vigente. Bentes enxerga nisso a criação de “duplos disruptivos”, com vistas a rivalizar com as instituições tradicionais. “Se trata de disputar mundos, como propõe Félix Guattari em Caosmose e na sua filosofia política”.

A idéia de constituir comunidades alternativas, como ocorreu na dispersão da luta social nos Estados Unidos e em boa parte dos países ocidentais pós 1968, inspira a ação da rede de coletivos. A diferença é que essas comunidades não mais se colocam claramente fora (*drop out*), em sítios distantes, mas em casas ocupadas e coletivas no interior de cidades de pequeno, médio e grande porte. Portanto, as Casas Fora do Eixo são comunidades urbanas, cujas portas estão abertas ao convívio como moradores do entorno e com os artistas e ativistas locais – servindo como ambiente de troca e produção não só para os membros da rede. Um dos temas históricos dos movimentos libertários sempre foi obter meios próprios de produção, os quais lhes permitissem ter autonomia para realizar suas intervenções conflituosas. Nesse sentido, o FdE exercita, ao dispor de seu meios próprios de intervenção (infra-estrutura de produção cultural, comunicação, alimentação e espaço de encontro), de uma prática socializante que fortalece não só a si, mas também os seus parceiros.

Neste ponto se estabelece uma crítica estrutural à prática do Fora do Eixo por parte da UniNômade e de alguns movimentos sociais inspirados pelo Passa Palavra. Seria justamente ao dispor de seus meios de produção para usufruto de outros grupos políticos o momento em que o FdE “raptaria” o comum ou o sentido efetivamente transformador da luta social. Isso porque, ao não agirem com base em uma compreensão revolucionária – mantendo relações de produção com governos e empresas – o objetivo da rede não estaria no fortalecimento da luta em si, mas na “venda” da visibilidade gerada pela ação para obter mais recursos públicos e

privados. O risco de captura, de fato, é eminente. No entanto, essa não é uma questão nova no universo da esquerda, ainda mais aquela que não submete a liberdade à igualdade. Como nos diz Hyde (2010), trata-se de um dilema do mundo moderno: “como preservar o verdadeiro espírito de comunidade em uma sociedade de massa cujo valor dominante é o valor de mercado”.

Para avançar nessa questão, e irmos além da clivagem de métodos e propósitos – descrita no capítulo sobre a esquerda e a direita no contexto das redes –, e que, conjunturalmente, permanecerá insuperável, se faz necessário aprofundar a compreensão sobre esse sentido prático e difuso do agir anticapitalista do Fora do Eixo, por meio de alguns comentários sobre o modo de produção da rede. São avaliações preliminares. Pode-se crer que ao longo do tempo, com a estabilização da forma de agir do FdE, será mais fácil divisar se esses elementos se confirmam ou se, em alguns casos, foram apenas aspirações que não se realizaram integralmente.

(1) O regime de produção do Fora do Eixo não visa ao mercado. Antes, busca constituir um espaço não-comercial de circulação de bens imateriais (culturais e comunicacionais). Os coletivos estabelecem fluxos de troca com o Estado, por meio de editais, e acessam patrocínios privados para seus projetos culturais, em especial por meio de leis de incentivo à cultura. Também operam com doações e cooperação de fundações nacionais e internacionais e com geração de receitas próprias – por meio da venda de serviços e dos retornos provenientes de espetáculos e outras ações de produção cultural. O recurso obtido em moeda corrente – aquele que não é investido diretamente na realização dos projetos – é coletivizado em meios de produção próprios para uso dos integrantes da rede e também de seus parceiros – como vimos, o FdE se coloca como plataforma solidária.

(2) Não há na estrutura da organização uma separação entre proprietários de meios de produção e trabalhadores. Há, sim, uma hierarquização de responsabilidades e tarefas, mediadas por quantificações subjetivas, o chamado lastro. Este consiste, como vimos, em uma dinâmica de valorização interna que determina o posicionamento do agente dentro da rede. Nesse ponto, vale recuperar a idéia de dádiva, tal como propõe Hyde (2010). Segundo ele, em “comunidades cuja coesão tem por base doações” – e estamos falando de um caso assim, onde o trabalho individual é transformado em doação à coletividade, “‘status’, ‘prestígio’ ou ‘estima’, ocupam o lugar da remuneração financeira”. Não se trata, portanto, de um método novo. Mas sim uma forma que é praticada em diferentes comunidades de auto-produção.

O acesso aos bens gerados pelo trabalho coletivo é compartilhado indiferentemente entre os membros de um coletivo. Não há, também, tarefas específicas que não possam ser modificadas no correr do processo. Um integrante da rede está sempre sendo instado a mudar de função e papel – inclusive de cidade, estado e até país. Essa decisão sobre o papel a ocupar e a função a desempenhar é construída dentro do grupo.

A remuneração do membro do Fora do Eixo é o custeio de todas as suas necessidades individuais – sempre em choque com a necessidade do outro - e a possibilidade de realizar o que não seria possível em outro modo de produção. Essa talvez seja das mais radicais situações a que um integrante do coletivo se submete, uma vez que toda "a produção de si" é revertida para uma "produção do nós", anulando o indivíduo como unidade autônoma de mediação da força de trabalho. Vale também ressaltar que a aposta da rede é na criação de um modo de vida (“*lifestyle*”). Não se quer que uma Casa Fora do Eixo seja um ambiente de trabalho, mas essencialmente um espaço de realização das aspirações de seus membros. Trabalhar é consequência dessa escolha.

(3) Ao se realizar como um coletivo de desenvolvimento de tecnologias sociais o Fora do Eixo opera dentro da economia do “conhecimento”, que, segundo Gorz (2005), *per se*, consiste em uma negação da economia capitalista comercial.

Ao tratá-la como ‘a nova forma do capitalismo’, mascara-se seu potencial de negatividade. O conhecimento, inseparável da capacidade de conhecer, é produzido concomitantemente ao sujeito cognoscente. Ele é um *valor-verdade* antes de ser um *meio de produção*. Mais precisamente, os conhecimentos não se prestam a servir como meios de produção, e aqueles que se prestam a isso, imediatamente e por destino, distinguem-se pela sua eficácia instrumental, não pelo valor-verdade de seus conteúdos (GORZ, 2005, p. 55).

A prática dos agentes do FdE – ainda que eivada de contradições – aspira estar de acordo com a ética hacker, emergente dos desenvolvedores de software livre, os quais trabalham em regime de “cooperação voluntária”. Nesse modelo, o agente estabelece em relação ao outro um padrão de comparação baseado no valor de uso da sua contribuição para o coletivo. A coordenação dos esforços é livre, ou baseada em critérios de mérito e reconhecimento pelos pares. Gorz afirma que nesse modelo “o desenvolvimento do outro é também a condição do desenvolvimento próprio”.

(4) Para alguns críticos (PASSA PALAVRA¹⁰⁸, 2013; ORTELLADO¹⁰⁹, 2013), o excedente desse trabalho vivo, capturado pela hierarquia estruturante da organização, constituiria uma "mais-valia". Parece-nos de difícil a aplicação dessa categoria, uma vez que os bens e serviços gerados por um integrante da rede são convertidos em acúmulo para o conjunto dos agentes. Ainda assim, o que ocorre de forma contraditória, é que toda a "visibilidade" dessa produção converge para a composição do valor da organização Fora do Eixo, que, por sua vez, é administrada por meio de um estatuto, o qual define os direitos e deveres de seus integrantes. O "capital social" e "simbólico" gerado não é subdividido entre os integrantes da rede – isso porque o indivíduo passa a produzir como Fora do Eixo, e não como criador autônomo ou mesmo autor. Por outro lado, o agente, ao deixar o Fora do Eixo, também pode capturar essa "produção do nós" para um novo ciclo da "produção do si". Ou seja, dentro da regra mercantil, onde a unidade é o indivíduo, ele passa a poder expor como seu feito – ainda que não assinado – o trabalho coletivo em que esteve inserido.

Dentro do FdE, o que vigora, no entanto, é uma relação de dádiva e por isso Hyde pode nos ajudar mais uma vez. A economia política da "dádiva" prevê que doações são "propriedades anarquistas". Ou seja, as conexões e os contratos diferem dos laços que unem os grupos organizados de cima para baixo. Sendo assim, caso haja um "poder central" a definir como se estabelece o regime de doação, se desfaz a característica libertária do arranjo, e poderíamos então pensar em uma apropriação do "excedente" gerado pelo indivíduo dentro do coletivo. Por outro lado, se o que há não é um "poder central", mas um instrumento organizador das capacidades produtivas em benefício do grupo, para garantir a produção de uma obra coletiva, a crítica não se aplica. Encaixar-se-ia em uma negação *per se* de atribuir valor de troca ao conhecimento.

* * * * *

Sendo uma rede política que atua com cultura e comunicação, portanto, uma rede político-cultural, o Fora do Eixo é uma das organizações que integra o movimento social contemporâneo, determinado pela emergência da cultura digital. Esse movimento de novo

108 "Acabou a magia: uma intervenção sobre o Fora do Eixo e a mídia NINJA (1ª parte)", por Passa Palavra. Disponível em: <<http://passapalavra.info/2013/08/82548>> Acesso em: 17 ago. 2013

109 "Pablo Ortellado: experiência do MPL é "aprendizado para o movimento autônomo não só do Brasil como do mundo". Disponível em: <http://coletivodar.org/2013/09/pablo-ortellado-experiencia-do-mpl-e-aprendizado-para-o-movimento-autonomo-nao-so-do-brasil-como-do-mundo/> Acesso em: 17 ago. 2013

tipo, como descreve Castells, se realiza no espaço da autonomia, ou seja, a união das redes com as ruas. O nível de incidência do FdE, obtido a partir da força do contingente de agentes dedicados exclusivamente à sua rede, abrangência nacional e capacidade de criação e gestão de redes os destaca entre seus pares. Por isso – e trata-se de algo estimulado internamente – o Fora do Eixo – que é parte – se faz passar por todo: o movimento social das culturas, por exemplo. Essa é uma razão, como veremos, de críticas e objeções por parte de alguns atores não-alinhados ao FdE.

Do ponto-de-vista da ação, o Fora do Eixo é eminentemente uma organização de ativismo digital. Como afirmamos em capítulo anterior, constituiu-se como uma plataforma ativista a serviço de diferentes forças políticas com as quais se alia. Por isso mesmo, a comunicação exerce lugar central na atuação política da rede. Nas ruas, qualquer um se dilui na multidão. Na rede, no entanto, é possível verificar quem são aqueles que emitem os sinais que reverberam. Não à toa, como dissemos, a principal estratégia política do FdE passou a ser a Mídia NINJA, o simulacro que constrói as narrativas. Afinal, a política neste nosso tempo se efetiva pela capacidade de narrar e ser ouvido. Ao reunir mais de 200 mil pessoas em um link de streaming, na noite do dia 13 de junho, quando a Polícia Militar do estado de São Paulo caçou manifestantes pelas ruas da cidade, a Mídia NINJA não se destacou como meio de comunicação. Ela fez política.

Conforme defende o professor Javier Bustamante Donas, em artigo para o livro *Cidadania e Redes Digitais*, organizado pelo sociólogo Sérgio Amadeu da Silveira, essas tecnologias não são apenas “uma ferramenta de descrição da realidade, mas de construção da mesma”. Essa é uma forma nova de interpretar a ação política. É exatamente isso que os ativistas que integram atualmente o Mídia Independente (*IndyMedia*) não compreenderam, ao publicar uma nota¹¹⁰ em que afirmam que a Mídia NINJA reproduz a ação dos veículos tradicionais de mídia, por não ter uma prática militante associada aos movimentos populares. Essa leitura, justamente, exclui a possibilidade de agir exclusivamente em rede, como se ainda houvesse uma distinção entre o mundo virtual e a dimensão atual da vida.

A Mídia NINJA, munida de celulares e equipamentos tecnológicos de baixo custo, ao transmitir os protestos das ruas para as redes, com grande capacidade de audiência, amplia a força política dos movimentos e se faz instrumento da ação contestatória. Nisso, realiza aquilo que Júrís, baseado em Melucci (1989, p. 75), afirma: os novos movimentos são instrumentos

110 “Mídia Ninja, jornalismo e mídia independente”. Disponível em: <<http://www.midiaindependente.org/es/red/2013/08/523371.shtml>>. Acesso em: 28 ago. 2013.

de “inovação cultural” que desafiam os “códigos culturais dominantes desenvolvendo novos modelos de comportamento e relações sociais que invadem a vida cotidiana” (JURIS, 2008, p. 206).

Recorramos à ecologia. Ela pode nos emprestar duas definições para pensarmos a relação do Fora do Eixo com outras organizações políticas. Das várias formas que poderíamos abordar essa questão, uma delas, essencialista, mas não menos útil por isso, é classificar a visão dos pares do FdE em duas categorias: mutualismo (protocooperação) ou parasitismo.

O mutualismo cooperativo constitui uma relação harmoniosa entre duas espécies distintas, por disposição própria. Diferentes entre si, elas trocam necessidades e vivem juntas melhor do que quando estão sós. No parasitismo, a relação é desarmoniosa. O parasita retira do organismo diferente aquilo que necessita para si, sem levar em consideração se isso causará dano à espécie hospedeira. Ao associar-se a organizações com as quais possui afinidade política, dotando-as de condições de ampliar sua capacidade de incidência nas redes digitais, o Fora do Eixo parece propor uma relação de mutualismo. E isso de fato ocorre, como nos exemplos citados do #Mobiliza Cultura ou do #ExisteAmoremSP.

A crítica, no entanto, que alguns grupos fazem é: ao oferecer-se como plataforma narrativa das lutas, o FdE extrai desse conflito visibilidade e devolve às organizações esvaziamento programático. Nesse sentido, a relação seria de parasitismo, sendo o Fora do Eixo parasita e a multidão o hospedeiro.

Numa interpretação inicial, poderíamos dizer que quando as relações do Fora do Eixo se dão entre organizações, com contornos programáticos e táticos mais bem delineados, o mutualismo é a tônica. É o que neste estudo observamos na reação de alguns partidos, ONGs, e movimentos sociais que não possuem expertise de agir na rede. A tese do parasitismo ganha força quando o agente coletivo, no caso, o Fora do Eixo, estabelece interlocução com alguns indivíduos integrantes dos movimentos sociais em rede – os quais constituem a unidade básica desse fenômeno contemporâneo –, com alguns grupos cujos métodos de operação se referenciam na tradição libertária ou anarquista, e por isso contestam o modelo totalizante e com alguma centralização do FdE, ou articulações que se reivindicam anti-capitalistas.

Isso, no entanto, ocorre apenas com parte dessas forças. Muitos grupos libertários e anti-capitalistas estabelecem relações cooperativas com o Fora do Eixo, como vertentes dos Black Bloc. Seria preciso aprofundar essa investigação para chegarmos às razões que levam às escolhas dos adversários e dos aliados, o que não realizamos neste trabalho.

Para Juris, as estratégias organizacionais baseadas na autonomia, diversidade, na coordenação horizontal e no uso das novas tecnologias digitais costumam ser mais bem sucedidas que aquelas mais tradicionais, baseadas em organização vertical (“de cima para baixo”), identidades singulares e conformidade ideológica. Ele, no entanto, destaca que as formas descentralizadas mais radicais se mostraram não-estáveis. Por isso, defende que a construção de “movimentos de base-ampla, efetivos e sustentáveis talvez requeira a combinação de modelos horizontais com outros mais centralizados”.

* * * * *

No início do segundo semestre de 2013, como consta da seção “Deus e o Diabo na era das redes”, o Fora do Eixo foi submetido a um escrutínio público, o que fez emergir um conjunto novo de dados e informações para análise. Questões que se encontravam latentes – principalmente relativas ao convívio interno dos integrantes – vieram à tona. Também grupos os mais variados passaram a se posicionar publicamente sobre a atuação política da organização. Diante disso, foi fundamental considerar esses novos elementos na elaboração da dissertação. O risco consistiria em produzir um trabalho parcial e sem o distanciamento necessário que a ciência exige. Este relato buscou ser equidistante e desapaixonado – objetivo tanto quanto possível. No banco de dados do trabalho, estão sistematizadas as intervenções críticas que emergiram – principalmente nas redes sociais - e nos permitiram retornar aos entrevistados dentro da organização para esclarecer detalhes necessários a uma melhor compreensão do ocorrido. Vale dizer, no entanto, que a experiência do Fora do Eixo é muito mais complexa do que aquilo que emergiu nesses dias de exposição. Se, evidentemente, os relatos e contra-relatos que foram produzidos não poderiam ser descartados, também não seria correto submeter o trabalho à guerra de versões que se instaurou. Esta preocupação orientou a elaboração deste documento final, escrito justamente no momento em que o objeto escolhido transformou-se em alvo principal de um amplo debate público. Sendo assim – e considerando que se trata de um trabalho prioritariamente descritivo – esta leitura pode ajudar a jogar mais luz sobre uma organização que se revelou ser de amplo interesse público, o que só engradece a natureza deste empreendimento.

REFERÊNCIAS

AVRITZER, L. Conferências Nacionais: ampliando e redefinindo os padrões de participação social no Brasil. **Texto para Discussão** (IPEA. Brasília), v. 1, p. 7-24, 2012.

BARCELLOS, R. M. R.; DELLAGNELO, E. H. L. O surgimento do Circuito Fora do Eixo sob a ótica da Teoria Política do Discurso. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Gestão social, 2012, São Paulo. **Anais do Enapegs**. São Paulo: RIGS, 2012.

BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENKLER, Yochai. Coase's penguin, or, Linux and the nature of the firm. **The Yale Law Journal**, n. 112, p. 367-445, 2002.

_____. **The wealth of networks: how production networks transform markets and freedom**. New Haven, CT: Yale University Press, 2006.

_____. A economia política do commons. In: SILVEIRA, Sergio Amadeu da et al. (Org.). **A comunicação digital e a construção dos commons: redes virais, espectro aberto e as novas possibilidades de regulação**. São Paulo: Perseu Abramo, 2007.

BENTES, Ivana. Redes colaborativas e precariado produtivo. **Le Monde diplomatique**, v. 2, p. 09-127, 2007.

BOURRIAUD, Nicolas. **Radicante**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

_____. **Pós-produção: como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

CANCLINI, Néstor Garcia; CRUCES, Francisco; POZO, Maritza Urteaga Castro. **Jóvenes, culturas urbanas y redes digitales**. Madrid: Edición Fundación Telefónica: 2012

CANCLINI, Nestor Garcia. **Desarrollo Cultural: políticas de integración e iniciativas emergentes**. SEGIB: 2012. No Prelo

CAPILÉ, Pablo. **Produção Cultural no Brasil**. 2011. Disponível em: <<http://www.producaocultural.org.br/wp-content/uploads/livroremix/pablocapile.pdf>>. Acesso em: 19 ago. 2013.

CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. **A sociedade em rede**. 10. ed. São Paulo: Paz e terra, 2007.

_____. **Communication power**. Nova York: Oxford University Press, 2009.

_____. **Networks of outrage and hope**. Cambridge; Malden: Polity Press, 2012.

- COHN, Sérgio; SAVAZONI, Rodrigo. **CulturaDigital.Br**. Rio de Janeiro: Azougue, 2009.
- COSTA, Eliane. **Jangada Digital**. Rio de Janeiro: Azougue, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Foucault**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- _____. **Conversações: 1972 – 1990**. São Paulo: 34, 1992.
- _____. Post-scriptum sobre as Sociedades de Controle. In: **Conversações**. São Paulo: 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. v. 5. São Paulo: 34, 2005. v. 5.
- DUNN, Christopher. **Brutalidade jardim: a tropicália e o surgimento da contra-cultura brasileira**. São Paulo: UNESP, 2008.
- FROSSARD, Flavia. **A biopolítica da mídia livre: produção coletiva e colaborativa na rede**. 2011. 89 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), 2012.
- GALLOWAY, Alexander. **Protocol: how control exists after decentralization**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2004.
- RODRIGUES, M. V. Uma investigação na qualidade de vida no trabalho. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPAD, 13., Belo Horizonte, 1989. Anais... Belo Horizonte: ANPAD, 1989. 500 p. p. 455-468.
- GARLAND, Shannon. A rede não tem estética: a batalha entre os modos de ouvir e circular música independente em São Paulo. In: **Congresso da Associação Internacional para o Estudo da Música Popular (IASPM-AL)**, Córdoba, Argentina, 2012.
- _____. The space, the gear, and two big cans of beer: fora do eixo and the debate over circulation, remuneration, and aesthetics in the Brazilian alternative marketing. **Journal of Popular Music Studies**, n. 24, v. 4, p. 509-531, dez. 2012.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.
- GIL, Gilberto. **Discurso do Ministro da Cultura, Gilberto Gil, em Aula Magna na Universidade de São Paulo (USP)**. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/noticias-ancine1/-/asset_publisher/QRV5ftQkjXuV/content/ministro-da-cultura-gilberto-gil-em-aula-magna-na-universidade-de-sao-paulo-usp-/11025> Acesso em: 27 ago. 2013
- GIL, Gilberto. **Discurso de Posse como Ministro da Cultura do Governo Lula**. Disponível em: <<http://www2.cultura.gov.br/site/2003/01/02/discurso-do-ministro-gilberto-gil-na-solenidade->

[de-transmissao-do-cargo/>](#) Acesso em: 29 ago. 2013

GIL, Gilberto; FERREIRA, Juca. **Cultura pela palavra**. Rio de Janeiro: Versal Editores, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Novas teorias dos movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GOHN, Maria da Glória; BRINGEL, Breno M. (Orgs.). **Movimentos sociais na era global**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

GOMES, Maurília. **Ativismo social digital: a inserção dos movimentos sociais de Manaus nas redes on-line**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Manaus, 2012.

GORZ, Andre. **Adeus ao proletariado**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.

_____. **O imaterial: conhecimento, valor e capital**. São Paulo: Annablume, 2005.

JAMESON, Frederic. **Espaço e imagem: teorias do pós-moderno e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2004.

_____. **Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio**. São Paulo: Ática, 1996.

JURIS, Jeffrey. **Networking future: the movements against corporate globalization**. Duke University Press, 2008.

_____. **The new digital media and activist networking within anti-corporate globalization movements**. In: American Academy of Political and Social Science. **Anais...** p. 189-208, v. 597, 2005.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Multidão: guerra e democracia na Era do Império**. Rio de Janeiro: Record, 2005.

_____. **Império**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Commonwealth**. Harvard University Press. 2009

HIMANEN, Pekka. **The hacker ethic and the spirit of the information age**. New York: Rdom House, 2001.

HYDE, Lewis. **A dádiva: como o espírito criativo transforma o mundo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

KLEIN, Naomi. **Sem Logo: a tirania das marcas em um planeta vendido**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: an introduction to actor-network theory**. Oxford,

UK: Oxford UP, 2005.

_____. **Jamais fomos modernos**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.

LAZZARATO, Maurizio. **As revoluções do capitalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

LEMOS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEMOS, André; LEVY, Pierre. **O futuro da internet**: em direção a uma ciberdemocracia planetária. São Paulo: Paulus, 2010.

LESSIG, Lawrence. **Code and other laws of cyberspace**. 2. ed. Nova York: Basic Books, 2006.

MACIEL, Danielle Edite Ferreira. **Midiativismo**: entre a democratização e a assimilação capitalista. 158 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2013.

MARX, Karl. Salário, preço e lucro. In: **Obras Escolhidas de Marx e Engels**. v. 1. São Paulo: Alfa-Omega, p. 333-378, 2008.

MORAES, João Pedro de Quadro. **Emancipação 2.0**: o Fora do Eixo e a realização de uma utopia brasileira: a reinvenção das políticas culturais através da economia solidária, do crowdsourcing e do crowdfunding, 2011. 112 f. Monografia (Graduação em Biblioteconomia) – Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo, 2011.

OFUJI, Fabricio. **A internet livre como meio do músico independente**. 89 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Faculdade de Comunicação Social Cásper Líbero, São Paulo, 2011.

ORTELLADO, Pablo; PARRA, Henrique; RHATTO, Silvio. **Movimentos em marcha**: ativismo, cultura e tecnologia. São Paulo: Edição do Autor, 2013.

PELBART, Peter Pal. **Vida capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2009.

PERPETUO, Irineu Franco (Org.); SILVEIRA, Sérgio Amadeu (Org.). **O futuro da música depois da morte do CD**. São Paulo: Momento Editorial, 2009.

RIBEIRO, Gustavo Lins. **Cultura e poética no mundo contemporâneo**. Brasília: Editora da UNB, 2000.

SADER, Emir. **10 anos de governos pós-neoliberais no Brasil**: Lula e Dilma. São Paulo: Boitempo, 2013.

SANTOS, Laymert Garcia dos. **Politizar as novas tecnologias**: o impacto sóciotécnico da informação digital e genética. São Paulo: Editora 34, 2003.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da; JOSGRILBERG, Fábio Botelho. (Orgs.). **Tensões em rede: os limites da cidadania na internet**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da (Org.); Nelson Preto (Org.). **Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da. Ciberativismo, cultura hacker e o individualismo colaborativo. **Revista USP**, São Paulo, n. 86, p. 29-40, ago./out. 2010.

_____. Novas dimensões da política: protocolos e códigos na esfera pública interconectada. **Revista de Sociologia e Política**, v. 17, p. 103-113, 2009.

_____. O conceito de commons na cibercultura. **Líbero**, v. 11, p. 49-59, 2008.

_____. Ferramentas conceituais para a análise política nas sociedades informacionais e de controle. In: **35º Encontro Anual da ANPOCS**, 2011.

SILVEIRA, Sergio Amadeu da; MACHADO, Murilo Bansi; SAVAZONI, Rodrigo Tarchiani. Backward march: the turnaround in public cultural policy in Brazil. **Media, Culture & Society**, v. 35, p. 549-564, 2013.

TURINO, Célio. **Ponto de cultura: o Brasil de baixo para cima**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

UGARTE, David de. **El poder de las redes: manual ilustrado para personas, colectivos y empresas abocados al ciberactivismo**. 2008. Disponível em: <<http://deugarte.com>>. Acesso em: 13 mar. 2009.

UNINÔMADE. **O Comum e a Exploração 2.0**. Disponível em: <<http://uninomade.net/tenda/o-comum-e-a-exploracao-2-0/>>. Acesso em: 29 ago. 2013.

VIANNA, Hermano. Políticas da Tropicália. In: BASUALDO, Carlos (Org.) **Tropicália: uma revolução na cultura brasileira**. São Paulo: Cosac & Naify, 2007.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

YUDICE, George. Systemas y Redes Culturales: como y para qué? In: **Simposio Internacional Políticas culturales urbanas: Experiencias europeas y americanas**. Bogotá, 2003.

_____. Apontamentos sobre alguns dos novos negócios de música. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). **Nas bordas e fora do mainstream musical: novas tendencias da música independente no início do século XXI**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, p. 19-45, 2011.

ANEXO A – CARTA DE PRINCÍPIOS DO FORA DO EIXO

Documento elaborado em 2009, durante o II Congresso Fora do Eixo junto ao Prof. Dr. Ioshiaqui Shimbo, uma das principais lideranças de economia solidária do país

Preâmbulo

1. O Fora do Eixo é uma rede colaborativa e descentralizada de trabalho constituída por coletivos de cultura pautados nos princípios da economia solidária, do associativismo e do cooperativismo, da divulgação, da formação e intercâmbio entre redes sociais, do respeito à diversidade, à pluralidade e às identidades culturais, do empoderamento dos sujeitos e alcance da autonomia quanto às formas de gestão e participação em processos sócio-culturais, do estímulo à autoralidade, à criatividade, à inovação e à renovação, da democratização quanto ao desenvolvimento, uso e compartilhamento de tecnologias livres aplicadas às expressões culturais e da sustentabilidade pautada no uso e desenvolvimento de tecnologias sociais.

2. São ainda valores do Fora do Eixo a substituição da noção de interesse pela de valores no cotidiano do trabalho dos artistas, produtores e bandas, a substituição do foco nos produtos pelo foco nos processos, a substituição da racionalidade instrumental pela racionalidade comunicativa (dialógica) nas relações de trabalho e produção artístico-cultural e substituição dos valores de individualismo pelos valores de associativismo / cooperativismo.

3. Constituem-se em pilares e eixos de atuação do Fora do Eixo o conjunto de estratégias de sustentabilidade, de circulação, de comunicação e de emprego de tecnologias informação, de sonorização, palco e iluminação e software livre.

4. As ferramentas desenvolvidas a fim de dar consecução a cada um dos pilares de atuação do Fora do Eixo devem ser desenvolvidas de forma integrada, orgânica, transversal, interdependente e interpenetrante, de modo a constituir o chamado Sistema Fora do Eixo de Cultura, que tende a suplantar a lógica do modelo ainda predominante de indústria cultural (as majors e seu modus operandi contratual) pela lógica do “mercado médio” cultural, pautado pelos princípios da economia do comum aplicados às cadeias produtivas da economia da

cultura.

5. O Fora do Eixo é composto por Coletivos Locais de cada cidade ou município onde exista um núcleo ou célula de produção cultural, denominados de “Pontos Fora do Eixo”, cuja adesão do indivíduo no coletivo é livre, espontânea, esclarecida e consciente. Tais coletivos articulam-se em circuitos estaduais e regionais econômicos, de produção, formação, circulação e comunicação, que se fazem representar por um Colegiado Regional, capilarizando, assim, os preceitos e projetos da rede como um todo.

6. O Sistema Fora do Eixo de Cultura sintetiza o modus operandi de atuação do Fora do Eixo. É integrado por entidades as quais, com suas estruturas de funcionamento, estabelecem um fluxo de atuação integrado e sistêmico em prol do fortalecimento da cadeia produtiva cultura.

7. Para dar vazão a cada um dos pilares de atuação do Fora do Eixo, diversos projetos são desenvolvidos como ferramentas para concretizar aqueles que são os objetivos do FdE.

8. Além dos princípios e valores acima enunciados, os participantes do Fora do Eixo também convencionam quanto à adoção das seguintes diretrizes e premissas, elencadas conforme os enunciados abaixo:

8.1 – Intercâmbio, transversalidade e delegação

a) Formular e colaborar com o desenvolvimento de políticas públicas para a cultura, promovendo a atuação política com identidade representativa do FdE;

b) Estimular as redes sociais municipais, estaduais e regionais com vistas a valorizar as parcerias com outros grupos afins;

c) Integrar e estabelecer uma relação compartilhada com grupos parceiros de princípios semelhantes, redes e movimentos sociais;

d) Incentivar o debate e a formação de fóruns representativos no campo da cultura e afins;

e) Promover o intercâmbio entre os coletivos da rede e com os grupos afins, fomentando a transversalidade das ações do FdE, dos parceiros e das políticas públicas em geral;

8.2- Identidade, Diversidade e Autonomia

a) Questionar e enfrentar as práticas hegemônicas dos modos de produção, circulação e fruição com ênfase no campo da cultura;

b) Respeitar as diferenças e diversidades de condições étnicas, religiosas, culturais, linguísticas, estéticas, etárias, físicas, mentais, de gênero, de orientação sexual e outras;

c) Estimular, difundir e integrar a diversidade das expressões sócio-culturais e artísticas, garantindo espaços de valorização e de respeito a essa diversidade;

d) Promover o empoderamento dos indivíduos e coletivos dentro dos princípios da economia solidária e economia do comum.;

e) Fomentar a produção criativa, autoral, independente do mercado vigente e interdependente entre os grupos afins;

f) Valorizar socialmente o trabalho humano na perspectiva da igualdade de condições e da polivalência individual e coletiva;

g) Equilibrar a relação entre o trabalho manual e o intelectual com vistas a valorização equânime de ambas as práticas;

8.3 – Gestão e Sustentabilidade

- a) Fomentar a criação de moedas sociais nos coletivos da rede;
- b) Viabilizar a formação, produção, circulação e fruição, fomentando as trocas de serviços, produtos e saberes entre os coletivos, seus membros e parceiros;
- c) Orientar as ações para satisfação das necessidades individuais e coletivas de maneira equânime, justa e solidária;
- d) Adotar os critérios de territorialidade no estabelecimento das políticas do FdE;
- e) Fomentar o desenvolvimento da cadeia produtiva da cultura, promovendo alternativas de sustentabilidade pautadas no uso de tecnologias sociais e na perspectiva solidária;
- f) Fomentar a renovação de frentes de atuação, agentes e tecnologias, estimulando a criação experimental em todos os processos e produtos associados à atividade do FdE;
- g) Promover a democratização e universalização do acesso aos bens e serviços culturais;
- h) Estimular ações considerando o impacto ambiental e impulsionar as práticas de preservação, incentivando a utilização sustentável dos recursos renováveis;

8.4 – Inovação e Comunicação

- a) Estimular a criação, desenvolvimento e utilização de tecnologias livres, sociais e de código aberto referente ao direito autoral e propriedade intelectual, fomentando o uso de plataformas criadas pelos coletivos e parceiros;
- b) Garantir a difusão, o compartilhamento e o livre acesso às tecnologias do Fora do Eixo bem como outros conhecimentos livres;

c) Valorizar a troca contínua, colaborativa e a atualização de informações entre os coletivos da rede;

d) Estimular as práticas de comunicação livre, bem como parcerias com veículos de informação públicos, comunitários, independentes e outros, que não estejam ligados a grandes grupos ou conglomerados do setor;

8.5 – Formação e Conscientização

a) Estimular a formação e a resignificação contínua do processo, dos coletivos e seus membros, atingindo os agentes internos e externos;

b) Criar ferramentas de formação e qualificação dos agentes, promovendo a multiplicação do processo e do conhecimento cooperativo, solidário e coletivo;

c) Estimular a consciência e a clareza do processo nos indivíduos e coletivos da rede, promovendo a formação crítica dos agentes e do público;

d) Estar sempre alerta;

e) Estimular a disciplina e a liberdade;

f) Estimular a autocrítica, a humildade, a honestidade e o respeito nas relações sociais e ambientais;

g) Valorizar a essência do ser humano ao invés da posse;

h) Criar lastro através do trabalho gerando o equilíbrio entre o discurso e a prática;

i) Garantir a competência técnica dos setores produtivos no desenvolvimento de suas ações;

ANEXO B – REGIMENTO INTERNO DO CIRCUITO FORA DO EIXO

Documento elaborado em 2009, durante o II Congresso Fora do Eixo

DISPOSIÇÃO INICIAL

Este Regimento Interno regula o funcionamento da rede sócio-cultural Fora do Eixo.

1. DA ESTRUTURA POLÍTICA

O Fora do Eixo é uma rede colaborativa de coletivos de cultura distribuídos pelo mundo, e pautados em conceitos de Economia Solidária, Tecnologia Social e compartilhamentos livres de conhecimentos. A rede se caracteriza como movimento social e circuito cultural, sendo que o primeiro tem como foco o desenvolvimento das redes temáticas, através de práticas de articulação de diversos parceiros e redes. O segundo tem como foco o fortalecimento das redes produtoras enquanto Arranjos Coletivos Locais autônomos. O Fora do Eixo tem seu modo de organização político composto pelas seguintes instâncias: Pontos Fora do Eixo; Casas Fora do Eixo; Pontos Parceiros; Colegiados; Simulacros e Redes Temáticas; Ponto de Articulação Nacional e Agência de Cooperação Internacional.

1.1 – Ponto Fora do Eixo

São movimentos ou organizações – formais ou não -, sem fins lucrativos, responsáveis por mediar toda e qualquer ação ligada ao Fora do Eixo na sua cidade. Cabe ao PONTO FORA DO EIXO desenvolver medidas estruturantes capazes de gerar e estabelecer relações entre os pontos de conexões da rede e PONTOS PARCEIROS, bem como conectar novos agentes interessados em participar da rede. Cada cidade pode ter mais de 01 (um) PONTO FORA DO EIXO e/ou PARCEIRO. Nos casos de mais de 01 PONTO FORA DO EIXO deve-se formar um colegiado municipal, composto por pelo menos 01 (um) membro de cada PONTO, responsável pela gestão política do território. Caso haja uma Casa Fora do Eixo na cidade/território em questão, a mesma é a responsável pela articulação local.

1.2 – Ponto Parceiro (PP)

São organizações formais ou não, de qualquer natureza jurídica, que participam da Rede Local / Estadual/ Nacional, e que podem se caracterizar como PONTOS DE DISTRIBUIÇÃO, PONTOS DE MÍDIA, PONTOS DE PESQUISA e etc. Os PONTOS PARCEIROS devem estar devidamente conectados ao PONTO FORA DO EIXO, que tem a chancela e a autonomia local para gerenciar as parcerias.

1.4. Casas Fora do Eixo

São instâncias executivas, caracterizadas como residências culturais, que funcionam como agência do Banco Fora do Eixo, campus da Universidade Livre Fora do Eixo, diretório do Partido da Cultura, Estação de Mídia, Ponto de Hospedagem Solidária e articuladores de redes. Além disso, trabalha com o sistema de gestão econômica pautada em caixa coletivo. Cada regional terá uma Casa Fora do Eixo, que será responsável por executar e acompanhar a operacionalização do Programa Fora do Eixo em cada um de seus respectivos territórios regionais, assim como pelo atendimento, assessoria e suporte aos pontos de sua região; pelo recebimento de pedidos de adesão e desadesão da rede; entre outras funções de gestão. As Casas Fora do Eixo devem atuar em consonância com os Colegiados Estaduais/Regionais. Além das Casas regionais, também podem existir Casas Fora do Eixo municipais e estaduais, responsáveis pela gestão das micro-regionais.

1.5 – Redes

O Fora do Eixo é composto por 02 (dois) tipos de redes: (1) as Redes Territoriais, nas esferas Municipais, Estaduais, Regionais, Nacionais e/ou Internacionais. (2) Redes Temáticas, que derivam de linguagens artístico-culturais, sociais e/ou outros. Ambas são formadas por PONTOS FORA DO EIXO, CASAS E PARCEIROS, que atuam de forma conectada entre si. Para a gestão das redes, algumas regionais e estaduais se dividem em MICRO-REGIONAIS, geridas cada uma delas, por casas municipais, estaduais e/ou regionais.

1.6 – Colegiados e Conselhos

O Fora do Eixo possui 02 (dois) tipos de Colegiados: 1) Colegiados Territoriais; 2) Colegiados Temáticos. Os Colegiados Territoriais são instâncias deliberativas, que atuam pelo desenvolvimento de cada município, estado, região e/ou nação que compõem a rede. Os Conselhos Temáticos são instâncias deliberativas, que atuam pelo desenvolvimento de uma frente temática, artístico-cultural ou social.

Cabe aos Colegiados: estimular a pró-atividade dos Pontos Fora do Eixo; a circulação e as trocas; a formação de novos Pontos; facilitar encontros presenciais; mobilizar; mediar; monitorar; orientar; cobrar; sistematizar; relatorizar; aprovar ou não pedidos de inserção à rede; entre outras questões que implicam a atividade do Fora do Eixo.

1.6.1 – Colegiados Territoriais

Os Colegiados Territoriais são compostos por integrantes de Pontos Fora do Eixo, autoindicados, em sua respectiva esfera, e que atendam com frequência aos compromissos por eles estabelecidos. Os Colegiados devem ser aclamados anualmente com a participação de pelo menos 50% dos Pontos de Articulação de sua esfera (Nacional, Estadual, Regional), podendo ocorrer em qualquer instância deliberativa prevista neste Regimento. Os colegiados se dividem nas seguintes esferas:

1.6.1.1- AGÊNCIA DE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL - Colegiado que reúne PONTOS DE ARTICULAÇÃO LATINOS E PONTOS PARCEIROS INTERNACIONAIS convidados a compor o colegiado. É responsável por gerir e articular políticas de redes focadas no âmbito latinoamericano. É formado por pelo menos 05 (cinco) membros de PONTOS DE ARTICULAÇÃO NACIONAL (PAN) do Brasil mais integrantes de Pontos Latinos e Parceiros Internacionais indicados pelo PAN e/ou pontos de articulação da rede. Para participar é necessário que os integrantes façam parte do Ponto de Articulação Nacional, e que o mesmo, após se autoindicar, seja aclamado pelos membros do colegiado em alguma instância deliberativa nacional.

1.6.1.2- PONTO DE ARTICULAÇÃO NACIONAL - Instância deliberativa, composta por membros de COLEGIADOS ESTADUAL/REGIONAIS e TEMÁTICOS, com no mínimo 01 (um) integrante de cada estado/região, e 01 integrante de cada Frente Temática. Destina-se a gerir e cancelar ações de âmbito nacional e a mediar conflitos entre si. Para participar, os integrantes devem se autoindicar em quaisquer instâncias deliberativas regionais ou temáticas, e serem aprovados pela plenária presente. Após isso, para se manter no colegiado, o mesmo deve atender as respectivas agendas de trabalhos, comparecendo a reuniões deliberativas e outras ações definidas e encaminhadas pelo PAN.

1.6.1.3- PONTO DE ARTICULAÇÃO REGIONAL ou COLEGIADO REGIONAL - Instância deliberativa, composta por membros das Casas Fora do Eixo e de integrantes de PONTOS FORA DO EIXO da região auto indicados e aclamados em qualquer instância deliberativa regional prevista neste Regimento.

1.6.1.4- PONTO DE ARTICULAÇÃO ESTADUAL - Instância facultativa, deliberativa, composta por membros das Casas Fora do Eixo e de PONTOS FORA DO EIXO da região auto indicados e aclamados em qualquer instância deliberativa prevista neste Regimento.

1.6.1.5- PONTO DE ARTICULAÇÃO MUNICIPAL - Instância deliberativa, composta por pelo menos 01 (um) membro de cada PONTO FORA DO EIXO, auto indicados e aclamados em qualquer instância deliberativa prevista neste Regimento.

Parágrafo único - Qualquer divergência ligada a possíveis parcerias locais devem ser reportadas e debatidas com o PONTO FORA DO EIXO , ou o COLEGIADO MUNICIPAL ou a CASA FORA DO EIXO. Caso a situação não seja resolvida, o PONTO pode recorrer ao COLEGIADO ESTADUAL, em primeira instância, COLEGIADO REGIONAL, em segunda instância, e em último caso ao COLEGIADO NACIONAL. Em caso de PONTOS PARCEIROS ESTADUAIS/ REGIONAIS/ NACIONAIS, as divergências e/ou outras situações que demandam mediações, devem ser dirimidas pelo COLEGIADO ESTADUAL/REGIONAL/NACIONAL. Os PONTOS PARCEIROS podem participar de reuniões e ambientes deliberativos locais / estaduais – virtuais ou presenciais – mediante

solicitação e/ou aprovação pelo PONTO FORA DO EIXO, sendo-lhes concedido o direito de voz e de voto. Poderão também participar como ouvintes das reuniões referentes às instâncias deliberativas nacionais, porém sem direito a voto, em conformidade com o item 4.2.6. Para os casos onde não há COLEGIADO ESTADUAL, o PONTO FORA DO EIXO deverá se reportar diretamente ao COLEGIADO REGIONAL.

1.7 – Instâncias Deliberativas

As instâncias deliberativas são aquelas onde e quando são tomadas resoluções sobre temas relacionados ao Fora do Eixo.

1.7.1 São instâncias deliberativas

1.7.1.1 – Reuniões Gerais Virtuais

O Fora do Eixo pode se reunir por solicitação de qualquer um dos Colegiados, Frentes Temáticas, Simulacros, Mediadoras e/ou Produtoras, e devem ser convocadas pelas listas oficiais do Fora do Eixo.

1.7.1.2 – Congresso Fora do Eixo

Instância máxima deliberativa presencial de realização anual, que tem como objetivo debater, nivelar e encaminhar questões, bem como tirar as resoluções para planejamento anual da rede.

I – Etapas Regionais – São etapas deliberativas e preparatórias, que acontecem nas regionais Centro-Oeste, Norte, Nordeste, Sul, Minas Gerais, São Paulo e Rio de Janeiro e Espírito Santo, com objetivo de nivelar o conhecimento, indicar novos coletivos à Ponto Fora do Eixo, debater questões regionais e encaminhar propostas para a etapa Nacional.

II – Etapa Nacional – É a etapa deliberativa em que são definidas as diretrizes norteadoras do planejamento anual da rede. Esta etapa conta com a participação de todos os

PONTOS FORA DO EIXO, CASAS E PONTOS PARCEIROS (caso queiram participar). Caso algum coletivo não participe sem apresentar justificativa plausível em alguma reunião geral deliberativa, este poderá perder sua chancela de Ponto Fora do Eixo, participando apenas de sua Rede Estadual/Regional como um Ponto Parceiro. A operacionalização da produção fica sob responsabilidade compartilhada do Ponto Fora do Eixo anfitrião e do PONTO DE ARTICULAÇÃO NACIONAL.

1.7.1.3. Imersões Fora do Eixo

Instância deliberativa presencial, de realização anual, e que conta com a participação de todos os Pontos Fora do Eixo ligados ao tema ou região de cada imersão. As imersões são gerenciadas pela Universidade Livre Fora do Eixo, e são agendadas pelas respectivas frentes/colegiados estaduais/regionais.

1.7.2 – Do funcionamento das Instâncias

1.7.2.1 – Delegação nas Reuniões

Qualquer integrante dos Pontos Fora do Eixo pode participar das reuniões como DELEGADO, não havendo limite máximo de número de integrantes por coletivo presentes. A reunião não será paralisada para atualizar sobre os assuntos tratados aos membros que comparecerem com atraso. Os delegados deverão estar alinhados com a pauta do dia e as resoluções anteriores. O tempo extra de reunião, caso necessário, será decidido em consenso, preferencialmente, ou por meio de votação entre os delegados presentes.

1.7.2.2 – Quórum

As reuniões podem começar:

no horário previsto, com pelo menos um delegado de cada Ponto Fora do Eixo;

com 15 minutos de atraso, com qualquer número de delegados.

1.7.2.3. – Definição da(s) Pauta(s)

As propostas de pauta devem ser enviadas pelo Colegiado Estadual/ Regional e/ou Temático, responsáveis pela moderação da reunião para as listas oficiais de e-mails e facebook do Fora do Eixo.

1.7.2.4 – Deliberações

Deliberações são validadas em todas as reuniões contempladas no item 4.2.1, buscando-se sempre o consenso entre os coletivos. Caso não haja consenso, a questão será votada e aceita conforme a decisão da maioria (50% + 1). O voto pode ser paritário por Ponto Fora do Eixo ou não, sendo que a questão deve ser acordada antes da votação.

1.7.2.5 – Atas

As reuniões devem ter um responsável pela redação da ata, escolhido no início da sessão e em regime de rodízio. As atas deverão conter um resumo topificado dos assuntos debatidos e encaminhamentos. As atas serão compartilhadas para análise do conteúdo e poderão ser alteradas após o envio, mediante apresentação de justificativa. Todas elas serão arquivadas na Wiki Fora do Eixo ou no documento de Atas Permanentes da respectiva frente e/ou simulacro.

1.7.2.6 – Participação de Convidados/Observadores

Qualquer indivíduo pode participar das Reuniões Ordinárias descritas no item 4.1.1 como Observador. Fica a cargo da Plenária conceder ou não ao Observador o direito a fala e/ou voto, quando requisitado(a).

1.8 – Organização Estrutural

A organização Estrutural do Fora do Eixo é representada pelas redes temáticas,

simulacros e redes produtoras. Veja mais detalhadamente no modo de organização.

1.8.1 – REDES TEMÁTICAS

As Redes Gestoras Temáticas são os núcleos com agentes do FdE e externos à rede que representam as linguagens artísticas, culturais e sociais adotadas pela rede que aglutinam agentes culturais e concebem projetos para serem implementados na rede. As Redes Temáticas tem o papel estratégico de definir a atuação do Fora do Eixo e de mobilizar novos agentes de forma permanente. São elas:

1.8.1.1 – MÚSICA - Rede que reúne artistas, bandas, profissionais e parceiros em geral focados no desenvolvimento do cenário musical.

1.8.1.2 – CLUBE DE CINEMA - Rede de realizadores, cineclubistas, artistas, vj's e parceiros em geral focados em desenvolver o cenário do audiovisual.

1.8.1.3 – PALCO - Rede de artistas, diretores, realizadores e parceiros em geral focados em desenvolver o cenário das Artes Cênicas.

1.8.1.4 – FORA DO EIXO LETRAS - Rede de artistas, escritores, editores e parceiros em geral focados em desenvolver o cenário literário.

1.8.1.5 – POÉTICAS VISUAIS - Rede de artistas visuais, fotógrafos, designers e parceiros em geral focados em desenvolver o cenário das artes visuais.

1.8.1.6 – BANCO DA CULTURA - Rede dedicada às ações relacionadas as diversas formas de sustentabilidade. A Ecosol Coletiva se dedica a articular grupos, agentes e iniciativas na perspectiva da economia solidária, economia do comum, coletiva, do conhecimento, entre outras. A frente dialoga com bancos comunitários, bancos do futuro, fórum de economia solidária e etc.

1.8.1.7 PARTIDO DA CULTURA (PCULT) - Rede responsável pela articulação

política por meio/para a Cultura, aglutinando diversos agentes da cadeia produtiva artística, social e cultural na perspectiva de incluir a cultura no centro do debate político do Brasil e buscando novas formas de se fazer política.

1.8.1.8 UNIVERSIDADE DA CULTURA (UNICULT) - Rede responsável pela articulação de formação livre, por meio e para a cultura, aglutinando diversos agentes da cadeia produtiva artística, social, educacional e cultural na perspectiva de incluir o método de formação livre no centro do debate educacional.

1.8.1.9 NINJA (Narrativas Integradas de Jornalismo e Ação) - Rede responsável pela articulação da comunicação livre, através de variadas plataformas, em suas mais diversas linguagens, aglutinando comunicadores, jornalistas, blogueiros, midiativistas, veículos comunitários, entre outros. Dialoga com outras redes de comunicação assim como o Fórum Mundial de Mídia Livre.

1.8.1.10 NOS AMBIENTE - Rede de ativistas, permacultores, ambientalistas e parceiros em geral, focados em desenvolver práticas e debater conceitos relativos ao tema socioambiental.

1.8.1.11 HACKER FORA DO EIXO - Rede de ativistas, desenvolvedores, ciberativistas e parceiros em geral, focados em desenvolver práticas e debater conceitos relativos ao tema das tecnologias livres.

1.8.1.12 ESPORTE FORA DO EIXO - Rede de esportistas, gestores, profissionais e parceiros em geral, responsáveis pela articulação do Esporte, aglutinando diversos agentes da cadeia produtiva na perspectiva da inovação de práticas e políticas públicas para o setor.

2 – SIMULACROS (FRENTES GESTORAS MEDIADORAS)

Os Simulacros compõem o sistema solidário Fora do Eixo e têm o papel fundamental de gerar o fluxo entre as RedesRedes Temáticas e as Redes Produtoras. São elas que elaboram os mecanismos de sistematização, mapeamento, pesquisa, concepção, execução,

sustentabilidade, mobilização, articulação, comunicação e dinâmica entre os indivíduos e as coordenações institucionais do FdE, democratizando todas as tecnologias e decisões aprovadas pelos membros da organização, provocando a transversalidade entre todas as redes. Os Simulacros têm o papel fundamental de estar no suporte e preencher qualquer lacuna tanto nas redes temáticas quanto das Frentes Produtoras do Circuito. São Simulacros:

2.1.1 – BANCO FORA DO EIXO - Responsável pelas ações de sustentabilidade da rede, administra e organiza ações como mapeamentos, diagnósticos, pesquisas, planos de trabalho e comerciais, projetos, fundo, caixas coletivos, moedas complementares e fluxo entre as diversas Frentes no que tange às decisões acerca dos projetos e atividades a serem executadas. Esta Frente é dividida entre os Núcleos de:

- Pesquisa e Mapeamento;
- Projetos;
- Negócios;
- Fundo; e
- ACL (Arranjo Coletivo Local – extensão das ações nos pontos fora do eixo).

Cada um desses Núcleos tem seu foco de trabalho específico para a atuação sistêmica na rede.

2.1.2 – PARTIDO DA CULTURA FdE - Responsável pela articulação política, concepção e elaboração de estratégias junto às frentes da rede, ampliando o link entre as redes e os parceiros externos. O Partido deve trabalhar a manutenção do equilíbrio da dinâmica de grupo a partir das necessidades que cada Frente demanda em relação aos seus parceiros estratégicos. Algumas das principais ações têm como orientação:

- a relação com os Pontos de Cultura do Governo Federal na busca pela ampliação da

rede e troca de tecnologias;

- as Colunas FDE levando seminários, palestras, laboratórios de fomento à coletivos a diversos municípios, promovendo a expansão da rede; e

- os escritórios FDE nacional (SP) e os escritórios FDE regionais, dedicados ao fomento e estruturação de sedes permanentes, na perspectiva de trabalhar o mercado e a ação política da rede.

Atualmente, o Escritório São Paulo (Casa Fora do Eixo SP – CAFESP) tem como principal foco a atuação no mercado cultural na Música, ampliando as alternativas de sustentabilidade da rede e consolidando a cadeia produtiva musical brasileira.

2.1.3 – CENTRO MULTIMÍDIA FORA DO EIXO - Núcleo que trabalha toda a comunicação do Circuito e no suporte dos Pontos Fora do Eixo desenvolvendo as redes de mídias independentes locais. O CMFdE trabalha o conceito de toda a rede através da Rede Social Fora do Eixo, a Rádio, TV, Redação, Assessoria, Design e Mídia FdE dos projetos institucionais do Circuito, além de incorporar em cada Ponto Fora do Eixo o mesmo método de trabalho para o desenvolvimento das ações locais, conectados ao cenário cultural.

2.1.4- UNIVERSIDADE FORA DO EIXO

3. – REDES E FRENTES PRODUTORAS

As Redes Produtoras são as principais responsáveis pela execução dos trabalhos demandados pelas Redes Temáticas do FdE. São elas que convertem a idealização de um projeto no papel para a prática, transformando as idéias em realidade. As Redes Produtoras são fontes de produção do trabalho (card) necessário para suprir as demandas das Redes Temáticas e dos parceiros integrados ao sistema, atendendo a cadeia produtiva cultural local. Cada Rede Produtora se relaciona diretamente com uma ou mais Redes Temáticas e/ou Simulacros e pode transversar com todas elas.

3.1.1 – EVENTOS FORA DO EIXO - Núcleo de produção de eventos, apresentações artísticas e turnês da rede como Festival Fora do Eixo, Grito Rock, Encontros Regionais Fora do Eixo, Congresso Fora do Eixo, Noites Fora do Eixo, Tour FDE, Semana do Audiovisual (SEDA) e etc. Essa rede produtora estimula a produção de atividades nos Pontos Fora do Eixo que garantem as vitrines e plataformas de circulação, produção, formação, distribuição e comercialização artística da cadeia produtiva cultural.

3.1.2 AGÊNCIA FORA DO EIXO - Rede de artistas, gestores e agentes culturais responsáveis pelos trabalhos de circulação dos artistas na criação de rotas, catálogo, editais, fechamentos de shows, espetáculos, propostas comerciais, marketing e qualquer demanda referente a organização da carreira artística na rede. A Frente também potencializa a criação de núcleo a fim em cada Ponto Fora do Eixo.

3.1.3 FORA DO EIXO DISTRO - Rede responsável pelos trabalhos de distribuição e comercialização de produtos em lojas fora do eixo (física e virtual), feiras, banquinhas Fora do Eixo, Compacto.rec (projeto de distribuição virtual), etc. A Fora do Eixo Distro fomenta a criação de pontos de distribuição em todos os Pontos Fora do Eixo e promover fruição cultural.

3.1.4 TECNOARTE (TECA) - Rede responsável pelos trabalhos de áudio, sonorização, palco, PA, lutheria, ensaio, gravação, iluminação, técnica digital e qualquer demanda referente à técnica artística da rede. A TECA também é responsável por estimular o fluxo de materiais e tecnologias da área, objetivando a criação de uma rede de serviços e materiais para fomentar a estruturação de núcleos afins em cada ponto fora do eixo. A frente é dividida entre os núcleos de Compartilhamento de conteúdo, Ao Vivo (palco, som e luz) e Estúdios (gravação, ensaio).

3.1.5 RESIDÊNCIA CULTURAL - Espaço de intercâmbio, vivências, hospedagem e/ou moradia, de artistas, gestores e produtores culturais.

4. DOS DIREITOS

São direitos dos Pontos Fora do Eixo:

- Autonomia em consonância com a Carta de Princípios e Regimento Interno do ;
- Direito de usar a chancela;
- Direito de voz e de voto em todas as instâncias deliberativas (reuniões ordinárias, extraordinárias e Congresso Fora do Eixo, como descrito no item 4);
- Direito a participação e gestão em todos os projetos encaminhados pelo FdE FdE;
- Direito de acesso ao Fundo Nacional, na forma do regulamento próprio;
- Direito ao acesso à gestão nacional (Casas Fora do Eixo, Pontos de Articulação Nacional e outros) do FdE;
- Direito à utilização da Hospeda Cultura do FdE;
- Direito ao acesso a todas as tecnologias sociais produzidas pelo FdE.

3. DOS DEVERES

São deveres dos Pontos Fora do Eixo:

- Prestar contas das ações solicitadas pelo Colegiado Nacional;
- Estar integrado ao sistema solidário FORA DO EIXO CARD;
- Manter-se constantemente informado sobre as atualizações do Fora do Eixo – usando como fontes a newsletter semanal, as páginas institucionais nas redes sociais e a lista de e-mails – para não alegar desconhecimento quanto aos processos do FdE, entidades parceiras e afins;

- Fomentar o surgimento de outros PONTOS FORA DO EIXO;
- Comparecer ao Congresso Fora do Eixo Regional e Nacional com pelo menos 01 representante;
- Veicular a logo do Fora do Eixo nas peças gráficas desenvolvidas pelos Pontos;
- Endossar as decisões tomadas nas instâncias deliberativas;
- Participar dos debates nos ambientes deliberativos virtuais ou presenciais, conforme descrito no item 4;
- Democratizar o acesso a todas as planilhas e projetos ligados ao PONTO criando seus respectivos TECS;
- Estar em consonância com a Carta de Princípios e o Programa Fora do Eixo vigente.

4 – DA INSERÇÃO, RENOVAÇÃO E EXCLUSÃO DE PONTOS FORA DO EIXO

4.1 – Inserção

COLETIVOS representativos e atuantes nos segmentos da cultura poderão solicitar sua entrada oficial ao Fora do Eixo, desde que atendam os seguintes requisitos:

Adotar de maneira integral as disposições da Carta de Princípios e do Regimento Interno do Fora do Eixo;

Ser indicado por um ponto Fora do Eixo;

4.1.1 – Avaliação da Solicitação

O coletivo interessado em se inserir no Fora Eixo deverá apresentar o pedido ao PONTO FORA DO EIXO ou COLEGIADO de sua localidade, que é responsável por analisar o pedido e formular um parecer, a ser apresentado em uma das instâncias deliberativas on-line presenciais.

4.2 – Renovação da chancela

Para efetuar a renovação do direito de uso da chancela, o PONTO FORA DO EIXO deve participar do Congresso Fora do Eixo Regional e/ou Nacional, conforme definido no item 4.1.3.

4.3 – Da Desadesão de PONTOS FORA DO EIXO

Serão excluídos do Fora do Eixo e perderão os direitos de uso da chancela, os coletivos que:

- Não respeitem os itens descritos na Carta de Princípios;
- Não respeitem os itens descritos neste Regimento;

O Ponto Fora do Eixo só poderá ser excluído nas instâncias deliberativas.

5 – DA COMUNICAÇÃO

As instâncias referidas contemplam as plataformas de Comunicação interna e externa do Fora do Eixo.

5.1 – Comunicação Interna

5.1.1 – Grupo de Emails

- São ferramentas de comunicação direcionado para encaminhamentos de produção.

Lista de produção que trata de encaminhamentos relacionados à projetos e outros fluxos produtivos que envolvam equipes referidas ao grupo. Importante disciplina em relação à manutenção de temas em tópicos já abertos.

- São moderadores do grupo de email Coletivo Fora do Eixo (coletivo-fora-do-eixo@googlegroups.com) pelo menos um delegado de cada Colegiado Regional;

- Não será permitido o envio de emails puramente publicitários para o grupo de e-mail Coletivo Fora do Eixo (coletivo-fora-do-eixo@googlegroups.com), devendo esses ser direcionados para o grupo de facebook do Fora do Eixo (<http://on.fb.me/1cGPaXC>)

- Os assuntos em discussão devem ser organizados em tópicos, priorizando aqueles já existentes;

- Ao surgimento de um novo assunto, deve ser criado um novo tópico;

- Qualquer Ponto Fora do Eixo tem autonomia para criar um novo tópico.

5.2 – Comunicação Externa

5.2.1 – Imprensa

A produção, convocação e demais ações de comunicação com a imprensa formal e informal relacionadas ao Fora do Eixo devem estar em consonância com a Carta de Princípios.

5.2.2 – Delegação

Em caso de necessidade de representação do Circuito Fora Eixo em eventos, festivais, congressos, fóruns, comissões e outros, o delegado será definido pela Universidade Livre Fora do Eixo.

6- DO FUNDO

O FUNDO NACIONAL FORA DO EIXO tem como objetivo fomentar o desenvolvimento e a estruturação dos Pontos Fora do Eixo, na busca da sustentabilidade da rede. Através da construção de um “caixa coletivo nacional”, o Fundo deverá atender demandas de projetos realizados pelo Fora do Eixo, além de suprir necessidades específicas dos pontos e indivíduos integrantes da rede.

O Fundo opera de acordo com os princípios de solidariedade, colaboratividade, associativismo, minimizando a concorrência desnecessária para o desenvolvimento equânime da rede.

Para a gestão de recursos os pontos fora do eixo devem agir em consonância com o regimento do Fundo Fora do Eixo.

ANEXO C – FOTOS OFICIAIS DOS CONGRESSOS DO FORA DO EIXO

Reunião matricial do Fora do Eixo – 2007 – Grito Rock Cuiabá



1º Congresso – 2008 – Cuiabá



2º Congresso – 2009 – Acre



3º Congresso – 2010 – Uberlândia



4º Congresso – 2011 – São Paulo

